

FACULDADE CASPER LÍBERO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

**O PÚBLICO E O PRIVADO NAS NARRATIVAS DO BLOG *JOVENS DIPLOMATAS*:
UM PRODUTO MIDIÁTICO**

INGRID BAQUIT CORREIA

SÃO PAULO

2015

INGRID BAQUIT CORREIA

**O PÚBLICO E O PRIVADO NAS NARRATIVAS DO BLOG *JOVENS DIPLOMATAS*:
UM PRODUTO MIDIÁTICO**

Dissertação apresentada para obtenção de grau de Mestre em Comunicação pela Faculdade Casper Líbero na linha de pesquisa Produtos Midiáticos: jornalismo e entretenimento.
Orientador: Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho

SÃO PAULO

2015

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Autora: INGRID BAQUIT CORREIA

**“O PÚBLICO E O PRIVADO NAS NARRATIVAS DO BLOG JOVENS
DIPLOMATAS: UM PRODUTO MIDIÁTICO”**

Mara Roviada

**Profa. Dra. Mara Ferreira Roviada
Faculdades Integradas Rio Branco - FIRB**

Luis Mauro Sá Martino

**Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino
Faculdade Cásper Líbero - FCL**

Cláudio Novaes Pinto Coelho

**Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho
Faculdade Cásper Líbero - FCL**

Data da Defesa: 01 de setembro de 2015

Baquit, Ingrid.

O público e o privado nas narrativas do blog Jovens Diplomatas: um produto midiático/BAQUIT, Ingrid – São Paulo, 2015.

110 p.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho

Dissertação (mestrado) - Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação.

1. Blogs. 2. Produtos midiáticos. 3. Público e privado. 4. Sociedade do espetáculo. 5. Narrativas. 6. Jovens Diplomatas. Coelho, Cláudio Novaes Pinto. II. Faculdade Casper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação.

AGRADECIMENTOS

Dedico estas páginas ao mestre, incentivador e companheiro de todos os momentos, meu orientador Cláudio Novaes. Agradeço pelo cuidado, pelas conversas e pelos ensinamentos. Este trabalho também é seu.

À minha mãe, Ana Sílvia, a maior incentivadora dos meus estudos desde sempre. À minha família, Zezinho, Melina e Rebeca, pelo apoio e cuidado mesmo à distância. Ao meu companheiro, Victor, do meu lado em todos os momentos, por sua compreensão e incentivo, principalmente nos dias em que mais precisei.

Aos meus amigos do mestrado, Liliane, Douglas, Vivian, Denise, Maria Fernanda, Márcia, Paulo, Roberto, Alexandre, Juliana, Fábio, Giovani, Filó, Luís e Joana, pelas conversas enriquecedoras ou pelos momentos divertidos, que renovavam minhas energias. Aos professores da Cásper Líbero, que muito me ensinaram e fizeram renascer em mim o amor pela academia. E à equipe da pós-graduação, pela paciência, ajuda e constante sorriso no rosto.

Aos meus amigos e familiares de Fortaleza, por nunca me deixarem desistir. E também aos de São Paulo, Mariana, Isabelle, Carol, Victor e Ana, pela compreensão nos compromissos perdidos por causa dos estudos e por serem minha família postiça.

Ao Prof. Dr Luis Mauro e à Profa. Dra. Mara Rovida pelas construtivas críticas e colaborações a este trabalho.

RESUMO

A presente dissertação pretende trazer a interlocução das mídias digitais com o trabalho diplomático, apresentado no objeto de estudo, o blog Jovens Diplomatas, que será analisado como produto midiático. Criado em 2011, o veículo é escrito coletivamente por profissionais formados pelo Instituto Rio Branco em suas primeiras missões para países em desenvolvimento. Eles fazem parte de um projeto de expansão do Ministério das Relações Exteriores brasileiro, que buscou alcançar novos players em países da África e da Ásia. Uma espécie de diário transposto para o meio virtual, o blog apresenta narrativas sobre assuntos cotidianos nos países em questão, além de questões culturais e diplomáticas. Para tanto, o trabalho procura entender de que maneira as esferas público e privada estão presentes no blog, especialmente pelo fato de serem profissionais servidores públicos falando de assuntos particulares. As esferas público e privada, apresentadas por Arendt e Habermas e suas adaptações aos momentos da sociedade trouxeram novos modos de escrita e novos leitores, mas com a manutenção da subjetividade do autor. A maior mudança percebida foi o compartilhamento, que com o surgimento de esferas interconectadas e pela Conversação Mediada pelo Computador (Recuero), propiciou um espaço de interação e divulgação que alcança um maior número de pessoas. Mesmo como parte da sociedade do espetáculo (Debord), que supervaloriza o “eu”, o blog foge da tendência ao ter como principal objetivo cumprir a função diplomática da informação para a sociedade. A combinação dessas mídias digitais com os relatos diplomáticos deu origem a um novo tipo de narrativas, que chamamos neste trabalho de narrativas diplomáticas ou até mesmo de crônicas diplomáticas, resultado da análise de postagens escritas por três dos autores fundadores e de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Blogs. Produtos midiáticos. Público e privado. Sociedade do espetáculo. Narrativas. Jovens Diplomatas.

ABSTRACT

This paper aims to bring the dialogue of digital media with the diplomatic work, presented in the study object, the blog Jovens Diplomatas. Created in 2011, the vehicle is written collectively by professionals trained by the Rio Branco Institute in their first missions on developing countries. They are part of an expansion project of the Brazilian Ministry of Foreign Affairs, which sought to reach new players in countries from Africa and Asia. A kind of diary transposed into the virtual environment, the blog features stories about everyday matters in the countries concerned, as well as cultural and diplomatic issues. Therefore, the work seeks to understand how the public and private spheres are present in the blog, especially because they are professional civil servants talking about private matters. The public and private spheres, presented by Arendt and Habermas and their adaptation to society times brought new ways of writing and new readers, but with the maintenance of the author's subjectivity. The biggest change was perceived to share that with the emergence of interconnected spheres and the conversation Mediated by Computer (Recuero), providing a space for interaction and dissemination reaching a greater number of people. Even as part of the Society of the Spectacle (Debord), which overestimates the "myself", the blog runs the rule to be directed to fulfill the diplomatic function of information to society. The combination of digital media with the diplomatic reports gave rise to a new type of narrative, that we call on this work as diplomatic narratives or even diplomatic chronic, result of postings analysis written by three of the founding authors and literature review .

Keywords: Blogs. Media products. Public and private. Society of the spectacle. Narratives. Young Diplomats.

SUMÁRIO

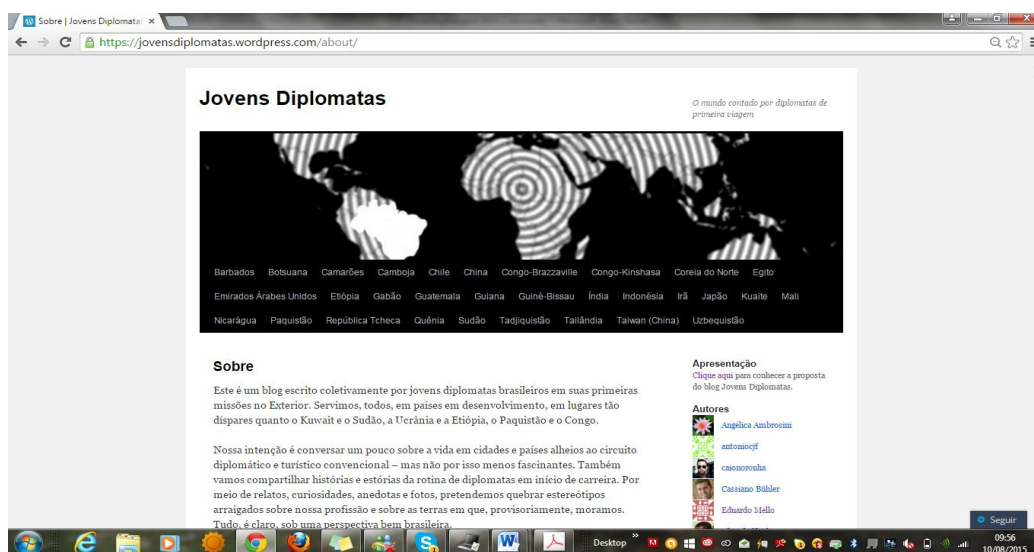
INTRODUÇÃO	9
1-DOS DIÁRIOS AOS BLOGS: A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E AS MUDANÇAS NAS RELAÇÕES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO	14
1.1 Do diário de papel ao virtual	14
1.2 Tempos atuais (A sociedade do espetáculo)	15
1.3 Blog	21
1.4 Esfera pública x esfera privada	23
1.5 Blog <i>Jovens Diplomatas</i>	29
2- BLOG JOVENS DIPLOMATAS: DIPLOMACIA E ESFERA PÚBLICA INTERCONNECTADA	32
2.1 A identidade internacional do Brasil	32
2.2 Instituto Rio Branco	36
2.3 Características diplomáticas	39
2.4 O Instituto Rio Branco e o processo de socialização	42
2.5 A diplomacia e as mídias digitais.....	47
2.6 Cibercultura e a nova esfera comunicacional	48
2.7 Blog <i>Jovens Diplomatas</i>	52
3- AS NARRATIVAS DO BLOG JOVENS DIPLOMATAS	54
3.1 A crônica	55
3.1.1 Crônica: gênero híbrido brasileiro	57
3.2 Narrativas	60
3.3 O blog	62
3.3.1 O blog e a conversação em rede: Comunicação Mediada pelo Computador (CMC)	63
3.3.2 O público e o privado na CMC	65
3.4 O blog <i>Jovens Diplomatas</i>	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS	92

INTRODUÇÃO

Um mundo de possibilidades. Assim são relações internacionais e seu efeito nas pessoas. Desde Marco Polo, o interesse pelo desconhecido faz parte do nosso crescimento e da tentativa de compreender o mundo em que vivemos. A diplomacia, que ganhou forças definitivas depois da Primeira Guerra Mundial, mostra a importância do respeito e do diálogo com outros países, principalmente com os pouco conhecidos por terem culturas e valores diferentes.

A vontade de conhecer ainda mais sobre o outro, especialmente os que habitam as nações do Oriente, ganha representação em livros, filmes e documentários. Mas, com a consolidação da internet como meio de comunicação e compartilhamento de mensagens, a troca de informações ganha um outro nível: o dever do diplomata de passar informação para o seu governo abrange também a sociedade.

O blog *Jovens Diplomatas* foi criado em 2011 e é um exemplo dessa influência das mídias digitais nas profissões, especialmente no trabalho diplomático. 15 diplomatas recém-formados pelo Instituto Rio Branco fizeram parte do primeiro momento e hoje o blog guarda textos de 26 profissionais brasileiros em suas primeiras missões no Exterior. Os países em questão estão, em sua maioria, na Ásia e na África, como Paquistão e Guiné-Bissau. Os autores são figuras públicas, profissionais do Governo Federal, mas os temas fogem do âmbito político e de temas diplomáticos oficiais. São relatos que combinam informação, literatura e subjetividade, comprovando que a necessidade de contar histórias e se expressar é natural do ser humano.



A pesquisa em questão procura estudar de que maneira as esferas pública e privada estão presentes no blog *Jovens Diplomatas*, seja por meio da comunicação mediada pelo computador ou pelo fato de serem profissionais servidores públicos falando de assuntos particulares, tendo um conteúdo que vai além das delimitações de cada esfera. Também se pretende entender como as mudanças das esferas pública e privada trouxeram a escrita íntima, característica dos diários de papel, para o meio digital através das plataformas chamadas de blog; discutir os aspectos que caracterizam e identificam um blog; investigar como a política externa nacional (em especial representada pelo Itamaraty) influencia no trabalho diplomático e nas relações do Brasil com outros países; analisar as narrativas do conteúdo do blog *Jovens Diplomatas*; estudar se as mídias digitais modificam a atuação profissional desses jovens diplomatas.

O blog como meio de disponibilização de textos e fotos na web mais simples e rápido, facilitando a fabricação de páginas por indivíduos com pouco conhecimento teórico proposto por Schittine (2004) está presente nesta pesquisa no capítulo 1. Esse é um dos diferenciais mais importantes para a construção do blog *Jovens Diplomatas*, a praticidade e a possibilidade de poder postar e editar suas matérias no tempo livre, já que o trabalho oficial exige uma maior demanda. De acordo com Schittine, o texto do blog é híbrido, pois mistura o caráter informativo do texto jornalístico e a subjetividade de um escrito íntimo. É da autora também que trabalharemos com os conceitos de narrativa, sobre a necessidade de contar histórias que está presente em todos os seres humanos e que passa agora a ser apresentada também no meio técnico dos computadores através do blog. A necessidade da visibilidade e a espetacularização do eu nos tempos atuais são temas apresentados por Debord. Já Sibilia (2008) trabalha essa questão nos blogs, em um momento em que há uma sobreposição entre os limites das esferas pública e privada.

No que concerne ao estudo da passagem do diário de caráter privado para meio público, trabalharemos com os conceitos de público e privado de Arendt (2007) – em que um fato só passa a ser real quando é tornado público – e por Habermas. Enquanto a autora mostra que a esfera privada procura seu reflexo no meio público e que as duas passaram por transformações com o surgimento da modernidade, Habermas explica que a esfera pública foi criada por indivíduos que debatiam sobre temas de interesse geral. Os trabalhos desses autores legitimam a importância de publicação dessas narrativas que serão estudadas. Para a análise do blog, será trabalhado também o contexto da esfera pública interconectada.

O capítulo 2 mostra que os interesses da política externa brasileira influenciam diretamente no Instituto Rio Branco. O blog em questão foi criado por uma das “turmas do cem”¹ que fazem parte da política de expansão da diplomacia brasileira em países do hemisfério sul, em especial os países da Ásia e da África. Essa abertura de novas missões no exterior comandada por jovens diplomatas e novas ferramentas comunicacionais possibilitam uma ressignificação ou uma agregação de novas características diplomáticas.

Esta dissertação não pretende entrar na esfera oficial do trabalho diplomático brasileiro, mas pelo fato de o blog ter sido lançado em meio a um contexto histórico e político específico, considera-se necessário trazer um breve histórico sobre a questão da política externa e como ela é trabalhada pelos diversos governos desde Vargas até Dilma por meio dos trabalhos de Celso Lafer (2007) e Paulo Fagundes Vizentini (2008). A construção dessa política mostra um pouco sobre os objetivos internacionais do Brasil em cada período e os pontos em comum a todos.

A função de informação, parte do trabalho diplomático e estendida à sociedade, já mencionada acima, é de especial importância para este trabalho e pode ser feita de diferentes maneiras. Uma, que faz parte das funções do diplomata é colher informações do Estado onde se está trabalhando para seu país de origem. A segunda, não obrigatória mas igualmente importante, é a de disponibilizar esses dados para a sociedade, como um serviço de utilidade pública. Neste caso, pode-se citar exemplos de livros, artigos e blogs de diplomatas ou agentes negociadores sobre experiências em missões diplomáticas ou eventos internacionais. Neste trabalho, o foco está direcionado para o blog *Jovens Diplomatas*.

Empreender uma pesquisa em torno do *Jovens Diplomatas* é relevante porque o brasileiro em geral tem uma certa defasagem informacional de lugares menos turísticos e das atividades realizadas por um diplomata oficial. Além disso, considera-se importante debater como os diplomatas que escrevem no blog veem os elementos culturais, sociais e econômicos de países semelhantes ou ainda menos desenvolvidos.

¹ Durante os quatro anos que o governo Lula mais investiu em novos players internacionais, de 2006 a 2010, o Instituto Rio Branco, que abria em média 30 vagas por ano, passou a abrir 100. Os diplomatas que fizeram parte dessas quatro turmas eram chamados de membros das “turmas de cem”.

Dos 15 autores fundadores, três foram escolhidos para ilustrar este trabalho. Thomaz Napoleão é jornalista formado pela ECA-USP e escreveu sobre o Paquistão. Foi dele a ideia de criar o blog em questão e foi ele quem mobilizou os demais colegas em 2011. Ainda em 2010, Eduardo Mello e Krishna Monteiro, pensaram em criar um veículo parecido, mas a ideia não saiu do papel. Eduardo é advogado e Krishna também é jornalista e são os outros dois diplomatas analisados no terceiro capítulo.

O espaço criado por esses profissionais é um blog com template do wordpress, de fácil navegação. O leitor pode procurar os textos por autor, por país ou por assunto, e na página inicial ficam as postagens mais recentes. “O mundo contado por diplomatas de primeira viagem”, como divulga a página.

Hoje, vivemos em um momento dinâmico, informacional e tecnológico, em que é fundamental estar sempre em busca do aprimoramento do saber e da familiaridade com as tecnologias. Esse acompanhamento também pode ser visto no blog *Jovens Diplomatas*, que traz assuntos em uma linguagem acessível e em vários casos, mais informal e pessoal. Parte da vida humana, a narrativa adapta-se aos meios em que são transmitidas. Hoje, fala-se em uma narrativa midiática, em que na sociedade contemporânea, e cada vez mais, sem a mídia não há mais mundo possível, porque é nela e através dela que o ato narrativo, de modo largamente predominante, se constitui. Daí, a importância do estudo e da pesquisa focada nas representações que a mídia hoje produz e reproduz, nos produtos midiáticos e em suas significações. (COELHO et al, 2012).

O estudo narrativo do conteúdo do blog complementa-se com a revisão bibliográfica acerca do tema narrativa por autores já citados anteriormente e por entrevistas (em anexo) com os diplomatas que escrevem para o blog no capítulo 3. Para este trabalho, foram escolhidos os textos de três diplomatas e fundadores do veículo: Thomaz Napoleão, Eduardo Mello e Krishna Monteiro em suas estadas no Paquistão, Guiné-Bissau e Sudão, respectivamente. Como o blog é alimentado por vários diplomatas, mas não tem um critério de postagem ou política de regulamentação, vários destinos tinham apenas um texto disponível. Os critérios para escolha foram então, os autores que mais escreveram histórias e com maior variedade de estilos literários.

Para o estudo dos textos, o último capítulo apresenta a crônica, gênero híbrido entre a literatura e o jornalismo, como forma de escrita leve e possível por pessoas que não são

jornalistas para propiciar veracidade e sensibilidade ao leitor. José Marques de Melo, Antônio Cândido e Luiz Beltrão são os principais autores utilizados como base para o desenvolvimento do assunto.

O trabalho em questão não pretende traçar conclusões sobre os assuntos abordados, mas propiciar abertura para novas discussões, especialmente por ser um dos poucos que trata sobre o tema da diplomacia brasileira atrelada às mídias digitais. A questão do público e do privado como duas esferas sem delimitações definidas é uma consequência do mundo a que pertencemos. De fato, a formulação das duas esferas foi uma criação do homem e se modifica de acordo com as necessidades e com as mudanças pelas quais passa a sociedade. No caso do blog e a comparação com os diários de papel, o que se percebe é uma reformulação, já que o objetivo de se expressar sobre temas íntimos continua. Assim como o autor/narrador/personagem permanece o mesmo. O que se altera é o compartilhamento, a divulgação e a criação de um espaço para a interação com o outro, o que passa a alcançar mais pessoas.

As redes sociais propiciam novos espaços de conversação, interação e informação, sendo fundamental uma maior compreensão da relação entre os meios digitais e as pessoas, com seus usos e interações. Essas possibilidades também são utilizadas pela diplomacia, por meio de jovens diplomatas no exterior e sua interação com a sociedade a quem servem. Relação essa que procuramos entender neste trabalho.

1 – DOS DIÁRIOS AOS BLOGS: A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO E AS MUDANÇAS NAS RELAÇÕES ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

O blog, como produto midiático, é objeto de estudo desta dissertação. Neste trabalho, relacionamos o blog com o diário, aquele caderno de assuntos íntimos, escrito muitas vezes em segredo e de âmbito privado. No caso do nosso objeto, continuam sendo os relatos pessoais, mas trazidos a público. Agora, todos podem ler. O estudo sobre o contexto histórico é de grande importância para tentar entender seu desenvolvimento como meio de comunicação. Dentro desse breve levantamento sobre informações históricas, trazemos como destaque a discussão da sociedade do espetáculo de Guy Debord.

A caligrafia entrega as sensações guardadas pelas páginas do caderno. Aparece bem desenhada quando a autora cuidadosa pretende guardar os acontecimentos com carinho. Ou pode vir meio torta, como as situações tortuosas que mais precisam ser registradas que refletidas e lembradas. Pode até ser meio desleixada, por pressa ou por desinteresse. O dono de um diário de papel não precisa se preocupar em apresentar uma letra bonita. Afinal, só ele está destinado a lê-lo e ninguém mais precisa entender o que está escrito.

Hoje, as folhas levemente amareladas, as embalagens de chocolate e os cartões-postais foram substituídos por imagens em jpeg e templates que oscilam entre padronizados e personalizados. Os caracteres, não mais escritos à mão, são disponibilizados em diversos tipos de fonte pelo computador. E a característica que talvez seja a mais importante, a atividade antes solitária ganha companheiros. São os leitores. E no caso do nosso objeto de estudo, ganham outros autores.

À materialidade áspera e tangível da folha de papel, do caderno, da tinta, das capas duras e do envelope, opõe-se a etérea virtualidade dos dados eletrônicos. Mesmo dependendo de uma pesada – e custosa – parafernália mecânica ligada na tomada, após digitarmos no teclado os signos se propagam na magia etérea dos impulsos elétricos e passam a brilhar na tela do monitor. Convertem-se em pura luz intangível, algo que aparenta não possuir qualquer consistência material (SIBILIA, 2008, p. 36-37).

1.1 Do diário de papel ao virtual

Os diários manuscritos não permitem leituras rápidas. É preciso absorver a caligrafia, os sentimentos expressos na folha de papel e a particularidade da escrita com suas abreviações

esporádicas e expressões linguísticas únicas. Também vale ressaltar a necessidade da imaginação para suprir a falta de contextualização das histórias ali escritas. Como os textos não são escritos para outros lerem e compreenderem, é comum não encontrarmos muitas informações sobre o ambiente e o momento histórico vivido, referências às pessoas citadas e mais detalhes da personalidade de quem está escrevendo. Essas características apontadas podem ser as mais relevantes para diferenciar o papel do virtual.

Enquanto o diário de papel dispensa apresentações, os textos publicados na internet trazem informações mais aprofundadas sobre os personagens, lugares e situações vividas. O fato de ser escrito para que outros leiam e se identifiquem torna necessária uma contextualização mais rica e detalhada. Como os posts são frequentes e os leitores normalmente são assíduos, essas informações são apresentadas uma vez, ficando subentendidas nas postagens seguintes. O arquivo virtual do blog, disponível para os leitores, fica no canto da página e permite que sejam resgatados os assuntos que precisam ser relidos no momento em que for mais conveniente.

Mas apesar de seu caráter privativo, os diários são democráticos. Qualquer pessoa pode ter um. Basta papel e caneta. Essa acessibilidade também continua no meio eletrônico. Só é preciso o acesso à internet e uma conta no blog de sua preferência. O diário, tanto de papel quanto o virtual, não demanda uma escrita específica ou uma estética estilística.

A interação com os leitores é um dos exemplos desses textos publicados na blogosfera. Além da característica hipermídia, permitindo ligações com outros blogs, fotologs. Nesse caso, sabe-se que um possível leitor que não o autor vai entrar em contato com o texto, então já se escreve com essa ideia em mente. Na escrita do diário de papel, era provável que o leitor fosse apenas uma faceta “do obscuro *eu* de cada autor-narrador-personagem”.

1.2 Tempos de sociedade do espetáculo

Um modelo que transformou o mundo tanto no viés econômico como na percepção. Na sociedade do espetáculo apresentada por Debord (2015), a representação é maior que a realidade e a aparência tem mais força e importância que o ato de ser. O autor mostra que todas as sociedades que vivem sob as modernas condições de produção (capitalismo) estão envolvidas em uma enorme acumulação de espetáculos, onde a vida passa a ser uma representação. O que é real

passa a ser objeto de contemplação. É uma “inversão concreta da vida”, o mundo das imagens autônomas, onde os homens não mais são atores.

considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana - isto é, social - como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como a negação visível da vida; como negação da vida que se tornou visível (DEBORD, 2015, p. 16).

Assim, a exibição da intimidade e a espetacularização da personalidade caminham juntas. Uma gradativa exteriorização do eu. A bagagem acumulada e o caráter psicológico não têm mais importância. Muito menos a contemplação introspectiva ou o olhar retrospectivo.

É o momento histórico em que vivemos e tem como características a positividade, a inacessibilidade e não dá margens para discussão, pois exige a aceitação passiva e trabalha com a filosofia de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. No espetáculo, os meios são equivalentes ao fim e não deseja nada além dele mesmo. “Como indispensável adorno dos objetos produzidos agora, como demonstração geral da racionalidade do sistema, e como setor econômico avançado que molda diretamente uma multidão crescente de imagens-objetos, o espetáculo é a principal produção da sociedade atual” (DEBORD, 2015, p. 17).

E essa sociedade espetacular também tem sua representação na internet. Uma delas é o blog, visto por Sibilia como um “novo gênero confessional”. A autora mostra que “torna-se evidente o contraste entre estas novas modalidades e algumas formas modernas de atualizar a memória do vivido: do diário íntimo à psicanálise, passando pelo romance clássico e pelas autobiografias românticas” (SIBILIA, 2008, p.116).

Sibilia aponta como mudanças a cronologia específica dos novos relatos. A insistência sempre recente e permanente das informações, mesmo que adicionadas em fragmentos. E a vida como um perpétuo presente, característica da contemporaneidade. Esse modo de vivê-la pode ser visto como uma consequência da descrença da linearidade do progresso e do suposto fim da história trazidos pelo movimento pós-modernista. Debord afirma que o “tempo congelado” seria uma das características base da sociedade do espetáculo.

Mas o interesse pela memória não se perdeu. De fato, modificou-se em uma memória virtual, em que é possível editar um acontecimento, deletar algum dado pessoal do nosso acervo, rebobinar uma lembrança interessante, escanear algo esquecido na memória, clicar em um link hipertextual, etc. Até um backup – uma cópia de segurança para as nossas informações mais valiosas – pode ser feito por uma máquina e a função de reiniciar quando trava.

Essas mudanças não só demonstram as transformações que estão acontecendo como também modificam nossa forma de agir, pensar ou ser. Pois, o tempo como entendemos é uma noção criada, normalmente por quem escreve a história. São eles também que atribuem um sentido e um significado ao tempo. Durante muito tempo, a história dos grandes impérios do oriente podia ser resumida pela relação com suas respectivas religiões. Como mostra Debord (2015, p. 91), “os senhores que, sob a proteção do mito, detêm a *propriedade privada da história*, detêm-na primeiro no modo da ilusão”.

A sociedade burguesa também está relacionada a um tempo. No seu caso, o tempo do trabalho. Separada do tempo mítico, do tempo cíclico (aquele dividido em estações do ano, colheitas e datas religiosas), seu valor é o trabalho. É o tempo histórico da produção econômica, da sociedade da mercadoria. É o tempo universal, que, com o desenvolvimento do capitalismo, passa a ser definido como o calendário de todos os países.

Como a sociedade do espetáculo é a sociedade dos “pseudos”, também é nela que encontramos o “tempo pseudocíclico”. Transformado com base na produção de mercadorias, é também um produto consumível: é o tempo dos eventos que se repetem para promover o consumo (férias, feriados, datas comemorativas, etc.) É igualmente o tempo espetacular, de consumo das imagens. Debord utiliza o termo “pseudocíclico” pois, “o tempo cíclico das antigas sociedades era consumido de acordo com o trabalho real delas, o tempo vivido realmente. Já o primeiro é o tempo da realidade que se transforma, vivido ilusoriamente” (DEBORD, 2015, p. 107).

Nesse tempo “pseudocíclico”, não é levada em consideração a história vivida individualmente, já que os “pseudoacontecimentos” da vida espetacularizada não são vivenciados por seus espectadores. O espetáculo é a “memória do abandono da história” e a “falsa consciência do tempo”. É, ainda, a separação entre o homem e o homem, a ilusão do encontro, pois “numa sociedade em que ninguém consegue ser *reconhecido* pelos outros, cada indivíduo torna-se incapaz de reconhecer sua própria realidade. A ideologia está em casa; a separação construiu seu próprio mundo” (DEBORD, 2015, p. 140).

O espetáculo, em toda a extensão, é sua ‘imagem do espelho’. Aqui se encena a falsa saída de um autismo generalizado”. (...) “O espetáculo, que é o apagamento dos limites do eu e do mundo pelo esmagamento do eu que a presença-ausência do mundo assedia, é também a supressão dos limites do verdadeiro e do falso pelo recalçamento de toda verdade vivida, diante da *presença real* da falsidade garantida pela

organização da aparência” (...) “O reconhecimento e o consumo das mercadorias estão no cerne dessa pseudoresposta a uma comunicação sem resposta”. (DEBORD, 2015, p. 140).

Sibilia (2008) questiona o formato que a subjetividade adquire em nossa cultura, podendo ter textos em que o autor está presente, como o gênero autobiográfico em que o autor é também narrador e protagonista da história, e outros que são válidos dentro do anonimato. Na Idade Média, por exemplo, o papel do artista era não de criar, mas de copiar o mundo de forma habilidosa. O importante era a obra, o objeto criado e não o autor. Por isso a grande quantidade de obras medievais anônimas.

Com o fim da Idade Média e o advento de uma subjetividade relativa, a arte começa a ser exposta, contemplada e consumida. O Romantismo foi o responsável por trazer a espontaneidade criativa do autor. Sua individualidade era sua fonte de arte (SIBILIA, 2008). E é a partir deste momento que começa a relação direta entre a personalidade do artista e sua obra. A inspiração. Surge aqui também o conceito de autor, aquele que reivindica para si a criação de sua obra. Uma ideia de propriedade em relação a determinado objeto.

Já no contexto atual, percebe-se que a obra passa para um segundo plano, e a figura do autor midiaticizada ganha a cena. Isso se dá, como explica Sibilia (2008), pela espetacularização da personalidade e pela exibição da intimidade, que estão presentes nos mais diversos meios de comunicação. É a consagração do que o artista é em detrimento do que ele faz. A autora também destaca o papel da mídia e do mercado ao definirem o que seria arte e quem seria artista. O artístico se confunde com o vendável. Essa mudança no modo de ver e classificar a arte também trouxe outra novidade: a que qualquer pessoa pode ser personalidade.

Assim, impregnadas pela lógica do espetáculo midiático, as envelhecidas figuras do autor e do artista transmutam em sua versão mais atual: convertem-se em celebridades. Ou seja: um tipo particular de mercadoria, revestido com certo verniz de personalidade artística mas que dispensa toda relação necessária com uma obra (SIBILIA, 2008, p 190-191).

Para entender um pouco sobre o surgimento dessa sociedade do espetáculo, retornamos à Revolução Industrial, com a divisão do trabalho e a produção massificada. Naquele momento, a mercadoria já tem espaço dominante na vida social. Sua ocupação total é o que Debord vê como o espetáculo, onde tudo (economia, política e ciência) está ligado diretamente a ela. Nessa “segunda revolução industrial”, temos o consumo e a produção alienada para as massas, em que

“o consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é sua manifestação geral”. (DEBORD, 2015, p. 33). As necessidades básicas são substituídas por uma fabricação contínua de pseudonecessidades cuja única função é a manutenção de seu reino.

O espetáculo trabalha com uma vida aparente, com uma representação “espetacular” do homem, classificada pelo autor como vedete, o que seria equivalente às celebridades contemporâneas. Elas representam diferentes estilos de vida e modos de compreensão da sociedade. Um exemplo é a vedete do consumo, que traz a ilusão de que todos têm acesso igual ao consumo e à capacidade de serem felizes por meio dele. É uma falsa escolha em uma sociedade onde reinam as coisas, as mercadorias, e não as pessoas, e que são substituídas de forma autônoma e automática ao revelarem sua “pobreza artificial”.

Assim, explica Debord (2015), a mercadoria vale por si só. Para quem a consome, é quase uma experiência religiosa. Seus produtos são lançados e propagados com enorme eficácia, especialmente quando veiculados na grande mídia. Um exemplo são os cortes de cabelo usados por personagens em novelas que passam a fazer a cabeça dos telespectadores nos salões de beleza. É uma pseudonecessidade. Uma força artificial que propicia um clima de falsificação na vida social:

“(…) imposta pelo consumo moderno não pode ser contrastada a nenhuma necessidade ou desejo autêntico que não seja, ele mesmo, produzido pela sociedade e sua história. Mas a mercadoria abundante aí está como a ruptura absoluta do desenvolvimento orgânico das necessidades sociais (DEBORD, 2015, p. 45).

Mas a vida espetacularizada torna necessária a busca por experiências genuínas. A internet é um veículo que abarca essa demanda, com o aumento vertiginoso de confessionários de pessoas que garantem ser verdadeiras. Por isso, Sibilia destaca também que além de propiciar novas formas de expressão e de comunicação, a web 2.0 dá ferramentas para a construção do *eu*, visto muitas vezes como o próprio produto dos espaços interativos como a internet.

Os blogs, essa espécie de diário do meio virtual, são um exemplo da mudança que passa a sociedade. Atualizados diariamente e para um número de leitores muitas vezes desconhecidos, suas postagens permitem que seus autores criem identidades de acordo com seu interesse, seu humor e seu desejo de que imagem querem passar para os demais. A instantaneidade com que um texto pode ser publicado ou apagado também é um atrativo. A função de memória foi

transferida para o computador, onde é possível resgatar as histórias apenas quando conveniente e podem ser descartadas de vez com apenas um clique.

Vida ou obra? Como podem ser consideradas os produtos deste contemporâneo fenômeno da exibição da intimidade? Sibilia (2008) levanta a possibilidade de que essas narrativas sejam fictícias, como uma identidade inventada pelos usuários das mídias interativas. Por um lado, a crença do leitor de que o autor é também narrador e personagem enquadra os textos “confessionais” eletrônicos como expressões renovadas dos tradicionais gêneros autobiográficos da literatura. Por outro lado, Sibilia (2008, p. 31) explica que “o eu de cada um de nós é uma entidade complexa e vacilante” e por isso cria textos instáveis e móveis, gerando relatos ficcionais. Nossa subjetividade faz parte da escrita (expressa na linguagem) e cria universos cheios de significações. É no ato de escrever que passamos a ser, a existir.

Escrita como ferramenta de compreensão na constituição do sujeito através da linguagem e na estruturação da sua vida como um relato. Dois sujeitos (o eu e a vida) com características fluidas e cada vez mais espetacularizadas. É o momento que a autora levanta como a valorização dos relatos de não-ficção em detrimento das histórias ficcionais. Especialmente de pessoas comuns, refletindo o interesse por relatos de intimidade. Desmancham-se as fronteiras entre público e privado já levantadas por Arendt (2007), demandando novas interpretações.

Outra diferenciação no modo de narrar percebido até um pouco antes, no início do século XX, foi a rapidez com que a informação vinha e a dificuldade de digerir na memória e recriar na lembrança. Essa mudança na velocidade poderia ter causado uma perda nas possíveis formas de refletir sobre o mundo, um distanciamento das próprias vivências e uma menor capacidade de transformá-las em experiências e histórias escritas. O que antes era uma atividade exclusiva e que requeria toda a atenção, o ato de contar e ouvir histórias, é feito simultaneamente com o ouvir música, o ver televisão e o conversar com terceiros. Mas essa habilidade “multitarefa” também pode trazer um ganho nas novas formas de cognição que estão sendo criadas.

A riqueza da narrativa deu lugar à informação. Um gênero discursivo vinculado ao presente e à atualidade que precisa ser plausível, verossímil e verificável. A liberdade de interpretação do leitor não existe mais, já que os dados estão acompanhados de explicações. Não existe mais o tempo em que nem tudo era dito ou mostrado. Agora são possíveis as leituras rápidas e superficiais. Nesse mundo contemporâneo, nossa tendência a refletir nossa vida real na

ficção da tela de cinema foi substituída pela valorização da nossa própria vida, pela capacidade dela se tornar um verdadeiro filme (SIBILIA, 2008).

1.3 Blog

O termo “weblog” foi primeiramente usado por Jorn Barger, em 1997, para se referir a um conjunto de sites que “coleccionavam” e divulgavam links interessantes na web (Blood, 2002). Daí o termo “web” + “log” (que é a junção das palavras “página da internet” e “diário de bordo”), que foi usado por Barger para descrever a atividade de “logging the web”. Naquela época, os weblogs eram poucos e quase nada diferenciados de um site comum na web. A adaptação seguinte foi feita por Peter Merholz (autor do site peterme.com), ao anunciar em seu site que ia utilizar a pronúncia “wee-blog” (algo como, nós blogamos). Em poucas semanas, o termo abreviado “blog” já estava na rede (BLOOD, 2002). Blood diz ainda que os bloggers, termo para quem escreve nos blogs, são pessoas que expressam sua opinião e trabalham com um estilo de linguagem e site mais próximo aos tradicionais diários. Primeiramente, os blogs ganharam destaque como um meio de expressão pessoal (BLOOD, 2002).

Alguns pesquisadores defendem que os blogs começaram a se destacar como relevantes e como fonte de conteúdo em 2001, principalmente com os atentados terroristas às Torres Gêmeas do World Trade Center em 11 de setembro. Blogs são: websites frequentemente atualizados onde o conteúdo (texto, fotos, arquivos de som etc.) é postado em uma base regular e posicionado em ordem cronológica reversa. Os leitores quase sempre possuem a opção de comentar em qualquer postagem individual, que são identificados com uma URL única. Seu design parte do princípio da funcionalidade.

Outra possibilidade para a consolidação dos blogs foi a maior participação das pessoas no espaço digital e a criação de nichos de mercado e de interesse. Empresas começaram a divulgar seus produtos na web, cada vez mais pessoas desenvolviam sites sobre assuntos específicos e até jornais e revistas passavam a ter uma versão digital. O crescimento da web trouxe também um acúmulo de informações e usuários dispostos a buscá-las. O armazenamento dessas informações sobre assuntos em comum em páginas específicas também pode ser visto como uma alavanca para a criação de blogs, em que os autores criavam suas páginas por meio da combinação de informações de terceiros e comentários próprios, além de links relacionados.

Alguns blogs apostam no conteúdo de viagem, outros trazem assuntos do cotidiano, uns trazem temas sobre moda e fotos com looks do dia. Alguns são como uma coletânea de assuntos que estão conectados a outros links, enquanto uma parte é sobre o cotidiano do autor. Bem-humorados, intelectuais ou políticos, normalmente são não-comerciais e todos os autores são apaixonados por seus temas (BLOOD, 2002). Como explica a autora, são difíceis de descrever, mas fáceis de serem reconhecidos. Refletem a personalidade de seus escritores, seus interesses, opiniões, links relacionados e comentários. Cada blog difere do outro pelo fato de que é o autor que decide o que vai escrever naquele dia.

Sibilia (2008) explica que essa cultura do blog reflete o funcionamento do mercado cultural contemporâneo: a ideia de captar qualquer “criatividade bem-sucedida” e transformá-la em mercadoria.

web 2.0 converteu você, eu e todos nós nas personalidades do momento. Algo que certamente teria sido impensável no quadro histórico descrito por Foucault, no qual a ‘celebridade’ era reservada para uns poucos muito bem escolhidos. As cartas e os diários íntimos tradicionais denotam sua filiação direta com essa outra informação histórica, a ‘sociedade disciplinar’ do século XIX e início do XX, que cultivava rígidas separações entre o âmbito público e a esfera privada da existência, reverenciando tanto a leitura quanto a escrita silenciosa em reclusão (SIBILIA, 2008, p. 22).

A autora compreende que a privatização dos espaços públicos mostra uma crescente publicização do privado, onde as ‘personalidades’ estão convocadas a se mostrarem. Viver em uma sociedade fortemente midiaticizada, com interesses na visibilidade e na adoração de celebridades, pode deslocar a subjetividade antes interiorizada para novas formas de autoconstrução. “Certos usos dos blogs, fotologs, webcams e outras ferramentas como o orkut e o youtube seriam estratégias que os sujeitos contemporâneos colocam em ação para responder a essas novas demandas socioculturais, balizando outras formas de ser e estar no mundo (SIBILIA, 2008, p. 24)”. E continua, ao dizer que o acesso aos bens culturais e as possibilidades apresentadas pelo ciberespaço adentra os imaginários globais, “com um denso tecido de valores, crenças, desejos, afetos e ideias”.

De acordo com Schittine (2004), o blog também surgiu como um meio de disponibilização de textos e fotos na web mais simples e rápido, facilitando a fabricação de páginas por indivíduos com pouco conhecimento teórico. Esse é um dos diferenciais mais importantes para a construção do blog Jovens Diplomatas, a praticidade e a possibilidade de

poder postar e editar suas matérias no tempo livre. Já que o trabalho oficial exige uma maior demanda. Mas o texto curto e rápido nem sempre está presente. Muitas vezes, o tamanho ilimitado dos posts em contrapartida da quantidade definida de caracteres dos meios escritos e o tempo delimitado dos meios audiovisuais é mais interessante para profissionais que não estão acostumados com o processo de edição jornalística e com o desejo de informar o quanto necessário. De acordo com Schittine (2004), o texto do blog é híbrido, uma mistura de texto jornalístico e escrito íntimo.

Para a autora, o diário na internet vem a princípio assumir “o pecado da vaidade no escrito íntimo”. Ou seja, uma prova de que o diarista mesmo ao falar sobre si mesmo espera que outras pessoas se interessem pelo assunto. Como já explicitado anteriormente, a noção de intimidade do termo log vem do fato dos blogueiros publicarem assuntos pessoais e pertencentes à esfera privada, enquanto o aspecto público está do fato de querer ser lido, reconhecido. E com uma diferença importante: as interações não são face a face, evitando possíveis constrangimentos e podendo ser desconectadas em segundos. É possível se expor sem se identificar, saber da opinião do outro sem contato direto. Cabe ao diarista abrir um escrito íntimo para um ou vários leitores. Essa ação cria uma nova tensão entre os assuntos públicos e privados, além de novos questionamentos sobre a organização dessas esferas. (SCHITTINE, 2004).

1.4 Esfera pública x esfera privada

Para Habermas (2006), a publicidade² e os meios de comunicação se relacionam para configurar a esfera pública. A primeira sustenta os processos de representação política e participa da formação da opinião pública e da vontade política. E é através da comunicação que os cidadãos discutem questões políticas e processam suas expectativas e interesses. A esfera pública burguesa é criada nos séculos XVII e XVIII por indivíduos privados que debatiam sobre assuntos de interesse geral. Eles configuravam uma instância de controle e de legitimação. A imprensa mediava o uso público da opinião e possibilitava a circulação dela em ambientes comuns.

2 No contexto de sua obra de 1962, o conceito de publicidade estava relacionado ao tornar pública uma informação.

Em outras palavras, “a esfera pública, portanto, é um espaço comunicativo, discursivo, não formalizado, mas no qual se podia formar consensos públicos em forma de opinião” (SILVEIRA, 2009, p.74). Ela se reproduz por meio do agir comunicativo, sendo necessário apenas o domínio de uma linguagem natural. Habermas, como explica Silveira, entende a esfera pública pelo agir orientado do entendimento, na busca pelo consenso.

As mudanças trazidas pelo capitalismo e pelas estruturas do Estado na modernidade ocidental permitiram uma desintegração da esfera pública. Silveira (2009) levanta a dissolução das fronteiras entre os domínios “público” e “privado” – em que organizações privadas passaram a controlar o poder público e o Estado começa a participar da esfera privada. Habermas também é descrente quando o assunto é o interesse comum, já que o capitalismo traz o conflito de interesses e uma maior participação de pessoas de classes distintas na esfera pública.

O desenvolvimento da indústria cultural e a função sedutora e comercial da publicidade são dois aspectos que diminuem o senso crítico dos cidadãos, atuando como mecanismos ideológicos e manipuladores (MAIA, 2009).

Em seu livro *Direito e democracia*, como explica Maia (2009), Habermas classifica a esfera pública em três tipos, de acordo com a densidade comunicacional, a complexidade de organização e o alcance que ela tem. A esfera pública episódica está relacionada com os encontros em ambientes diversos da vida cotidiana, já a esfera pública de presença organizada se refere a encontros ou reuniões em fóruns de associações voluntárias e entidades civis. Por último, a esfera pública abstrata, que abrange os espectadores espalhados globalmente (MAIA, 2009). Nesta obra, o autor define a esfera pública não mais como uma instância que faz a intermediação entre sociedade e política, mas como uma estrutura intermediária entre as duas. Ou seja, no novo modelo, os processos de comunicação e decisão do sistema político são estruturados através de um sistema em que os processos de comunicação e decisão são permitidos por uma esfera pública sensível, permeável, capaz de introduzir no sistema político os conflitos existentes na periferia (LUBENOW, 2010).

Habermas (2006) acredita na aproximação da esfera pública com os meios de comunicação e com o jornalismo no momento em que ocorrem fluxos e trocas comunicativas entre diferentes atores. A longo prazo, explica o autor, leitores, ouvintes e telespectadores podem definitivamente formar atitudes razoáveis em relação a eventos públicos, mesmo que de modo

inconsciente. O autor reconhece o potencial crítico de cada indivíduo, que está imerso numa sociedade com diferentes arenas sociais e políticas.

Para Arendt (2007), o indivíduo pode buscar seu reflexo no universal ao desenvolver algo que encontre respaldo na esfera pública. A autora explica que não seria possível a vida humana sem um mundo em que haja a presença de outros seres humanos. Elaborado pelo pensamento grego, surge a ideia de que o homem está dividido entre a casa e a política. A primeira seria seu lado íntimo. Já a segunda confere ao homem um novo âmbito existencial, sua dimensão pública. Ou seja, na ambivalência do indivíduo grego entre a política e o domínio familiar está a distinção entre o público e o privado.

Um fato importante levantado por Arendt (2007) é a possibilidade de que o surgimento do estado-nação e da esfera pública tenha acontecido através de uma mudança no sentido da esfera privada. Ao contrário da Grécia Antiga, onde as atividades econômicas eram tratadas na esfera privada, no mundo moderno elas fazem parte da esfera pública. Isso demonstra como o privado passou a ser objeto de preocupação pública. Na era moderna, o entrecruzamento das esferas acabou com o abismo que havia entre elas, onde o indivíduo saltava da esfera privada para surgir na pública. Agora, a esfera privada procura seu reflexo no meio público ou, ainda, busca encontrar reflexo do seu eu íntimo em experiências universais.

Tudo que aparece em público pode ser visto e ouvido por todos, tendo a publicidade mais ampla possível. A força do público é tamanha que, para a autora, a incerteza só se desfaz com o conhecimento do objeto na esfera pública. Esta talvez seja a característica que faz do homem um ser que vive eminentemente entre outros: sua necessidade de encontrar, na forma das relações presentes no meio público, analogias quanto à sua própria forma de atuar. A esfera pública é, por assim dizer, o ponto múltiplo de encontro das diferentes singularidades e particularidades, tão variado e intenso que não há de se falar em média.

A vida privada é aquela desprovida da realidade de ouvir e ser ouvido, de ver e de ser visto. O homem que se priva de relações ‘objetivas’ forma o fenômeno da solidão, que, em aumentando seus adeptos, são geradas consequências destrutivas, tanto na esfera pública, quanto na privada. O indivíduo, não obstante, vai perdendo seu lugar no mundo e na sua casa. A esfera privada, que, por tanto tempo, protegera a intimidade, não mais o faz, agora que, na modernidade, esta já foi descoberta e trazida à tona com a subjetividade inerente ao indivíduo.

Apesar de suas semelhanças, o ponto fundamental para diferenciar o diário de papel do virtual (também chamado de blog) são as alterações nas esferas pública e privada na sociedade.

Para Arendt:

a distinção entre uma esfera de vida privada e uma esfera de vida pública como entidades diferentes e separadas, pelo menos desde o surgimento da antiga cidade-estado; mas a ascendência da esfera social, que não era privada nem pública no sentido restrito do termo, é um fenômeno relativamente novo, cuja origem coincidiu com o surgimento da era moderna e que encontrou sua forma política no estado nacional (ARENDDT, 2007, p. 37).

A autora diz ainda que o que nos interessa neste contexto é a extraordinária dificuldade que, devido a esse fato novo, experimentamos em compreender a divisão decisiva entre as esferas pública e privada, entre a esfera da polis e a esfera da família, e finalmente entre as atividades pertinentes a um mundo comum e aquelas pertinentes à manutenção da vida, divisão esta na qual se baseava todo o antigo pensamento político, que a via como axiomática e evidente por si mesma. A passagem da sociedade – a ascensão da administração caseira, de suas atividades, seus problemas e recursos organizacionais – do sombrio interior do lar para a luz da esfera pública não apenas diluiu a antiga divisão entre o privado e o político, mas também alterou o significado dos dois termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão, ao ponto de torná-los quase irreconhecíveis.

Schittine explica que essa tendência de exposição da vida privada observada atualmente na mídia é fruto de uma série de fatores históricos “como a formação da individualidade, o afastamento dos indivíduos da vida social e sua posterior necessidade de se reintegrar nessa vida, nem que seja de maneira virtual” (SCHITTINE, 2004, p. 16). O indivíduo, assim, busca delimitar seu próprio espaço numa tentativa de voltar-se para si mesmo. O computador, apesar de ser um meio de comunicação, contribui para o isolamento pois é feito para ser usado por uma pessoa por vez. O resultado é a possibilidade de se fechar do mundo que o cerca para se abrir ao plano virtual.

A preservação da memória também é um dos interesses dos blogueiros. Seja para a memória pessoal, seja para deixar um legado que faça o público lembrar-se dele. “O escrito íntimo vai garantir também a memória do diarista sobre sua trajetória, os fatos que aconteceram na sua vida e as ideias que desenvolveu em uma determinada época. Ele dará o apoio para que, pelo menos através da escrita, o autor se sinta próximo da imortalidade” (SCHITTINE, 2004, p.

21). E vai além, pois no escrito virtual, três situações contribuem para a dificuldade de permanência de uma memória pessoal: a reflexão, a releitura e as alterações feitas posteriormente pelo diarista.

Sibilia (2008) também traz o debate sobre as mudanças das esferas pública e privada na arte de escrever ao explicar que a separação entre os âmbitos público e privado da existência é uma invenção histórica e datada, uma convenção que em outras culturas não existe ou se configura de outras formas. Foi o canto privado, o aposento íntimo da casa, que apareceu no século XVIII que tornou possível o aflorar da subjetividade na escrita. Era o espaço silencioso e privativo que convidava o sujeito a auto afirmar sua individualidade e, então, produzir sua própria subjetividade. Para o escrito íntimo, como o do diário, era necessária a solidão do autor. Não que as novas formas virtuais dessa escrita deixaram de ter essa produção solitária, já que o texto continua sendo escrito pelo autor, mas a publicidade que está por trás delas e o encurtamento da distância espacial e temporal com relação aos leitores permite uma nova classificação.

Inclusive entre nós, essa distinção é bastante recente: a esfera da privacidade só ganhou consistência na Europa dos séculos XVIII e XIX, ecoando o desenvolvimento das sociedades industriais modernas e o modo de vida urbano. Foi precisamente nessa época que um certo espaço de refúgio para o indivíduo e a família nuclear começou a ser criado, no seio do mundo burguês, fornecendo a esses novos sujeitos aquilo que tanto almejavam: um território a salvo das exigências e dos perigos do meio público, aquele espaço “exterior” que começava a ganhar um tom cada vez mais ameaçador (SIBILIA, 2008, p. 60).

Alguns fatores são levantados pela autora como estímulos para essa mudança: a instituição do núcleo familiar burguês, a separação entre o espaço-tempo do trabalho e o da vida cotidiana, os novos ideais de domesticidade, conforto e intimidade, além da supervalorização do “eu”. Em sua obra “Declínio do homem público”, Richard Sennett fala sobre a consolidação das “tirantias da intimidade”, que refletem uma atitude passiva e indiferente frente aos assuntos públicos e um crescente interesse no espaço privado e nos conflitos íntimos. O que a pessoa faz perde valor, sendo ofuscado pelo interesse no que a pessoa é.

Hoje, o culto do *eu* não demanda apenas atenção, mas necessita dos mais sedentos olhares. Com o imediatismo do tempo real, fatos – textos acompanhados ou não de fotos, sons ou vídeos – são informados por meios virtuais, mas produzidos por autores reais que podem ser acompanhados nos quatro cantos do planeta.

A questão da privacidade perde sentido no meio virtual, onde a aparelhagem digital é altamente intrusiva. Tudo pode ser monitorado, a rede digital cobre todo o globo, as fronteiras são frágeis e os dados privados dos usuários são de grande apreço para empresas. A intimidade, pertencente ao espaço privado, passa a pedir espaço na esfera outrora considerada pública. As novas práticas desenvolvem um interesse em se exibir e falar sobre si. Além de conseguirem agraciar outro desejo das pessoas: o de bisbilhotar e consumir as vidas alheias. Há uma interpenetração de ambos os espaços. Entre o ser e o ter, o importante agora é parecer. Explica Debord:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo 'ter' efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela. Só lhe é permitido aparecer naquilo que ela *não é* (DEBORD, 2015, p. 18).

Mas será que essa nova forma de comunicação, a em rede, pode ser considerada como uma reconfiguração da esfera pública? Silveira (2009) defende que a multiplicação de representações e simulacros no ciberespaço cria uma hiper-realidade, podendo prejudicar o “uso público da razão comunicativa”. Outra questão que impossibilita essa assimilação é a linguagem técnica que não é comum ou dominada por todos os interagentes. Entender e dominar os códigos, ou não, serve como mecanismos de exclusão.

Silveira (2009) explica que a comunicação nas redes digitais está mudando diversas práticas de intermediação econômica e socioculturais. Para ele, se altera “a capacidade de continuar intermediando processos sociais e culturais do mesmo modo como se fazia no mundo industrial. A internet, como arranjo comunicacional de redes digitais, tem uma arquitetura lógica propensa às práticas sociais de desintermediação” (SILVEIRA, 2009, p.70). Esse processo também afeta a esfera pública, em especial as instituições que intermediam o poder. O fato de que a rede esteja dando mais visibilidade e possibilidade de participação aos indivíduos e coletivos sociais, mesmo que não seja simétrica e igual nas diferentes classes sociais, implica uma reconfiguração e uma expansão da esfera pública. É a chamada esfera pública interconectada, feita a partir das práticas de produção social que as ferramentas técnicas permitem (SILVEIRA, 2009).

Essa esfera pública interconectada – que é o conceito formulado por Yochai Benkler e adotado nesta pesquisa para caracterizar uma nova esfera pública – vai ser mediada pela rede, ao contrário da anterior, mediada pelos meios de comunicação de massa. O autor aponta como diferenças fundamentais a arquitetura de rede e os custos de participação. Na economia da informação interconectada, a arquitetura multidirecional e distribuída das redes permite uma maior conexão entre seus nós. Além disso, não há barreira para que o usuário se torne um produtor de conteúdo. Esses dois elementos tornam possível a participação ativa dos diversos indivíduos na esfera pública.

Mas o autor também levanta pontos negativos, como o excesso de informação que acaba confundido as pessoas e desagregando o debate público, a concentração da visibilidade nos sites de grande audiência (muitas vezes ligados aos meios tradicionais), a possibilidade de censura e monitoramento da internet por países autoritários e a exclusão digital. Alguns autores defendem que a ubiquidade da informação e a falta de uma mídia centralizada ao mesmo tempo que fortalecem a democracia e a participação mais homogênea, também podem propiciar uma fragmentação e o empobrecimento do discurso público, o que pode aniquilar com o espaço público, pois os indivíduos terão janelas personalizadas para ver o mundo e que não trarão ideias comuns para mobilização ou para um discurso político.

Silveira (2009) traz uma perspectiva mais positiva ao mostrar o uso de palavras-chaves e hiperlinks para disseminar informações, como uma corrente. Essas ferramentas, de acordo com ele, fomentam o debate e divulgam outras páginas e blogs, além de promoverem uma participação coletiva em torno de assuntos em comum. Em relação ao segundo ponto, o autor defende que os sites mais acessados são os das redes sociais e não as versões digitais das mídias tradicionais, mostrando que a popularidade de uma CNN online não é tão grande como alguns pesquisadores imaginam.

1.5 Blog Jovens Diplomatas

Criado em 2011 por cerca de 15 diplomatas recém-formados pelo Instituto Rio Branco, o blog Jovens Diplomatas é escrito coletivamente por 26 jovens profissionais brasileiros em suas primeiras missões no Exterior: “Servimos, todos, em países em desenvolvimento, em lugares tão díspares quanto o Kuwait e o Sudão, a Ucrânia e a Etiópia, o Paquistão e o Congo”. Mesmo sendo produzido por profissionais do Governo, o blog foge da esfera política e do compromisso

oficial com os assuntos provenientes do Ministério das Relações Exteriores. De caráter informal e com textos individuais, os autores expressam seus pontos de vista em temas que não estão relacionados à política externa brasileira.

É um espaço para a discussão de temas cotidianos e de caráter cultural, como as impressões de um passeio por Wagah, a cidade que divide a Índia e o Paquistão, vivenciado por um diplomata brasileiro. A linguagem, de caráter mais informal e subjetivo, também reforça esse lado contador de histórias intrínseco do ser humano. Mas por se tratarem de profissionais públicos, é importante ressaltar que a iniciativa foi avaliada pela Assessoria de Imprensa do Itamaraty ainda antes de seu lançamento. Abaixo, um trecho de uma publicação de Thomaz Napoleão sobre sua experiência no Paquistão:

Nestes tempos de instabilidade, intolerância e incompreensão entre crenças e culturas, retomo este espaço para contar a história de um Paquistão muito diferente daquele lamuriado pela imprensa ocidental. Refiro-me ao Norte. O Karakoram. As montanhas. Outras gentes, outros idiomas, outras paisagens, outras vidas. Estamos no território do Gilgit-Baltistão, reivindicado pela Índia mas governado pelo Paquistão. Aliás, governado por si mesmo: até trinta anos atrás, a autoridade dos paquistaneses das planícies praticamente não roçava esta terra de cordilheiras.³

O blog como meio de disponibilização de textos e fotos na web de maneira mais simples e rápida, facilitando a fabricação de páginas por indivíduos com pouco conhecimento teórico proposto por Schittine (2004), é um dos diferenciais mais importantes para a construção do blog *Jovens Diplomatas*, a praticidade e a possibilidade de poder postar e editar suas matérias no tempo livre, já que o trabalho oficial exige uma maior demanda de tempo.

Apesar de seu caráter aberto, o blog não é tão público como se pensa. Mesmo escrevendo para pessoas além de si mesmo – muitas vezes para leitores desconhecidos pessoalmente –, o diarista virtual cria maneiras de fazer com que os internautas participem ou não de sua vida íntima. É possível fazer uma seleção prévia do conteúdo a ser publicado de modo que nem tudo é revelado. Além disso, o autor conta sua intimidade do modo que acha mais conveniente, podendo medir palavras e acontecimentos. E também existe outro fator. Graças às ferramentas de privacidade, ainda é possível escolher o grupo de pessoas que terão acesso às informações postadas. Ou seja, o blog não é tão público assim.

3 Disponível em: <<http://jovensdiplomatas.wordpress.com/2012/10/04/o-outro-paquistao/>>. Acesso em: 10. Jul 2014

Esse caráter heterogêneo, como já explicou Schittine (2004), é próprio de sua denominação (weblog = um diário (privado) em uma página da web (pública)). Apesar da discussão, tem seu valor documental, e nos permite saber mais sobre uma época, uma pessoa ou uma situação. O blog *Jovens Diplomatas* foi escolhido para estudo neste trabalho por seu caráter social, pois os diplomatas cumprem a função de informação ao publicarem os assuntos internacionais para os demais cidadãos, e íntimo. É um produto que trabalha a subjetividade dos autores, o olhar particular sobre os assuntos, o modo pessoal de contar a história. Assim como é necessário divulgar informações, também faz parte a seleção – mesmo que subjetiva ou inconsciente – delas. O que vai ser contado deve interessar ao autor e ao leitor.



Figura 1 – Página inicial blog Jovens Diplomatas
Fonte: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/>

2 – BLOG JOVENS DIPLOMATAS: DIPLOMACIA E ESFERA PÚBLICA INTERCONECTADA

As relações internacionais e diplomáticas há muito tempo fascinam o ser humano. O interesse pelo novo e pelo diferente sempre acompanhou nossa caminhada, e tentar compreender o que acontece em outros países – em especial os mais distantes dos quais temos pouca informação a respeito e os mais próximos geograficamente que atiçam nossa curiosidade – é uma das principais motivações que nos levam a buscar mais informações no campo. É nesse contexto que entra o diplomata ao apresentar-se como um profissional com função informativa. E, com o surgimento das mídias digitais, seu dever de passar informação para o Governo de seu país expande-se para alcançar também a sociedade. Um exemplo desse trabalho de divulgação é o blog *Jovens Diplomatas*.

Tradicionalmente, a diplomacia refere-se aos instrumentos que permitem relações recíprocas entre os Estados. Por meio de seus representantes oficiais, como embaixadores, os Estados-nações interagem, tanto de forma jurídica quanto política. Com a globalização, a tecnologia da informação ganhou espaço considerável entre todos os setores da sociedade, e com a diplomacia não poderia ser diferente. Assim, as mídias digitais representam mais um elemento dentro do complexo mundo das relações internacionais e estão promovendo uma considerável mudança no modo como é feita a atividade diplomática.

2.1 A identidade internacional do Brasil

Para compreender um pouco sobre a atuação da diplomacia brasileira nos dias de hoje, em especial por parte dos diplomatas autores do blog, é preciso entender a identidade internacional do Brasil no mundo globalizado e o desenvolvimento da política externa nacional ao longo das últimas décadas.

As transformações vividas pelo mundo e as políticas implementadas pelo Brasil para definir sua inserção no cenário internacional, embora pareçam constituir apenas um pano de fundo distante para os temas que compõem a agenda social e política cotidiana do país, na verdade geram um enorme impacto na vida da nossa população (VICENTINI, 2008, p. 9).

Lafer (2007, p. 16) entende o ponto de partida da construção da identidade coletiva como “a ideia de um bem ou interesse comum que leva pessoas a afirmarem uma identidade por semelhança, lastreada numa visão compartilhada deste bem ou interesse comum”. Dessa maneira, as identidades nacionais se formam em função da vida internacional, no contato e na interação com o outro.

A atividade diplomática e a política externa têm como item permanente na agenda identificar os interesses e as especificidades do país no plano internacional. Sua tarefa, de acordo com Lafer (2007), é traduzir necessidades internas em possibilidades externas de modo a ampliar o poder de controle de uma sociedade sobre o seu destino.

Essa intermediação externa parte de uma visão da identidade coletiva, de um nó assinalador de especificidades. Entre estas especificidades cabe destacar a localização geográfica no mundo, a experiência histórica, o código da língua e da cultura, os níveis de desenvolvimento e os dados de estratificação social (LAFER, 2007, p.19).

A dimensão continental e a não participação em linhas de frente de tensões internacionais são as principais especificidades do Brasil, apresentadas por Lafer (2007, p. 25): “Sua especificidade geográfica é resultado de um processo histórico, iniciado há 500 anos. Navegantes, bandeirantes e diplomatas foram os três agentes sociais que no percurso da criação do Brasil configuraram a escala do país”. Como explica o autor, os navegantes portugueses descobriram o continente, os bandeirantes ocuparam o território e foram além dos limites do Tratado de Tordesilhas e os diplomatas consolidaram a titulação jurídica do território nacional desde o século XVIII, trazendo uma diferenciação entre o interno (nação) e o externo (mundo).

Outras características importantes da identidade internacional brasileira são a relação entre passado e futuro, e entre tradição e renovação. A proposta de construir o futuro através da asserção da identidade internacional do país é o estilo de comportamento diplomático que caracteriza o Itamaraty, além de uma visão otimista e o interesse de continuidade. Lafer ressalta a importância do Império na elaboração da identidade e da inserção internacional do Brasil:

A Monarquia foi a base da identidade internacional *sui generis* do Brasil no século XIX, no âmbito das Américas: um Império em meio a Repúblicas: uma grande massa territorial de fala portuguesa que permaneceu unida num mundo hispânico que se fragmentava. (...) Por isso, no século XIX, em função de nossa inserção na América do Sul, ser brasileiro era ser não-hispânico. Neste sentido, o Brasil recria em escala continental a singularidade linguística e sociológica que, na Europa e na Península Ibérica, caracterizaram historicamente Portugal (LAFER, 2007, p.35).

O pluralismo brasileiro em sua escala continental, sua composição multiétnica, linguisticamente homogêneo, dado à integração cultural e relativamente inclinado ao sincretismo da diversidade têm projeção externa e forma a identidade internacional do Brasil. Suas múltiplas dimensões e os contrastes presentes fazem com que o país participe com naturalidade de inúmeras esferas do convívio internacional.

Vizentini explica que a inserção internacional do Brasil envolveu aspectos econômicos e geopolíticos. Durante a fase colonial, o país encontrava-se integrado ao mercantilismo português. Com o advento do processo de emancipação, nossa “dependência assimétrica” transferiu-se para a órbita do livre comércio hegemônico pela Inglaterra. Paralelamente, acentuou-se outra dimensão das relações internacionais do Brasil: a “questão das fronteiras”, caracterizada por problemas nas regiões limítrofes, vinculados à construção do espaço geopolítico e nacional brasileiro. Nesse contexto, a rivalidade com a Argentina fazia parte de uma relação simétrica, herdada dos antagonismos coloniais, a qual se caracterizou como um campo de relativa autonomia para o exercício da diplomacia brasileira.

Por quatro séculos se estenderam duas questões: a problemática da “subordinação unilateral” ao capitalismo mediterrâneo e norte-atlântico e a da construção do espaço nacional. Durante o século XIX, o processo de dominação se configurou como uma “unilateralidade sob hegemonia inglesa”. A segunda fase teve início com a unilateral hegemonia norte-americana. Como explica o autor, foi também a época em que o Brasil concluiu o traçado de suas fronteiras, se voltou para a inserção hemisférica e começou uma relação mais próxima entre a política externa e o desenvolvimento econômico. O barão do Rio Branco em sua gestão teve importante papel na questão geográfica, pois finalizou a demarcação favorável das fronteiras contestadas. Coube a Vargas e aos governos populistas dos anos 50, por sua vez, a vinculação estratégica da política exterior às necessidades do processo de desenvolvimento econômico, a chamada política externa para o desenvolvimento.

Nesta fase, que durou até o fim dos 1950, o Brasil voltou suas relações exteriores prioritariamente aos Estados Unidos, no intuito de alcançar um status de aliado privilegiado. Para Vizentini (2008, p. 11), “a falta de uma resposta positiva por parte dos Estados Unidos convenceu lideranças brasileiras da época da necessidade de ampliar os vínculos internacionais do Brasil”. Foi com a política Externa Independente de Jânio e Jango, entre 1961 e 1964, que

nosso poder de negociação e nossa atuação num plano mundial se configurou de forma explícita na agenda diplomática.

É a partir daí que se inicia a terceira grande fase das relações exteriores brasileiras, a da “multilateralidade na fase da crise de hegemonia no sistema mundial”, que vivemos até hoje (VIZENTINI, 2008). Além da manutenção das relações no eixo vertical Norte-Sul, em particular com os Estados Unidos, a diplomacia nacional passou a atuar no eixo horizontal Sul-Sul e no diagonal Sul-Leste (nas relações com os países do Terceiro Mundo e com as nações socialistas, respectivamente). Essa mudança na atuação foi consequência das demandas do desenvolvimento do país e pelo crescente desgaste das forças hegemônicas do sistema mundial.

Como explica Vizentini, mesmo com o regime militar e após, a estratégia diplomática em que o Brasil praticava uma política exterior com o perfil de uma potência média e de abrangência planetária, prosseguiu até 1990. E continua:

as vigorosas alterações do cenário mundial, na passagem dos anos 80 aos 90, e a implantação de um modelo inspirado no neoliberalismo com o governo Collor, entretanto, configuraram uma crise no processo de multilateralização, ainda não superada”. (...) “mesmo com alguns avanços logrados na integração regional, com o Mercosul, encontram-se ameaçados pela crise internacional e pela possibilidade de implantação da ALCA. Nesse contexto, emerge a discussão acadêmica e política da inserção do Brasil na Ordem Mundial pós-Guerra Fria. Trata-se de um novo desafio para a política externa brasileira, que somente poderá ser enfrentado por um governo com orientação social distinta do neoliberalismo (VIZENTINI, 2008, p.12).

Em relação à situação atual, Senhoras (2013) mostra que há, em um primeiro plano, uma crescente e produtiva politização do Poder Executivo que pode ser percebida pelas diplomacias presidenciais, por viagens internacionais e participações em cúpulas e reuniões internacionais, eventos que tiveram ampla voz internacional e acabaram por impulsionar a agenda da política externa brasileira como um “player” internacional, com destaque para as atuações dos presidentes FHC e Lula em parceria com seus chanceleres.

Desde os anos 1990, a autoridade presidencial tem influência no grau de autonomia do Itamaraty. Senhoras (2013) observa que a crescente tendência de reafirmação da concentração do poder decisório do Executivo e o alargamento das prerrogativas presidenciais na política externa geraram linhas de comando, mas também, disputas e dissonâncias dentro do corpo diplomático, cujos efeitos positivos ou negativos variaram conforme os graus de alinhamento e de liderança na comunicação da tríade presidente-chanceler-itamaraty (SENHORAS, 2013).

Nesses dois governos citados, o êxito e o fortalecimento dos presidentes FHC e Lula foi de conseguir inserir suas linhas de comando no Itamaraty por meio de uma comunicação alinhada com o ministro de relações exteriores. Essa parceria entre a diplomacia presidencial e a diplomacia institucional ajudou a projetar proativamente o Brasil como um país de liderança internacional. De um contexto passivo e doméstico, as duas agendas internacionais passaram a exercer uma ativa influência na comunidade internacional. Esse posicionamento foi resultado da construção de uma diplomacia funcional do Itamaraty para fortalecer o protagonismo da diplomacia presidencial e da própria imagem do país nas relações internacionais. Destaque para a liderança do chanceler e diplomata de carreira Celso Amorim, que passou oito anos no comando do MRE. Nesse período, foram abertas quase 70 representações diplomáticas brasileiras no mundo.

Amorim influenciou o pensamento não só dos diplomatas já em carreira, como também dos alunos do Instituto Rio Branco, além de multiplicar coordenadorias e divisões. Fato que pode ser exemplificado no maior número de vagas para diplomatas. Foram 100 vagas disponibilizadas por meio do concurso realizado pelo IRBr durante quatro anos do governo Lula, a partir de 2006, para preencher os mais de 100 postos diplomáticos também criados pelo presidente em 35 novas embaixadas especialmente na Ásia, na África e na América Central. Entre 1994 e 2005, os concursos de admissão abriram, em média, 28 vagas ao ano para novos diplomatas.

A política externa do governo Lula teve características diferentes de antigas orientações do Itamaraty, pois incorporou menos elementos diplomáticos e mais partidários. Como diz Senhoras (2013), uma atuação "soberana" e "não submissa" em relação a uma suposta hegemonia norte-americana. Outra característica foi o alinhamento tanto do presidente, do seu partido e dos principais auxiliares a posições bem próximas às de vários partidos esquerdistas da América Latina.

2.2 Instituto Rio Branco

É impossível falar do Instituto Rio Branco sem mencionar seu “padrinho”, o barão do Rio Branco. Seu desempenho de bom negociador e sua postura pacífica na fixação das fronteiras nacionais, o fazem um exemplo diplomático indiscutível na história das relações internacionais

brasileira. Lafer diz que, atuando no Brasil Republicano, foi o último grande representante da obra dos eminentes estadistas e diplomatas do Império. “Os seus excepcionais conhecimentos de História e Geografia eram recursos intelectuais muito pertinentes para os problemas que deslindou. O que caracterizava o estilo do barão era a decisão, a propriedade, a justiça e o espírito de síntese” (LAFER, 2007. P. 45).

O elo de continuidade, concomitante com uma expressão do potencial de mudança, eram características do barão. O autor acredita que elas eram importantes para a compreensão da identidade nacional do Brasil. Acredita-se também que sejam fundamentais para entender o funcionamento do Instituto, desde sua criação em 1946 durante o governo Dutra, até os dias de hoje. A ideia de um Brasil com equilíbrio e sem interferência aos vizinhos faz de Rio Branco “o inspirador do estilo de comportamento diplomático que caracteriza o Brasil, à luz de suas circunstâncias e de sua história” (LAFER, 2007, p.47).

Com o objetivo de selecionar diplomatas brasileiros, em contínuo processo de formação, o Instituto Rio Branco é responsável não somente pela realização do Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata (CACD), mas também pela formação e pelo aperfeiçoamento desses profissionais. Durante sua carreira, o diplomata deverá frequentar três cursos oferecidos todos os anos pelo Instituto: o Curso de Formação de Diplomatas, o Curso de Aperfeiçoamento de Diplomatas (CAD) para Segundos Secretários e o Curso de Altos Estudos (CAE) para Conselheiros. O Instituto Rio Branco também promove o Programa de Ação Afirmativa e iniciativas de cooperação acadêmica com instituições nacionais e estrangeiras.

Além disso, o Instituto Rio Branco oferece aos alunos aulas de russo, árabe ou chinês durante o Curso de Formação, e outras línguas podem ser estudadas ao longo da carreira do diplomata, por meio de cursos contratados pelo Itamaraty no Brasil e no exterior. Existente desde 1946, é a única “escola” responsável por formar funcionários da carreira de diplomata do exterior. Como escreve Moura (2009, p. 17), “a diplomacia brasileira é, portanto, restrita a uma instituição, com uma forma de recrutamento e de treinamento de pessoal controlada por esta instituição”.

A fim de viabilizar a seleção e capacitação dos diplomatas brasileiros e a cooperação acadêmica, o Instituto Rio Branco mantém sede própria, em Brasília, com uma Coordenação-Geral de Ensino, uma Secretaria Acadêmica, uma Secretaria Administrativa e uma biblioteca, nas quais trabalham uma equipe de profissionais qualificados. A chefia do Instituto está a cargo

de seu Diretor-Geral, auxiliado por seu Diretor-Geral-Adjunto, responsáveis pela política de acesso e capacitação dos diplomatas brasileiros.

De acordo com a página virtual do Instituto, o concurso, realizado anualmente, consiste das seguintes fases: a primeira fase compreende a realização de prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, constituída de questões de Língua Portuguesa, História do Brasil, História Mundial, Geografia, Política Internacional, Língua Inglesa, Noções de Economia, e Noções de Direito e Direito Internacional Público.

O site do MRE⁴ disponibiliza guias de estudo de 1996 até a prova de 2013. Um dos livros presentes no guia é *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Temas como a independência do Brasil e a Guerra do Paraguai também são abordados. Nos guias de 2012 e 2011, destaque para a discussão a respeito das identidades na sociedade globalizada contemporânea, a formação da sociedade brasileira e a questão racial no Brasil. Como bibliografia de referência para essas questões, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda.

A segunda fase compreende a realização de prova escrita de Português, de caráter eliminatório e classificatório. Já a terceira fase consta da realização de provas escritas, de caráter eliminatório e classificatório, de História do Brasil, Língua Inglesa, Geografia, Política Internacional, Noções de Direito e Direito Internacional Público, Noções de Economia, Espanhol e Francês.

Após a aprovação na prova, alguns requisitos são exigidos para a posse do cargo: ser brasileiro nato, estar no gozo dos direitos políticos; estar em dia com as obrigações do Serviço Militar (para os candidatos do sexo masculino); estar em dia com as obrigações eleitorais; apresentar diploma, devidamente registrado, de conclusão de curso de graduação de nível superior, emitido por instituição de ensino credenciada pelo Ministério da Educação; ter completado a idade mínima de 18 anos; apresentar aptidão física e mental para o exercício das atribuições do cargo, verificada por meio de exames pré-admissionais.

Trata-se de um dos concursos mais difíceis do país. Nos últimos anos notam-se algumas mudanças na estrutura e forma do processo, como o conteúdo das provas que vêm privilegiando

⁴ Disponível em: http://www.institutorio Branco.mre.gov.br/pt-br/concurso_de_admissao_a_carreira_diplomatica.xml

mais os conhecimentos de política externa. Este aspecto é particularmente interessante, já que durante anos os conhecimentos de especificidades históricas, literatura e artes foram privilegiados e agora, ao buscar candidatos que tenham conhecimentos mais sólidos em política externa, talvez se esteja delineando um “novo perfil de diplomata”, menos generalista e diletante e mais especializado. E o concurso é só o primeiro passo na carreira diplomática. Após aprovado o candidato tem que percorrer dois anos de formação, no Instituto Rio Branco. Só após sua formatura é que atuará como diplomata nas embaixadas, consulados e escritórios do Brasil e do exterior.

2.3 Características diplomáticas

Uma pesquisa de campo com diplomatas, feita pela acadêmica Karla Gobo por meio de entrevistas e apurações, mostrou que alguns fatos eram recorrentes, como a importância de se referir aos demais colegas de exercício diplomático pelo nome completo e também na presença na casa de diplomatas entrevistados de objetos de várias partes do mundo, tapetes, louças, uma biblioteca particular, assim como a figura do Barão do Rio Branco, sempre presente em seus discursos. Objetos e personagens que remetem à tradição e à cultura refletem seus moradores e acabam por se colocar como fortes fatores de distinção e preservação de um *habitus cortês*⁵ muito peculiar à aristocracia brasileira do século XIX. Aqui está presente mais uma vez o ideal do equilíbrio entre mudança e tradição.

A máxima de que o Itamaraty defende o interesse nacional e não os governos (LAFER, 2007; VIZENTINI, 2008) tem efeito direto em seus membros ao repudiar a partidização de seus agentes, além de cultivar uma postura que objetiva se distinguir dos demais atores presentes no aparelho de Estado. Ou seja, os diplomatas, principalmente embaixadores, procuravam se distinguir dos políticos profissionais, pois seu interesse é nacional e vai além de partidos políticos e agentes estatais (GOBO, 2013).

No caso do campo diplomático brasileiro, já se nota nos primeiros anos da República a tentativa de se isolar o Itamaraty do sistema republicano prevalecente. E o Rio Branco era o

⁵ O termo “cortês” é utilizado neste trabalho atendendo a dois significados. O primeiro diz respeito a uma postura educada, gentil. O segundo está relacionado à corte, à nobreza, pois os diplomatas acreditavam que pertenciam a uma linhagem especial.

principal responsável por essa cultura. Antes de 1934, ano em que passou a ser obrigatório o concurso para ingressar na burocracia pública, os empregados eram selecionados por indicação. Com a criação do Instituto Rio Branco, essa obrigação tornou-se ainda mais legitimada.

É interessante notar que a própria edificação do MRE em Brasília é uma construção à parte do restante dos ministérios. Enquanto os edifícios ministeriais são todos iguais, o Itamaraty goza de uma construção com características próprias, além de ser um prédio que recebe as principais personalidades que visitam o país. Gobo (2013) explica que a falta de distinção entre privado e público, casa e rua, faz do Palácio do Itamaraty a casa dos diplomatas brasileiros, pois é assim que eles se referem ao seu local de trabalho, como sendo a sua casa e antes de tudo a “casa de Rio Branco”. O termo “casa” é disseminado nas aulas de linguagem diplomática do Instituto e é normal que ele seja utilizado nos documentos oficiais dirigidos a outros diplomatas brasileiros. A autora defende que o termo vai além de uma regra burocrática do Itamaraty, pois essa não separação entre a vida profissional e pessoal chega a ser um modo de diferenciação do MRE e seus atores dos demais profissionais do Estado.

Um exemplo da força da tradição na atuação diplomática é a importância da esposa exemplar, que saiba receber bem os convidados, cozinhar e organizar festas. Ainda hoje, a parceria entre o diplomata e a esposa é de grande importância para classificar um profissional, pois o grupo ainda defende a ideia de que um bom jantar auxilia na ação diplomática. O domínio das regras de etiqueta e um conhecimento das belas artes também são fundamentais no exercício do poder simbólico.

Em outra pesquisa de campo, desta vez realizada por Moura (2009) por meio de entrevistas, conversas e observações nas aulas preparatórias para o concurso e nas aulas do IRBr, percebe-se mecanismos sutis e constantes, indícios de valores e classificações, que mesmo não estando explícitos em regulamentos e documentação oficiais, são fundamentais para a sociabilidade e vivência da carreira diplomática.

Dois rituais significativos são a Cerimônia de Formatura (CF) e a Cerimônia de Imposição de Insígnias e Medalhas da Ordem de Rio Branco (CI). A CF é realizada desde 1970 no dia 20 de abril, aniversário do barão do Rio Branco, data que também se comemora o Dia do Diplomata. É aí que os jovens diplomatas brasileiros confirmam o ritual de ingresso no Itamaraty. 1970 foi o ano escolhido não por acaso. De fato, foi em meio à ditadura militar que o Palácio Itamaraty, com sede no Rio de Janeiro, foi transferido para Brasília. Essa mudança não

foi apenas física, mas também psicológica e social, pois os diplomatas saíram da vida boêmia carioca para morar longe de seus familiares e amigos na nova capital e o MRE foi relocado da casa que o havia sediado desde 1899. Pode-se dizer, também, que o binômio tradição-renovação (aniversário do barão e inauguração de uma nova sede) está presente.

Moura (2009) destaca também, nesses dois rituais, a demarcação hierárquica de espaços, atitudes, pessoas e circuitos. Já na cerimônia de medalhas, a autora mostra a “evidente” separação entre os membros do “mundo de Rio Branco” ou “Casa de Rio Branco” e os demais, até mesmo dentro do Ministério. Enquanto os pertencentes à carreira diplomática compõem o Quadro Ordinário da Ordem, os não diplomatas (os demais funcionários do Governo que não seguiram a carreira) fazem parte do Quadro Suplementar. Ainda neste ritual, a autora diz que a padronização e formalidade dos atos se estendem ao cumprimento das autoridades, onde os novos membros da Casa formam fila em ordem hierárquica e cumprimentam com um aperto na mão direita e um tapa no braço esquerdo.

De maneira geral, a cerimônia reafirma o status da casa – que inclui somente os diplomatas organizados em seis categoriais hierárquicas –, demonstrando sua grandeza e tradição; para os representantes de outros órgãos do Estado, regula relações amistosas e reafirma uma distinção, seja por meio da imposição das medalhas ou pela criação do pertencimento à ordem. Demonstra também a força da identidade que eles estão prestes a adquirir e que a grandeza da Casa é reconhecida por pessoas de fora.

A outra cerimônia, a CF, tem como foco o discurso, “ressaltando a grandeza da Casa, da Nação e da carreira diplomática”. Ela pode ser entendida como um ritual de passagem em que os alunos do Rio Branco passam a ser terceiros-secretários e a ocupar uma posição na carreira. O rito conta ainda com entrega de medalhas para os alunos com maior desempenho no concurso de admissão e ao longo do curso de formação e com um almoço com o presidente da República e autoridades de grande escalão da Casa. A cerimônia, como explica Moura a seguir, reforça o papel do IRBr como instituição dotada de identidade própria:

Essa identidade provém de pertencer a uma coletividade que tem a conduta de seus membros regulada pelas normas da hierarquia e pela “tradição” da casa, formas de sociabilidade codificadas e uma visão de mundo pautada nos valores condensados na figura do Barão do Rio Branco: a diplomacia como meio de vida, a Casa e a pátria (MOURA, 2009, p.37).

Mas a apreensão das classificações e dos valores do ethos diplomático pelos novos diplomatas acontece num processo de socialização contínuo e intenso, algumas vezes de forma sutil, nas aulas de formação e com a convivência com outros diplomatas. Em alguns casos, acontece muito antes da entrada no curso. A autora explica através da ideia de “carreira” – termo usado pelos diplomatas para se referir à sua trajetória dentro do serviço exterior brasileiro, também podendo adquirir um sentido mais amplo da diplomacia como razão de ser. Ela pode se iniciar em um determinado momento entre a aprovação no concurso e a Cerimônia de Formatura, mas também pode ter uma origem mais subjetiva como um processo crescente e contínuo.

A escolha pela carreira também pode vir de um processo familiar ou pelo interesse precoce com o estereótipo do diplomata. No segundo caso, está presente a questão da vocação, de portar as características do “perfil riobranquino”: inteligência, educação, cortesia, entre outras. Outros fatores são a ideia de pertencer a um grupo de status, ascender socialmente, estar próximo ao poder, ser considerado membro de uma elite sofisticada e de difícil acesso. Além disso, somam-se o interesse por outras culturas, a aptidão por viagens e a busca por estabilidade propiciada pela profissão.

2.4 O Instituto Rio Branco e o processo de socialização

O posto de diplomata começa assim que os candidatos são aprovados no CACD. Ao passar no concurso, eles são automaticamente matriculados no Profa-I, um curso com duração de dois anos. O primeiro consiste em aulas no instituto, sediado no anexo II do MRE em Brasília. No ano seguinte, os alunos participam de programas de estágio na Secretaria de Estado das Relações Exteriores (Sere) e em postos no exterior. Mesmo já sendo considerados diplomatas, esses dois anos do programa equivalem ao período probatório no serviço público. Ou seja, a aprovação no Profa-I é o que confirma o serviço exterior.

Com matérias conceituais e profissionalizantes, além das línguas estrangeiras obrigatórias (francês, espanhol e inglês) e optativas (que pode ser escolhida entre russo, árabe e chinês) em dois períodos com duração de até 20 semanas por semestre, os alunos têm aula das 9h às 16h, com uma hora de almoço. São nove matérias, cada uma com duração de duas horas, uma vez por semana. Além das aulas, palestras e seminários semanais ocorrem no auditório do IRBr, onde todos devem comparecer.

De acordo com o site do Instituto Rio Branco, a grade curricular do Curso de Formação 2014-2015 compreende as disciplinas listadas a seguir: Cerimonial e Protocolo; Desenvolvimento Sustentável; Diplomacia Consular; Diplomacia e Promoção Comercial; Direito Internacional Público; Direitos Humanos e Temas Sociais; Economia I e II; História da América do Sul; História da Política Externa Brasileira; Linguagem Diplomática I e II.

Já os módulos profissionalizantes oferecidos são: Organização e Métodos de Trabalho do MRE; Organizações Econômicas Internacionais e Contenciosos; Organizações Políticas Internacionais; Orientação Profissional; Planejamento Diplomático; Política Internacional e Política Externa Brasileira I e II; Técnicas de Negociação; Teoria das Relações Internacionais; Teoria Geral do Estado e Direito da Integração; Visões do Brasil I e II; Árabe, Chinês ou Russo I, II e III; Espanhol I, II e III; Francês I, II e III; Inglês I, II e III.

É importante ressaltar que as disciplinas podem variar de um ano para outro, conforme o perfil dos alunos, dos professores e de acordo com as diretrizes da política externa brasileira. Um dos motivos é o fato de que nenhum professor é exclusivo do instituto. Todos ocupam outras funções, no caso suas atividades profissionais prioritárias, seja no MRE ou em outras instituições.

Mas apesar da importância em aprender o conteúdo dado em sala de aula, Moura (2009) mostra em sua pesquisa que o mais importante para os novos diplomatas é aprender o ethos da casa. “O Profã-I ajuda as pessoas a se encaixarem nas ‘classes’ atribuídas a elas pela casa, assim como aprender esse sistema de classificação e situar os outros dentro dele” (MOURA, 2009, p. 85). Um exemplo é a questão dos trajes. De acordo com o regulamento, é necessário usar o “traje completo”, mas ele não traz nenhuma referência em relação a acessórios, cores das roupas ou aspectos físicos. Mesmo assim, a autora mostra que gravatas coloridas, brincos grandes, roupas com decotes são repreendidas principalmente com olhares. Em torno de dois meses, se percebe uma homogeneização no vestuário dos jovens diplomatas.

Como explica a autora, a casa e a carreira diplomáticas estão organizadas de modo a permitir uma relação cautelosa entre os colegas. Como característica, uma configuração social que mescla elementos de uma estrutura hierárquica holística, em que o todo é maior do que a soma das partes, com um individualismo qualitativo, ou seja, que valoriza a singularidade das qualidades de cada pessoa. O fato de que o número de vagas para ministros de primeira classe é a metade das vagas ocupadas por terceiros-secretários, mostra que a ascensão da carreira fica por

conta de cada indivíduo e depende também da reputação que ele conseguir desenvolver com seus superiores, mais do que com seus pares.

As aulas do Profa-I refletem esse ethos construído a partir da combinação de três elementos principais: a distinção do status de diplomata em relação aos demais cidadãos brasileiros; a preeminência do todo sobre as partes, em que os que ocupam as categorias hierárquicas superiores englobam o restante dos diplomatas; a valorização da singularidade individual como forma de ascender hierarquicamente, através do mérito (MOURA, 2009, p. 88).

Todos os diplomatas têm de ser aprovados no Concurso de Admissão. O treinamento durante a carreira é intenso e contínuo. Afinal, o diplomata tem de ser capaz de bem representar o Brasil perante a comunidade de nações; colher as informações necessárias à formulação de nossa política externa; participar de reuniões internacionais e, nelas, negociar em nome do Brasil; assistir as missões no exterior de setores do governo e da sociedade; proteger seus compatriotas; e promover a cultura e os valores de nosso povo. Eles serão preparados para tratar – tendo sempre como ponto de referência os interesses do país – de uma série de temas, que vão desde paz e segurança, normas de comércio e relações econômicas e financeiras até direitos humanos, meio ambiente, tráfico ilícito de drogas, fluxos migratórios, além de passar, naturalmente, por tudo que diz respeito ao fortalecimento dos laços de amizade e cooperação do Brasil com seus múltiplos parceiros externos.

O Itamaraty tem tradição de bem servir ao interesse público. José Maria da Silva Paranhos Junior, o Barão do Rio Branco, patrono da diplomacia brasileira, legou-nos um padrão de excelência que nos esforçamos em manter. Hoje, sucedem-se reuniões de Chefes de Estado e de Governo, congressos de parlamentares, encontros empresariais, seminários técnicos, conferências de organizações não-governamentais, numa indicação clara de que os temas internacionais interessam crescentemente um número maior de representantes da sociedade.

Para o Itamaraty, tal evolução enriquece e pauta a atuação do diplomata. No exercício de suas funções de defender os interesses do Brasil no exterior e de contribuir para o entendimento entre os países, o diplomata tem de estreitar a coordenação não só com seu governo, mas também com a sociedade da qual provém. Essa noção de diplomacia pública, que orienta as atividades do Itamaraty, constitui a principal fonte de renovação e, ao mesmo tempo, de legitimidade de nossa carreira diplomática.

Quadro 1 – Mundo de Rio Branco (graus hierárquicos)

Casa de Rio Branco	Ordem de Rio Branco
Embaixador (ministro de primeira classe)	Grã-cruz
Ministro (ministro de segunda classe)	Grande oficial
Conselheiro	Comendador
Primeiro-secretário	Oficial
Segundo e terceiro-secretários	Cavalheiro

Fonte: Moura (2009)

Ser um diplomata não é apenas um título alcançado com a nomeação e com o aprendizado de determinadas técnicas. Para alguns estudiosos, um diplomata não é uma vocação totalmente natural, mas um profissional cuja forma de ver e entender o mundo é construída socialmente, através de relações pessoais ou sociais. E, sobretudo, por meio de seu processo de formação, que tende a criar padrões e desenvolver, assim, características que os diferencia dos atores das demais instituições estatais.

A identidade que se forma quando se passa no concurso tem caráter complexo, pois implica o pertencimento a uma categoria funcional, a uma casa com tradições próprias e a uma classe profissional que se organiza hierarquicamente. Portanto, é preciso ajustar a visão de mundo, o comportamento e as expectativas para o futuro, além de saber se relacionar com os membros da casa de forma apropriada em cada situação (MOURA, 2009). Passar no concurso é, além de uma nova identidade e profissão, uma nova forma de vida doméstica, um novo lar.

Assim, o diplomata pode ser considerado um produto das regras de conduta que incluem o conhecimento de outros idiomas, especialmente o francês (que ainda é considerada a língua da diplomacia), da arte de bem receber, da oratória, de se vestir com elegância e de saber se portar como um funcionário de alto escalão. Esses dotes vão além de conhecimentos especializados, estando ligados à capacidade de sedução e convicência através de seu capital cultural acumulado. Junto a eles, estão argumentos frequentes na “casa”, como a defesa do interesse nacional, a tradição e a construção da nação.

Em resumo, o corpo diplomático do Itamaraty parece se impor perante o restante do aparelho de Estado fazendo uso, sobretudo, de regras de conduta e julgamento que acabam por definir não só as regras do campo, mas também a forma de conduzir a política externa e as

relações do Brasil, assim como se dissociar dos demais, dando um caráter peculiar ao Ministério (GOBO, 2013).

Por mais que a seleção de diplomatas se desse através do mérito, ela mantinha o padrão dos atores que costumavam atuar no serviço diplomático no século XIX, quando a fortuna e o capital social e cultural eram elementos importantes para permitir a entrada no corpo diplomático brasileiro. Embora a forma de recrutamento tenha sofrido algumas modificações, parecem prevalecer no Itamaraty traços comuns às aristocracias do século XIX. Já Moura (2009) mostra que, por mais que o título de “diplomacia” tenha uma relação histórica com pessoas “bem nascidas” e que o Itamaraty tem a reputação de ter recebido membros da corte imperial brasileira, é certo que desde a criação do IRBr, o MRE passa por um processo de burocratização e democratização quanto ao recrutamento de seus membros. A maior parte dos novos diplomatas não pode ser considerada “nobre” pelos critérios de hereditariedade. Pode-se dizer que o processo de formação é um importante socializador e homogeneizador das práticas, reforçando e reproduzindo os capitais simbólicos necessários à profissão.

O crescimento do número de diplomatas teve uma ligação direta com o projeto de política externa brasileira durante o segundo mandato do presidente Lula. Com o interesse por relações com outros países, houve a abertura de novas missões e a necessidade de novos profissionais. Como mencionado anteriormente, a entrada de 100 diplomatas entre 2006 e 2010, levando em consideração que a média histórica é de 30, pode ter permitido uma maior variedade de profissionais. Essa diversidade pode ter influenciado na maneira de atuação dos diplomatas, que agregaram características de outras áreas de conhecimento que não a sua de graduação. A participação no concurso do Rio Branco também faz parte da busca do brasileiro pela estabilidade do salário aliado a um emprego dinâmico, onde é possível subir de cargo mais facilmente que outros postos federais. Thomaz explica que:

Todos os nossos autores fizeram parte dessas "turmas de cem" do MRE, que representaram também o rejuvenescimento e a revitalização do Ministério. Na maioria dos casos, os autores do blog foram selecionados cedo na carreira para servir em Postos considerados difíceis, o que era incentivado sob a gestão do Ministro Celso Amorim⁶.

⁶ Informação concedida para a autora em conversas trocadas por email.

Essa dinamicidade também é característica das novas gerações. A maior facilidade de chegar em territórios vistos como exóticos, a participação em assuntos políticos por meio da internet – um forte exemplo foi a presença do twitter na primavera árabe⁷. – são alguns pontos que exemplificam a modificação do homem com o tempo e o espaço por meio das tecnologias.

De acordo com o site do Rio Branco, a análise estatística de concursos recentes mostra que a maioria dos candidatos aprovados tem formação na área das Humanas, com destaque para os cursos de Direito, Administração, Ciência Política, Relações Internacionais, Comunicação Social, História, Geografia, Economia e Letras. A Comunicação tem uma participação relevante para este trabalho, já que pelo menos três dos diplomatas que criaram o blog Jovens Diplomatas são formados pela ECA-USP, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. E, como explica Thomaz, a necessidade de se comunicar com a sociedade, intrínseca ao jornalista, e a familiaridade com a escrita foram dois importantes motivos para colocar o blog no ar.

2.5 A diplomacia e as mídias digitais

Dentro do campo específico da diplomacia – que é uma parte das relações internacionais–, percebemos que as mídias digitais tornam os assuntos diplomáticos pertencentes a toda a sociedade, pois saem da esfera particular dos diplomatas e dos ministérios das relações exteriores de seus países. Nesse sentido, Aprigio (2010) levanta o questionamento: que papel deverá desempenhar o “novo diplomata” em tempos em que informações são trocadas entre os cidadãos 24 horas por dia?

O termo "novos diplomatas" foi utilizado pela primeira vez em junho de 2010, pelo consultor em Relações Externas e mestre em Relações Internacionais em artigo para o Mundorama (Publicação Científica da UNB/Brasília), com referência à nova postura que deveria ser adotada por esses profissionais, em decorrência das novas tecnologias e da expectativa e cobrança da sociedade e da comunidade internacional, por informação atualizada e instantânea.

Goes Filho (2003) explica que o mundo da diplomacia abrange as distintas formas de comunicação e interação entre os agentes sociais que participam dessa dimensão da vida social. A linguagem tem características e regras específicas internamente, mas também tem a função de

⁷Protestos ocorridos no Oriente Médio em 2010 que derrubaram regimes consolidados há décadas e tiveram participação de mídias sociais.

informar a sociedade onde esses agentes estão inseridos. Para o autor, a cultura diplomática e os diplomatas exercem um papel de grande importância nos elementos constitutivos das culturas transnacionais, contribuindo para a invenção de novos princípios universais que podem ser, inclusive, instrumentos de poder quando sua observância é usada como argumentos para o estabelecimento de pré-requisitos para a cooperação internacional.

Representação, informação, negociação, promoção, proteção e extensão externa do serviço público são algumas das funções de uma missão diplomática levantadas por Magalhães (2005). Para o autor, os funcionários das embaixadas, no caso deste trabalho, os diplomatas, tem o papel de propagar a imagem do Brasil nos países onde estão e nos arredores, estabelecer uma relação contínua com o governo de origem e defender os interesses nacionais sempre que necessário. É importante, também, que a comunicação entre diplomatas e o governo seja ampliada para que também faça parte dela seus cidadãos.

A função de informação traz especial importância para este trabalho e pode ser feita de diferentes maneiras. Uma, que faz parte das funções do diplomata, é colher informações do Estado onde se está trabalhando para seu país de origem. A segunda, não obrigatória mas igualmente importante, é a de disponibilizar esses dados para a sociedade, como um serviço de utilidade pública. Neste caso, pode-se citar exemplos de livros, artigos e blogs de diplomatas ou agentes negociadores sobre experiências em missões diplomáticas ou eventos internacionais. Neste trabalho, o foco está direcionado para os produtos digitais, em especial o blog *Jovens Diplomatas*.

2.6 Cibercultura e a nova esfera comunicacional

A atuação desses jovens diplomatas na comunicação com a sociedade tem ligação direta com a presença da cibercultura. Mesmo tendo surgido como um meio de comunicação restrito em relação ao acesso, a internet adquiriu, ao longo de seu desenvolvimento, um caráter democrático no âmbito da comunicação em relação à emissão de informações, já que possibilita que os usuários se expressem e se reconheçam na rede independentemente de posições ideológicas e sociais, bastando que estejam conectadas na web.

Lima Junior (2009) explica que as introduções tecnológicas são uma constante nos procedimentos de captação, produção e distribuição de conteúdo informativo, contribuindo na

evolução do processo comunicacional. Dois exemplos importantes citados pelo autor são o telégrafo e a fotografia. O século XXI ainda está no seu começo, mas a convergência de mídias trazida pela revolução digital tem consequências fortes e diretas na produção e no consumo de informações jornalísticas. Mesmo a web tendo um curto período de vida em relação às mídias impressa e eletrônica, seu ritmo de evolução é acelerado.

A tão falada mídia social concede novos caminhos na construção de conteúdos informativos conectados aos interesses da sociedade a que serve, conquistada principalmente pelo fator da interatividade (LIMA JUNIOR, 2009). Ela é usada com eficácia pela participação e pela influência e não pelo comando ou controle de terceiros. É dinâmica, multidirecional e motor de informação:

A mídia social é um formato de Comunicação Mediada por Computador (CMC) que permite a criação, compartilhamento, comentário, avaliação, classificação, recomendação e disseminação de conteúdos digitais de relevância social de forma descentralizada, colaborativa e autônoma tecnologicamente. Tem como principal característica a participação ativa da comunidade de usuários na integração de informações, visando à formação de uma esfera pública interconectada. (LIMA JÚNIOR, 2009, p. 176).

Girardi Júnior (2009) diz que não se pode falar de trocas simbólicas interconectadas sem pensar uma organização em rede, estruturada em diversas camadas, que pressupõe uma dinâmica e complexa relação entre seus agentes sociais – muitas vezes com motivações e interesses diferenciados – por meio de nós e estabelecendo elos com variados graus de densidade. Esse aspecto relacional, um dos mais importantes da rede, foi o que levou Castells a caracterizar a sociedade em rede em um espaço social de fluxos integrados.

Essa troca de informação, como explica Girardi Júnior, não é apenas de signos que precisam ser decodificados pelo destinatário, mas “jogos de linguagem complexos a partir de relações simétricas e assimétricas entre os interlocutores” (GIRARDI JUNIOR, 2009, p. 91). A habilidade dessa conversação é adquirida com o tempo em meio aos processos de socialização, muitas vezes até particulares. Para que aconteça essa esfera pública interconectada, é necessário um “protocolo”, que permita um entendimento coletivo mínimo sobre seu exercício.

Barros (2009) explica que, quando se estuda as relações entre comunicação e cultura no contexto sociocultural onde acontecem as práticas comunicativas, a coletividade e os grupos de convivência passam a ter importância e permitem os processos de mediação. As mediações de sentido e não os aparatos técnicos são os elementos que estruturam o processo de significação e

trazem uma abordagem antropológica à comunicação. Um exemplo é a interferência do tempo histórico e o lugar social em que se encontram os receptores na recepção da mensagem e na criação de significados. “Não se trata, portanto, de um processo de convergência, mas de hibridação intercultural o que hoje vivemos em um mundo onde as fronteiras geográficas tradicionais já não dimensionam bem os conteúdos e continentes, os indicadores e identidades” (BARROS, 2009, p. 158).

Enquanto as mídias de massa tinham a função de informação, as mídias digitais “pós-massiva” têm a função “de comunicação, de diálogo, de conversação” (LEMOS, 2009). A esfera mediática, que surge no fim do século XIX, cria as noções de público e opinião pública, base para as democracias modernas. A sociedade da informação, que começa nas últimas décadas do século XX, reconfigura a paisagem comunicacional, onde a “conversação se dá no seio mesmo da produção e das trocas informativas, entre atores individuais ou coletivos” (LEMOS, 2009, p. 10). A nova esfera conversacional é caracterizada por instrumentos de comunicação com funções pós-massivas, mais comunicacional do que informacional – já que o diálogo é mais presente que a recepção passiva –, que tem como base a troca livre de informação, a produção e a distribuição de conteúdos diversos. Uma conversação que, mesmo tendo proporções planetárias permite reforçar dimensões locais.

As tecnologias da comunicação e da interação digitais, e as redes que lhe dão vida e suporte, provocam e potencializam a conversação e reconduzem a comunicação para uma dinâmica na qual os indivíduos e instituições podem agir de forma descentralizada, colaborativa e participativa (LEMOS, 2009, p.11).

Elas tornam possível o surgimento de uma nova esfera pública, o ciberespaço. Um local onde é mais presente o engajamento político e cívico. Quando um usuário compartilha ou mostra o que tem a dizer, permite uma conexão com os outros e uma reconfiguração do mundo a seu redor, que para Lemos, é a essência do político. O desenvolvimento das redes sociais é o que torna possível um público com laços e que compartilha de certa identificação.

De acordo com Lemos, a função massiva é característica dos meios tradicionais, mas também pode estar presente em um portal fechado na internet. O autor compreende essa função como um fluxo centralizado de informação com o controle editorial do emissor, influenciado pela publicidade. Elas também têm participação na formação da opinião pública, mas sua abrangência tende a ser nacional ou local. Já a função pós-massiva requer uma mídia com polo de emissão liberado, não dependem de publicidade e têm abrangência virtual por todo o planeta.

Uma forma de comunicação que permite o interagente viver simultaneamente em dois espaços: um físico, georreferenciado e presencial e outro virtual, também conhecido como ciberespaço, em que a comunicação é

um fluxo digital descorporificado, imaterial e repleto de incertezas. O ciberespaço só existe no interior das redes informacionais e pode ser entendido como o espaço virtual, sendo acessado de qualquer um dos diversos pontos da rede espalhados pelo planeta (SILVEIRA, 2009, p.71).

Sua geografia não é a mesma dos países e dos territórios físicos, mas o ciberespaço só existe sobre uma infraestrutura comunicacional, como as operadoras de telefonia, que estão dispostas fisicamente em regiões e países. Isso quer dizer que mesmo estando no mundo virtual, o usuário está sujeito a limitações físicas, como a conexão da internet, o provedor de acesso e a disponibilidade de energia elétrica.

Quadro 2 - espaço físico x virtual

Território	Rede
Material	Imaterial
Visível	Invisível
Atual	Virtual-abstrato
Tangível	Intangível
Corporificado	Descorporificado
Fixo-parado	Movimento-fluxo
Espaço social euclidiano	Espaço lógico

Fonte: Silveira (2009)

“A multidirecionalidade da comunicação na internet, articulada à digitalização de toda produção simbólica e icônica da sociedade, é uma das principais bases técnicas da alta interatividade”. (SILVEIRA, 2009, p. 73). Seu caráter horizontal é graças à arquitetura – conjunto de protocolos e sua topologia – de distribuição da rede.

2.7 Blog *Jovens Diplomatas*

Os blogs vêm ocupando um espaço cada vez maior no mundo virtual. Originalmente pensados como um diário, Martino (2013) explica que esses produtos rapidamente passaram a se dedicar a temas específicos e o amadorismo da autobiografia passou a dividir espaço com a escrita profissional. Também trabalharemos com a opinião de Martino (2013) sobre a importância dos “diários pessoais” como fontes de informações confiáveis. Em especial em contrapartida com o jornal impresso, que muitas vezes tem como fonte uma única agência internacional. Esse posicionamento valida a relevância informativa do blog em estudo (*Jovens Diplomatas*).

Como explica Martino (2009), os “blogs jornalísticos” ou blogs com propósito informativo se proliferam como fontes de informações paralelas às mídias tradicionais. Apesar da semelhante função, eles se diferenciam do jornalismo tradicional na formulação de pautas, na seleção de hierarquização de informações, na ausência do vínculo empresarial, na possibilidade de mesclar opinião e informação. O autor apresenta também outro tipo de blog a partir de sua forma e finalidade: o blog como diário pessoal, que se resume na exposição pública da vida privada. E um terceiro – que nos interessa –, classificado como intermediário, de caráter jornalístico mas nos quais o espaço autoral também é ampliado:

Aqueles nos quais os elementos jornalísticos são rearranjados, modificados, misturados com procedimentos anteriormente associados à ficção literária e aos espaços da autobiografia. Adicionam às práticas, valores e procedimentos consagrados na criação jornalística a liberdade de escrita, novos valores para a seleção de dados, uma vinculação com a mídia que se revela, em alguns casos, mais uma interdependência do que propriamente uma relação linear. (MARTINO, 2009, p. 211).

Assim, para o autor, a predominância da subjetividade frente a objetividade é uma característica marcante, mas a velocidade da informação, a checagem dos dados, a consulta às fontes, a busca pela veracidade, típicas do jornalismo convencional, também podem estar presentes, sendo que na maioria dos casos estão sujeitas exclusivamente à vontade do autor (MARTINO, 2009).

Como já mencionado anteriormente, o blog foi criado em 2011 com o objetivo de trazer um pouco da vida de um profissional do governo, mas também de um indivíduo como qualquer outro brasileiro em cidades e países alheios ao circuito diplomático e turístico convencional, “mas não por isso menos fascinantes”. A proposta é compartilhar histórias da rotina de alguns

diplomatas em início de carreira. As narrativas usadas para isso são diversas: relatos, crônicas e fotografias com a intenção de “quebrar estereótipos arraigados sobre nossa profissão e sobre as terras em que, provisoriamente, moramos”⁸. Ou seja, o blog não foi criado para expor histórias fictícias, mas fatos verídicos que não são divulgados na mídia tradicional.

Buscar informações, assuntos de interesse pessoal, contatos sociais, criar relações, expressar opiniões e vínculos com instituições ou partidos políticos. São muitas as funções de um blog e são maiores ainda os motivos que levam uma pessoa a lê-los. Apesar da cultura do “eu” apresentada no primeiro capítulo, alguns autores também têm objetivos maiores que tornar pública sua vida íntima.

Além de articular o mundo virtual com a vida cotidiana, o blog permite uma prática textual e audiovisual específica na internet que, de acordo com Martino (2009), mescla jornalismo e literatura, adentrando a esfera íntima da escrita, como os diários pessoais e autobiografias. Os blogs não são somente uma nova formulação dessa escrita tradicional, mas “o espaço de geração de possibilidades múltiplas de novas formas de comunicação e constituição de identidades textuais” (MARTINO, 2009, p. 209).

Um exemplo é o blog *Jovens Diplomatas* que, inserido também no contexto diplomático, busca não só publicar o cotidiano de um diplomata em suas missões internacionais, mas também deixar a sociedade a par de suas atividades, ainda que em nível mais superficial.

⁸ Informações disponíveis na página inicial do blog. <http://jovensdiplomatas.wordpress.com>

3 – AS NARRATIVAS DO BLOG *JOVENS DIPLOMATAS*

(...) Terça-feira, depois de comer, fomos em terra, fazer lenha, e para lavar roupa. Estava na praia, quando chegamos, uns sessenta ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram logo para nós, sem se esquivarem. E depois acudiram muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcos. E misturaram-se todos tanto conosco que uns nos ajudavam a acarretar lenha e metê-las nos batéis. E lutavam com os nossos, e tomavam com prazer. E enquanto fazíamos a lenha, construíam dois carpinteiros uma grande cruz de um pau que se ontem para isso cortara (...) (CAMINHA, 1963)⁹.

A famosa carta de Pero Vaz de Caminha, com um trecho destacado acima, foi escrita para o então rei de Portugal, D. Manuel, à época do descobrimento do Brasil. A linguagem do escrito lembra um diário, mas falar sobre acontecimentos e sobre pessoas do cotidiano, além de focar no modo de apresentação das informações – caracterizando o relato de forma subjetiva – e não na sua tecnicidade, também se encaixa em um gênero que não existia em 1500, a crônica.

Essas semelhanças levam muitos estudiosos a classificarem esse documento de Caminha como a primeira crônica brasileira. No caso, durante a Idade Média e o Renascimento, o sentido do termo crônica aplicado é o de “narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos” (Bignotto e Jaffe, 2004, p. 18). Foi apenas no século XVIII que a crônica passa a ser um registro histórico acompanhado de interpretações, e, como gênero literário em Brasil e Portugal, apenas no século XIX. Como mostram Bignotto e Jaffe (2004, p. 19), “o foco na circunstância, situação, pessoas ou objetos em determinado momento ganha mais importância no decorrer do tempo, tornando-se a matéria principal da crônica moderna”. É importante ressaltar que a carta de Caminha permite compreender melhor a pluralidade brasileira e os valores distintos entre colonizados e colonizadores.

A relação entre crônica e viagem é antiga, vide os relatos de Marco Polo. No período colonial brasileiro, além de Caminha, destaque para os jesuítas Manuel da Nóbrega e José de Anchieta e suas crônicas sobre a vida colonial. Nos séculos seguintes, continuam os diários, crônicas e cartas sobre as impressões dos viajantes sobre as terras recém-descobertas. Esses viajantes podem ser considerados os principais cronistas da vida brasileira durante os séculos

⁹ Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha traduzido pelo Itaú Cultural e disponível na obra de Bignotto e Jaffe, 2004.

XVI e XIX, pois suas obras trazem informações importantes sobre a terra, a gente e os costumes do Brasil.

As crônicas de viagem permanecem sendo de grande interesse literário por apresentar diferentes modos de descrição de lugares, objetos e pessoas. A maneira como o cronista faz o recorte, ou enquadramento, da realidade que quer retratar; sua atitude diante dos objetos que descreve; a posição física que assume para produzir suas impressões – esses e outros aspectos podem ser investigados em crônicas de autores modernos e contemporâneos como Cecília Meireles, Alcântara Machado, Fernando Gabeira e Luis Fernando Veríssimo, entre outros (BIGNOTTO e JAFFE, 2004, p. 21).

A relação entre crônica, diário e viagem continua até os dias de hoje e um exemplo são as narrativas do blog *Jovens Diplomatas*. Os textos sobre países longínquos e pouco conhecidos trazem o interesse pelo exótico e a identificação pelos temas comuns – trabalho, lazer, amor, situações engraçadas, família – que acompanham o cotidiano de pessoas em diferentes continentes. São escritos não mais no papel, mas pelo computador, permitindo o acesso de inúmeras pessoas à leitura, independente da condição geográfica.

Cândido et al (1992) mostram que o efeito dos relatos de viagem em quem os lê está diretamente articulado a dois fatores decisivos: “a emergência de um sujeito individual enquanto instância fundamental no processo do conhecimento e a propagação da imprensa” (CÂNDIDO et al, 1992, p. 43).

3.1 A crônica

Para falar de crônica, é preciso falar de opinião, já que no Brasil, o gênero em questão é classificado como opinativo. Luiz Beltrão divide o jornalismo brasileiro em três categorias: jornalismo informativo (notícia, reportagem, história de interesse humano, informação pela imagem), jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade) e jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor).

Beltrão (1980) já dizia que o jornalismo tem como funções básicas a orientação, a informação e a diversão, em que a informação é a função base. Sobre o questionamento se o jornal pode reunir informação e opinião na mesma matéria, o autor responde:

O jornal tem o dever de exercitar a opinião: ela é que valoriza e engrandece a atividade profissional, pois, quando expressa com honestidade e dignidade, com a reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro

caminho à obtenção do bem-estar e da harmonia do corpo social (BELTRÃO, 1980, p. 14).

Beltrão (1980, p. 14) diz que a opinião se trata da “função psicológica, pela qual o ser humano, informado de idéias, fato ou situações conflitantes, exprime a respeito seu juízo”. Para tanto, é preciso ter conhecimento de alguns dados fundamentais e aspectos pertinentes acerca do objeto que se vai opinar. De fato, nem todas as situações são propícias para a opinião, já que ela está ligada à ideia e não à crença.

Quanto ao objeto da crônica, ou sua matéria-prima, Cândido et al (1992) mostram que ele nada mais é que o cotidiano construído pelo cronista através de uma seleção que o possibilita escolher algumas situações e detalhes e descartar outras. São “narrativas do cotidiano”, que servem como documentos e imagens de um momento social e não apenas como dados.

José Marques de Melo, ao defender que a crônica é um gênero definido e consolidado no jornalismo brasileiro, não encontrado no jornalismo produzido em outros países, propõe a seguinte classificação: jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista) e jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta). Ele classifica a crônica como um texto que combina a informação da atualidade com a narração literária, podendo ser considerada como “uma narrativa circunstanciada sobre os fatos observados pelo jornalista num determinado espaço de tempo” (MELO, 2003 p. 149). Quase sempre tem narração direta, onde o narrador é observador ou personagem.

Mesmo tendo como base o modelo europeu (especialmente o britânico, o francês e o português), o jornalismo brasileiro foi além e criou um formato único. Universalidade e instantaneidade são duas características de sua essência. Melo explica que a classificação de informativa e opinativa é uma questão profissional e política, já que, a partir do momento que a imprensa deixa de ser um empreendimento individual para virar uma instituição, com toda sua complexidade, “a expressão da opinião fragmentou-se seguindo tendências diversas e até mesmo conflitantes. Isso é uma decorrência do processo de produção industrial, pois a realidade captada e relatada condiciona-se à perspectiva de observação dos diferentes núcleos emissores” (MELO, 2003, p. 101 e 102).

Seu surgimento no jornalismo brasileiro na segunda metade do século XIX foi como folhetim, um espaço semanal que os jornais reservavam aos domingos para registros cotidianos e escritos, na maioria das vezes, por escritores importantes como Machado de Assis e José de

Alencar. Um dos motivos era a incapacidade do escritor viver apenas de literatura, então escreviam nos jornais para ganhar dinheiro e conquistar público. Assim, o folhetim trazia assuntos variados, com comentários sobre eles. A crônica foi se consolidando com o tempo, pois era necessária uma participação direta e ativa na vida cotidiana para escrever. Essa imersão permitia também que o escritor apresentasse uma linguagem mais coloquial, de melhor compreensão.

Era o resultado da influência francesa na cultura brasileira, que introduziu uma forma nacional do *feuilleton*, o folhetim francês, criado no início do século XIX como um espaço no jornal destinado ao entretenimento e assuntos do cotidiano. Ele está relacionado com as inovações tecnológicas que facilitaram a produção e circulação dos periódicos e com o aumento do público leitor interessado.

Obrigatoriamente versátil, o folhetinista, colibri ou borboleta, deve ser capaz de passar em revista os principais acontecimentos da semana, sejam tristes ou alegres, sérios ou jocosos, econômicos ou políticos, sociais ou culturais. Tudo isso com as variações de estilo que cada assunto requer. O resultado é que em apenas um folhetim podem, por exemplo, espremer-se notícias sobre a guerra da Criméia, vindas no último pacote, uma apreciação do espetáculo lírico que acabou de estrear, uma crítica às especulações na Bolsa e a descrição do baile do Cassino. O que importa é que o folhetim registre os fatos importantes da semana (CÂNDIDO et al, 1992, p. 306).

3.1.1 Crônica: gênero híbrido brasileiro

A crônica no jornalismo brasileiro é um gênero definido e único, sem equivalentes no jornalismo de outros países. É um texto breve, sobre um assunto atual, narrado em ordem cronológica. No caso brasileiro, é um “relato poético do real”, uma combinação entre informação atual e a narração literária. Sua própria etimologia – *chronus*/crônica – confirma esse gênero de estreita ligação com o tempo. Originalmente, para Cândido et al (1992), a crônica feita pelos cronistas coloniais pretendia um

registro ou narração dos fatos e suas circunstâncias em sua ordenação cronológica, tal como esses pretensamente ocorreram de fato, na virada do século XIX para o século XX, sem perder seu caráter de narrativa e registro, incorpora uma qualidade moderna: a do lugar reconhecido à subjetividade do narrador. Num e noutro caso, a crônica guarda sempre de sua origem etimológica a relação profunda com o tempo vivido. De formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo (CÂNDIDO et al, 1992, p. 82).

Embrião da reportagem, foi com essa função de relato histórico que a crônica adentra o jornalismo. Uma narrativa com base em fatos observados por um determinado espaço de tempo. Mello (2003) comenta em seu trabalho que alguns estudiosos acreditam que a crônica como conhecemos tem uma origem latina. Enquanto o jornalismo italiano trabalha a crônica como uma informação observada pelo repórter, com um texto que confirma sua presença, no jornalismo espanhol, a crônica é um texto jornalístico que relata e analisa os fatos ao mesmo tempo. Uma informação interpretativa. Na imprensa francesa, crônica é a cobertura especializada feita sobre determinados setores da vida social ou cultural.

Em resumo, a crônica italiana tem proximidade com a reportagem brasileira, a francesa oscila entre a reportagem setorial e o colunismo e a espanhola é uma combinação entre notícia e comentário.

Alguns autores acreditam que a consolidação da crônica se deu em 1930, com a ajuda de nomes como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Rubem Braga. Destaque para a Semana de Arte Moderna em 1922, que trouxe a linguagem coloquial para a imprensa brasileira e a revolução da imprensa para atingir um público maior e exigente (a classe média emergente). Sua essência, que mescla a seriedade, a reflexão e a observação aprofundada do jornalismo com a leviandade e a subjetividade da literatura, acaba conquistando leitores e ajudando na alfabetização dos brasileiros (BIGNOTTO e JAFFE, 2014).

A atualidade é o foco da crônica moderna, que trabalha uma captação sagaz e sensível dos textos rápidos e dinâmicos do jornalismo, trazendo humor à dureza do cotidiano. O bom cronista sabe manter vivo o interesse do leitor. Melo (2003) mostra que as características fundamentais da crônica moderna são: fidelidade ao cotidiano com foco na psicologia coletiva, crítica social de maneira dissimulada e irônica. A crônica trabalha com a associação de ideias, o jogo de palavras e a presença do imaginário para realçar o real.

É classificada de gênero jornalístico, pois é produto do jornal e se utiliza dele para alcançar o público, além de se alimentar de assuntos presentes no cotidiano e ter o que Melo (2003, p. 160) define como as três condições essenciais de uma manifestação jornalística: “atualidade, oportunidade e difusão coletiva”. Também é um gênero literário, já que é comum ter sua produção compilada em livros, sobrevivendo ao tempo.

Gênero jornalístico ou gênero literário a crônica representa uma narrativa do cotidiano muito difícil de ser realizada”. A crônica, por força de seu discurso híbrido –

objetividade do jornalismo e subjetividade da criação literária -, une com eficácia código e mensagem, o ético e o estético, calcando com nitidez as linhas mestras da ideologia do autor (MELO, 2003, p. 161).

A crônica contemporânea brasileira tem um nome exponencial: Rubem Braga, considerado por muitos o maior cronista brasileiro. É um exemplo que foge do tradicional escritor ou jornalista que também escreve crônicas, já que ganhou papel importante na nossa literatura atuando somente como cronista. Utilizava recursos literários, ficcionais e poéticos para escrever crônicas sobre o cotidiano do brasileiro, sobre assuntos triviais e sobre os segredos que as pessoas preferiam guardar às sete chaves. Sua escrita procurava usar termos já conhecidos para permitir que o leitor se familiarizasse rapidamente com a situação narrada, mas também procurava derrubar as expectativas do leitor de forma inusitada, para promover uma reflexão.

A década de 1930 consolida a crônica como gênero no Brasil com ótimos cronistas como Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Rachel de Queiroz, Nelson Rodrigues, Millôr Fernandes, entre outros. Houve também nessa época a diminuição do analfabetismo. Esses autores apostavam no humor, na leveza e numa linguagem mais brasileira (BIGNOTTO e JAFFE, 2004).

A partir da década de 1960, a crônica ganha espaço definitivo em jornais, revistas e livros impressos. Surgem nomes como Luís Fernando Veríssimo e João Ubaldo Ribeiro. Com o advento da internet, percebemos a presença de cronistas consagrados em colunas de periódicos eletrônicos e cronistas iniciantes com seus próprios espaços. Todos são válidos.

Antônio Cândido (1992) apresenta o termo “rés-do-chão” para classificar a crônica. Um gênero perto das pessoas, que se ajusta à sensibilidade do dia a dia. A linguagem é a do cotidiano, natural e despretensiosa. Sua proposta é criar uma conexão entre o leitor, as coisas e as pessoas. O autor explica que no lugar de adjetivos pomposos e estruturas rígidas, a crônica apresenta a beleza e a singularidade do cotidiano quando menos se espera, além de quase sempre se valer do humor nas suas construções.

É importante lembrar que ainda antes, bem antes, do surgimento da crônica ou até mesmo do folhetim, o ser humano já contava histórias e discorria sobre seu cotidiano e suas aventuras para os amigos e familiares. Intrínseca ao ser humano e presente até hoje, a narrativa é considerada como a base para qualquer forma mais elaborada ou nomeada de comunicação.

3.2 Narrativas

Como a necessidade de contar histórias sempre fez parte da construção da identidade e das relações entre os indivíduos, a função narrativa faz-se presente também no dia a dia dos profissionais diplomatas, em especial no *Jovens Diplomatas*.

A arte narrativa de se contar histórias existe desde que a humanidade organizou-se socialmente. O conhecimento sobre o mundo, o relato das pequenas e grandes ocorrências dos grupos sociais e de povos inteiros, assim como as narrativas ficcionais que aludem à realidade são conteúdo de formas de expressão que se multiplicam e se diversificam na linha do tempo da civilização humana, em todas as culturas. Como mostra Lima:

o relato oral, as narrativas pictográficas nas cavernas, as rodas de conversas ao redor de fogueiras em tempos imemoriais, as cartas dando conta de descobertas de novos territórios, os contos de fadas, as grandes epopeias mitológicas, os testemunhos de guerras e migrações, os grandes romances e os modestos contos escritos à pena em tempos remotos e nos computadores plugados no oceano cibernético de nossos dias (...), as sofisticadas telenovelas da Globo exportadas para o mundo todo e o vídeo caseiro do pai corujão registrando os primeiros passos da filhinha são todos elementos de uma mesma fonte-matriz: nossa propensão humana a contar histórias (LIMA, 2009, p. 357 e 358).

O estilo narrativo é intrínseco ao ser humano graças à nossa tendência natural de contar e ouvir histórias, presente há milênios no nosso gene e em nossa cultura. Para Lima, a narrativa é entendida como “o relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia” (LIMA, 2009, p. 138). O autor também ressalta a possibilidade de compreender a si mesmo ao se refletir nos seus semelhantes retratados pelo relato.

Já Medina define a narrativa como “uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos” (MEDINA, 2003, p. 47). Uma produção cultural que constrói uma realidade simbólica e permite que o ser humano se expresse.

A narrativa cria uma sequência de ordem e desordem ao permitir que o leitor construa por um reordenamento próprio, com aspectos oferecidos pelo texto em questão. A leitura faz com que o leitor seja transportado para uma outra dimensão intelectual, que pode trazer equilíbrio ou desequilíbrio (LIMA, 2009).

Medina mostra a narrativa como uma forma de tecer o presente, o cotidiano. Ela possibilita dar ênfase às histórias de vida, responsáveis pelo sentido dos contextos sociais neste mundo visual e gráfico. Para a autora, é necessário buscar um diálogo possível, em que os valores humanos e a arte da entrevista superam a técnica. Sobre essas narrativas da contemporaneidade, a autora explica que a “proposta é, na essência, humanizar as fórmulas que constituem as técnicas da inércia profissional, na vitalidade do cotidiano anônimo. (...)E as assinaturas autorais mostram o significado social quando inovam na estética da narrativa” (MEDINA, 2003, p. 35).

Lima também apresenta a narrativa jornalística, que tem o objetivo de desnudar e mostrar a contemporaneidade ao leitor, como se fosse uma extensão de seus olhos sobre a realidade que está sendo desvendada. Para isso, o narrador precisa escolher sob qual perspectiva será mostrado o que se pretende. Ou seja, escolher que olhos servirão como extensores da visão do leitor. As duas maneiras mais comuns de se contar uma história são as narrativas em primeira e em terceira pessoa. Enquanto a primeira predomina o foco no narrador protagonista, a segunda trabalha com o narrador onisciente neutro.

Duas características, segundo Lima (2009), estão diretamente ligadas à narrativa. É a voz autoral e o estilo, mostrando que a escrita é pessoal e subjetiva. O autor também defende a humanização dos personagens e das histórias, a imersão, que ajuda na compreensão da realidade e a interação. “Primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a vivência, deixa as emoções, as intuições e os pensamentos assentarem-se. E então escreve” (LIMA, 2009, p. 373).

Mas a cibercultura trouxe novas formas de narrar, ou “práticas narrativas diferenciadas”, como classifica Corrêa (2009). Para ela, novos agentes e novas soluções tecnológicas possibilitam a construção de informações não-lineares e predominantemente multimídia, nas quais os usuários podem interagir sem se preocuparem com uma possível linearidade. A autora também levanta o aumento dos processos participativos e colaborativos através de blog, microblogs e narrativas audiovisuais.

É um período de mudanças, explica a autora, sendo necessária uma adaptação para que a função informativa do jornalismo permaneça no chamado ciberjornalismo. Resiliência – que na física se relaciona com a habilidade de um corpo adaptar-se e retomar a forma diante de novas características do ambiente – foi a palavra escolhida para acompanhar este momento. “Estamos

saindo de um mundo em que a prática generalizada era a exclusividade da informação para uma prática ubíqua de compartilhamento da informação”, explica (CORRÊA, 2009, p. 205).

3.3 O blog

Blood explica que os blogs podem ser classificados em tipos diferentes, de acordo com seu foco principal. O blog tem ligação direta com os diários, mas contêm links subordinados aos textos. Já os notebooks podem ser pessoais ou informativos, mas normalmente têm textos mais extensos e com conteúdos focados. Enquanto blogs têm mais de uma postagem por dia, os notebooks trabalham com um texto diário, normalmente com temas cotidianos.

Mas, no geral, todos filtram informações, trazem contextualizações ao justapor documentos ou informações complementares ou opostas, promovem uma alfabetização midiática, pontos de vista alternativos (já que, na sua essência, são originalmente projetos não-comerciais, não têm interesse em financiar ou aceitar propagandas de empresas, apesar de alguns blogs lançados recentemente mostrarem o contrário), encorajam avaliações dos leitores, estimula participação (especialmente por meio de comentários).

Para a autora, existem três motivos para manter um blog: construir uma reputação, compartilhar informações e se expressar pessoalmente. Normalmente, um deles é o ponto de partida, mas os três são necessários para sua manutenção. Outro ponto importante é que quanto mais você procura informações e escreve sobre, mais você ganha conhecimento e experiência sobre seu tema. Ferramentas que todos os blogs têm: arquivo, copyright, endereço de email para contato, sidebar, permalinks, ferramenta de busca, sistema de comentários,

Blogs não têm gatekeepers, respondem apenas a eles mesmos e normalmente não checam fatos. São pessoas com pontos de vista e testemunhos que levam níveis de pessoalidade e detalhes emocionais que os modelos tradicionais de jornalismo não conseguem. Seria quase que um jornalismo literário, mais humanizado. Ou também se encaixariam no jornalismo opinativo, como colunistas ou cronistas. O segundo caso seria mais comum no Brasil, já que a crônica como gênero opinativo é uma característica bem brasileira.

Ao contrário dos jornalistas, os blogueiros (nome para quem escreve em blogs) vêm das mais variadas áreas e normalmente oferecem aos leitores explicações, informações e análises sobre temas relacionados a seus campos de conhecimento. Apesar disso, algumas vezes eles fazem papel de editor, especialmente quando filtram informações, editam e compilam em uma

mesma postagem. Eles não são um novo jornalismo, mas um complemento, que avalia, argumenta, filtra e divulga informações publicadas nas mídias e empresas de comunicação.

3.3.1 O blog e a conversação em rede: Comunicação Mediada pelo Computador (CMC)

Recuero (2004) coloca a conversa como “o gênero mais básico da interação humana”. É uma necessidade cotidiana e base para interação entre pessoas que recebe influência direta do contexto e das tecnologias vigentes. A autora, ao trabalhar o conceito de “Comunicação Mediada pelo Computador (CMC)”, mostra que as redes sociais virtuais já se tornaram espaços conversacionais. A autora explica o conceito de conversação por sua interação social, seu interacionismo simbólico. A conversação virtual, para ela, é um caso de apropriação.

A conversação em rede é definida por Recuero (2004, p. 19) como “aquela que surge dos milhares de atores interconectados que dividem, negociam e constroem contextos coletivos de interação, trocam e difundem informações, criam laços e estabelecem redes sociais”. Estruturas dos agrupamentos humanos, as redes sociais são constituídas por interações entre as pessoas. No caso do meio virtual, são outros tipos de ferramentas, que modificam as redes de acordo com a apropriação das tecnologias para a comunicação. Os espaços virtuais continuam sendo um espaço de manutenção dos laços sociais, um espaço de lazer. São:

lugares virtuais onde as práticas sociais começam a acontecer, seja por limitações do espaço físico, seja por limitações da vida moderna, seja apenas pela comodidade da interação sem face. Tratam-se de novas formas de ‘ser’ social que possuem impactos variados na sociedade contemporânea a partir das práticas estabelecidas no ciberespaço. Essas práticas também dependentes das limitações técnicas dos espaços construídos para a interação que vão reconstruir, através da apropriação, sentidos e convenções para a conversação online. Ao mesmo tempo, essas conversações têm novos formatos e são constantemente adaptadas e negociadas para acontecer dentro das limitações, possibilidades e características das ferramentas (RECUERO, 2004, p.17).

A conversação mediada pelo computador é a apropriação de um aparato técnico para um uso social. Tem como características a criatividade, a dinamicidade, a dificuldade de ser capturada e enquadrada em apenas uma perspectiva. Por serem dinâmicas, modificam-se com o tempo e com as próprias ferramentas que vão aparecendo, sendo reapropriadas pelos atores.

Uma linguagem escrita, natural e espontânea, enviada por meio da internet, que considera aspectos sociais e culturais. Isso porque a forma como nos comunicamos é influenciada

diretamente pelo contexto que vivemos e o mesmo acontece com os internautas. A novidade é a presença do computador, que é o meio, mas os atores continuam sendo as pessoas. A comunicação mediada é gerada pelas trocas de informação, pela construção de significados e por sua ressignificação por parte dos atores sociais.

De um lado, ela apresenta aspectos linguísticos e estruturais, de outro, culturais. É da combinação desses dois elementos que resulta a conversação. Como está relacionada diretamente com a fala, percebe-se a apropriação da oralidade principalmente nos comentários. Com uma linguagem mais informal, a CMC opera em bases fundamentalmente textuais, como emails, chats, fóruns. Apresenta uma diversidade de identidades e indivíduos e trabalha com um conceito de unidade temporal elástica, já que algumas ações acontecem durante horas e dias, como comentários em um fórum.

A conversação é, portanto, um processo organizado, negociado pelos atores, que segue determinados rituais culturais e que faz parte dos processos de interação social. Não se trata apenas daqueles diálogos orais diretos, mas de inúmeros fenômenos que compreendem os elementos propostos e constituem as trocas sociais e que são construídos pela negociação, através da linguagem, de contextos comuns de interpretação pelos atores sociais (RECUERO, 2004, p. 31).

O contexto é fundamental para a eficácia da comunicação, já que os atores participantes precisam reconhecer, negociar, construir e recuperar os contextos para compreender a dimensão real da conversação no ciberespaço, especialmente no caso de assincronicidade. O contexto da conversação depende do lugar, do objetivo da interação e dos participantes. Recuero (2004) explica que o contexto compõe-se de duas partes:

uma micro (que chamaremos de microcontexto), que envolve o momento da interação, os sentidos negociados e delimitados ali pelas interações (não necessariamente orais), os participantes e seus objetivos, o ambiente, etc; e uma macro (que chamaremos de macrocontexto), que envolve todo um contexto maior, que compreende o momento e o ambiente histórico, social e cultural, as experiências dos grupos e mesmo, o histórico de interações anteriores dos participantes. Ambas as perspectivas são interdependentes, e sua compreensão, necessária para que se entenda o contexto (RECUERO, 2004, p. 99).

Outra mudança e característica da CMC é a construção de representações, pois é possível criar avatares, ter múltiplas linguagens e interesses dependendo do espaço: um blog, um perfil no facebook, um nickname numa sala de chat. A CMC é multimodal, pois utiliza várias interfaces

— áudio, vídeo, texto, etc. E permite a migração entre aplicativos e plataformas, já que uma conversa que começa nos comentários de um blog pode passar para o email ou para o facebook.

As conversações em rede são possíveis pois o número de pessoas conectadas à internet aumenta a cada dia e no mundo todo, promovendo ainda mais interações com outras pessoas. Desse modo, elas entram em contato com novas informações, ideias e pontos de vista. Suas consequências e impactos vão além das ferramentas utilizadas, podendo alcançar novas plataformas, novos grupos e até o mundo físico (como os encontros em praças de usuários de páginas do Facebook, por exemplo). São conversas coletivas, públicas e permanentes. Como discorre Recuero (2004), uma forma de comunicação emergente e complexa, que nasce da interconexão entre os atores.

Uma das especificidades dessa comunicação em rede virtual é que os atores participantes nem sempre são os iniciais, propiciando a possibilidade de inclusão de novos personagens, novos contextos de acordo com a entrada ou saída dos atores nas conversas. O meio online permite que a participação se multiplique e permaneça por mais tempo que uma conversação física, já que é possível restabelecer um diálogo ao responder um comentário feito há meses.

3.3.2 O público e o privado na CMC

As delimitações entre as esferas pública e privada estão cada vez menos perceptíveis e na comunicação mediada pelo computador não é diferente. Em todos os casos, as conversações tendem a ser exclusivas aos indivíduos que estão participando e a entrada de outros atores pode ser controlada pelos primeiros, já que é possível perceber claramente quando alguém entra na conversa como também é possível ignorá-lo. Mas, no espaço mediado, o controle é menor, pois nem sempre todos os participantes estão visíveis (RECUERO, 2004). Alguns comentam, outros só olham, outros podem comentar diversas vezes com usuários diferentes. Nos comentários de um blog, por exemplo, o diálogo continua presente independente de os atores estarem ali ou não, o que faz com que outros usuários possam reiniciar o diálogo e trazer novos contextos independentemente dos atores iniciais.

No computador, ferramentas permitem diferentes limites para quem vê ou participa de uma conversação. Por meio das configurações, é possível liberar ou trancar um texto, deletar comentários, escolher quem pode ver as atualizações. Como explica a autora, as conversações

privadas tomam parte em espaços delimitados, em que só os atores participantes conseguem ver, como em uma conversa pelo bate-papo ou por mensagem direta (DM) no twitter. Já as públicas são visíveis para quem estiver vinculado à mesma ferramenta que armazena a conversação em questão, como um comentário em um fórum.

Mas, assim como na vida física, o ambiente virtual não permite fronteiras claras, já que, por meio da mediação, uma conversação privada tem o potencial de ser tornada pública, uma vez que seu registro é característico do ciberespaço. O que se consegue nas conversações privadas é apenas limitar a sua visibilidade. Mesmo assim, é possível que ela seja apreendida por outros internautas e compartilhada em outras plataformas. As conversações públicas também podem se tornar privadas caso os atores envolvidos limitem a visibilidade por meio das configurações. É o caso da blogosfera, onde as conversações são inicialmente públicas, mas podem ganhar privacidade ao alterar as configurações.

Essas duas conversações coexistem nos sites de rede social. A conversação em rede, entretanto, é por definição, pública. Sua principal característica é aquela da migração entre os vários grupos sociais, o que inviabiliza sua privacidade. Entretanto, embora a conversação em rede seja pública, nada impede que tenha seu início no âmbito privado. Essas fronteiras, que são permeáveis e móveis, são um dos desafios para a compreensão da conversação nesses espaços e para a percepção de como essas conversações podem atingir a rede e impactar os grupos sociais (RECUERO, 2004, p. 151 e 152).

3.4 O blog *Jovens Diplomatas*

Thomaz Napoleão conta que a proposta para o blog como conhecemos hoje surgiu em abril de 2011. Poucas semanas depois de se mudar para Islamabad, sua primeira missão no exterior, entrou em contato com cerca de quinze colegas – todos diplomatas em início de carreira, servindo em países em desenvolvimento – perguntando sobre o interesse em criar um veículo para compartilhar suas histórias e relatos da vida nos locais em que trabalhavam. O objetivo era duplo: desmistificar noções preconcebidas sobre a rotina dos diplomatas; e derrubar estereótipos sobre a vida em países considerados difíceis ou perigosos.

Por coincidência, dois colegas (Krishna Monteiro, à época no Sudão, e Eduardo Mello, então em Bissau) já haviam discutido proposta semelhante em 2010, mas a ideia não saiu do

papel. Krishna também é formado em jornalismo, mas Eduardo não, o que mostra que a criação do blog não tem ligação direta e única com o fato dos diplomatas serem jornalistas.

Como já dito anteriormente, a iniciativa, embora seja não-oficial (já que os jovens diplomatas nunca tiveram pretensão ou autorização de falar em nome do MRE), foi avaliada pelo Itamaraty, por meio da Assessoria de Imprensa do Gabinete do Ministro, logo antes de seu lançamento. O blog jamais teria sido criado sem esse endosso. Mas os textos individuais não precisam passar por qualquer avaliação do MRE. Thomaz explica que a lei exige que diplomatas obtenham autorização oficial apenas para se manifestar sobre temas de política externa - o que não é o caso. Essa relação com o governo mostra a questão da sobreposição das esferas pública e privada no blog, criado por figuras públicas sobre temas privados e a complexidade de classificação e logística: precisou da avaliação prévia, tem autonomia com os textos, mas não pode falar sobre assuntos oficiais de política externa.

A relação com o governo é um ponto interessante, pois o blog é escrito por figuras públicas em seus locais de trabalho, que só foram possíveis pelo cargo que ocupam ou, em alguns casos, ocuparam – já que muitos dos autores dos primeiros anos estão em missões de nível A e B e não mais nos países contemplados pelo *Jovens Diplomatas*.

O trabalho de disponibilizar informações que foi se modificando com o advento da internet ainda guarda limites antigos. Alguns assuntos, mesmo que de interesse público, continuam disponíveis apenas para o governo. E como funcionários públicos que podem ser exonerados, é preciso ter equilíbrio e cuidado com o que se publica. Até porque, informações privadas colocadas no meio digital podem ser capturadas e tornadas públicas, atingindo um número maior de pessoas que deveria.

De acordo com Schittine (2004), o texto do blog é híbrido, uma mistura de texto jornalístico e escrito íntimo. As narrativas do *Jovens Diplomatas* são bem diversas: buscam uma escrita mais leve para posts menores, como frases engraçadas e assuntos mais cotidianos; e usam uma linguagem jornalística mais rica e apurada em matérias de interesse comum e de grande relevância para a sociedade. O blog também conta com a multimídia, como o uso de vídeos e fotos. As narrativas são apresentadas com um toque de subjetividade, de opinião, de impressão e comentários. Isso ocorre não só por ser uma mídia online, mas por ser uma característica do blog proposta desde sua criação: o aprofundamento e o caráter humanista. A relação com o leitor é importante e o texto é extremamente dinâmico.

Por ser um trabalho à parte das obrigações diplomáticas e as rotinas das embaixadas serem imprevisíveis, o blog é totalmente voluntário e não existe cronograma de postagens entre os participantes. A proposta inicial era de, pelo menos, duas postagens mensais por diplomata, mas essa periodicidade não acontece. A situação complicou-se ainda mais pela rotação parcial dos autores do blog, já que vários dos autores iniciais não trabalham mais em países em desenvolvimento e foram substituídos por outros, recém-chegados em suas missões diplomáticas. Esses últimos nem sempre estão vinculados ao blog, havendo uma supressão de postagens.

Apesar de trabalhar com a proposta de países em desenvolvimento, os participantes e idealizadores não têm critérios específicos para definir quais países podem ser considerados em desenvolvimento (portanto, "publicáveis"). O que aconteceu, na verdade, foi a escolha dos países de acordo com os colegas que foram entrando e que serviam em seus primeiros postos no Exterior. Os textos do Japão pós-tsunami destoam um pouco do resto, mas foram escolhidos pois contavam uma história importante sobre a diplomacia na prática. Thomaz explica que:

os países apresentados no blog geralmente são das categorias C e D da carreira diplomática. O Itamaraty divide suas Embaixadas e Consulados em classificações A, B, C ou D, de acordo com a qualidade de vida, segurança, proximidade geográfica e cultural do Brasil, etc, e os diplomatas precisam alternar-se entre Postos da cada categoria. Exemplos: Nova York, Paris e Buenos Aires são A; Praga, Montevidéu e Oslo são B; Nova Delhi, Bangkok e Abu Dhabi são C; e Bissau, Islamabad e Kinshasa são D.

O contexto histórico, já mencionado no capítulo 2, é importante pois mostra o momento das relações externas no Brasil e o interesse em alcançar novos países, especialmente do hemisfério Sul e países em desenvolvimento. Em entrevista concedida à autora, Thomaz mostra que os interesses diplomáticos no governo Lula nos anos de 2006 a 2010 têm influência direta no blog:

É importante contextualizar o seguinte: o blog é em grande medida um filho da política de expansão do Itamaraty durante o segundo mandato do Governo Lula. Entre 2006 e 2010, a cada ano foram aprovados no CACD cerca de 100 diplomatas, sendo que a média histórica é 30. Todos os nossos autores fizeram parte dessas "turmas de cem" do MRE, que representaram também o rejuvenescimento e a revitalização do Ministério. Na maioria dos casos, os autores do blog foram selecionados cedo na carreira para servir em Postos considerados difíceis, o que era incentivado sob a gestão do Ministro Celso Amorim.

Como o blog não tem critérios definidos para seleções de países, nada impede que diplomatas continuem a contribuir para o blog mesmo em suas segundas missões, mas essa não

tem sido a prática. Uma exceção é Eduardo Mello, diplomata da primeira geração do blog e que já escreve no blog sobre seu seguinte posto, no Chile, com a série *Relatos de Motocicleta*. Ele defende a participação estendida dos colegas, mas confessa que a animação caiu, apesar da insistência.

Com uma média mensal de 7 a 10 mil acessos e diária de 277 acessos, ao todo, desde o lançamento (junho de 2011) até hoje, o blog foi lido cerca de 426 mil vezes (104 mil em 2011, 100 mil em 2012, 101 mil em 2013, 78 mil em 2014 e 43 mil no primeiro semestre de 2015, e teve apenas 900 comentários. O dia com a maior visitação foi 17/06/2011, após a publicação de uma matéria sobre o blog na Folha de S. Paulo, quando os acessos chegaram a 3.500¹⁰. A queda dos últimos dois anos em relação aos primeiros é por conta da diminuição de posts graças à transição dos diplomatas fundadores para novos postos que fogem do objetivo do blog. A proposta de Thomaz é motivar uma nova geração de jovens diplomatas para contribuir para o blog.

Um blog com um número de visualizações relativamente alto e poucos comentários. É possível trabalhar com a ideia de esfera conectada em um blog com tão pouco diálogo para o potencial que ele apresenta? Sim, pois a abertura para o diálogo está lá. O espaço para comentários, a possibilidade de cadastro para receber newsletter, a foto dos usuários para criar uma intimidade. O blog tem 2.446 seguidores cadastrados que recebem avisos por email. Fora os outros que acessam, leem as matérias, mas não comentam. Dos posts observados, todos têm comentários. Eles podem ser de elogio, de procura por um maior contato, de interessados na carreira diplomática. Para deixar um comentário, é preciso preencher o email e o nome. A foto é opcional. É possível, ainda, comentar no comentário de alguém, o que permite um maior diálogo e a inserção de novos tópicos sem confundir a lista inicial.

Apesar da abertura ao diálogo, o blog tem uma divulgação pequena por ser um dos poucos sobre o tema. Numa rápida pesquisa no google com as palavras-chave “blog diplomatas”, encontramos na primeira página, o “diário de um diplomata” (blog sobre o concurso de admissão ao Rio Branco), “O Diplomata: opinião e análise de assuntos políticos e relações internacionais” (blog português), o “histórias e conversas diplomáticas” (blog de um professor e historiador de

10 Números concedidos por Thomaz Napoleão em entrevista feita com a autora por e-mail por meio da ferramenta Google Analytics.

Belém) e o “diplomattizando” (blog sobre relações internacionais, política externa, viagens e cultura em geral do diplomata Paulo Roberto de Almeida). Todos tratam sobre assuntos diplomáticos, mas nenhum traz experiências e vivências diplomáticas como no nosso objeto de estudo.

E esse é o diferencial do blog que é o primeiro resultado no google.com.br quando coloca “jovens diplomatas” e o quarto quando a palavra-chave é “diplomatas”. Isso mostra um cuidado e interesse dos membros do blog com a parte de visibilidade, com as ferramentas de SEO e com as palavras-chave. Normalmente são os familiares, os amigos e os interessados na carreira diplomática que mais acompanham as atualizações, mas isso não quer dizer que são os únicos. Essa participação maior também se dá pelo interesse em saber como estão os diplomatas, já que algumas missões têm um sinal ruim de telefone e internet para conversar sempre.

Das 426 mil visualizações, pouco mais da metade (54%) foi feita no Brasil e os demais 46% no resto do mundo. O alto percentual no exterior confirma que os colegas diplomatas são leitores assíduos. Os principais países cujos internautas visitaram o blog entre fevereiro de 2012 (quando o WordPress começou a compilar essa estatística) até junho de 2015 são: Brasil, com 175.808, Estados Unidos (4.828), Portugal (3.361), Alemanha (1.337), Uruguai (1.264), França (1.136), Reino Unido (685), Chile (659), Espanha (479), Bélgica (473), Suíça (428), Argentina (423) e Japão (423). Pelos países, pode-se supor que os expatriados e brasileiros morando no exterior também são os principais leitores, mas o Wordpress não divide os visitantes por gênero ou idade, então algumas suposições não podem ser confirmadas.

Os assuntos apresentados tem como origem a atuação como diplomatas, mas a abordagem varia de acordo com o autor. Normalmente, são mais impressões dos diplomatas em relação aos países onde estão morando, às pessoas e aos costumes. O destaque são para assuntos relacionados a esportes, música, tradição, cultura, culinária, brasileiros no mundo, dança, paisagem. Alguns autores aproveitam as narrativas para apresentar em seus textos nomes de colegas de trabalho, de instituições que também estão presentes e de assuntos mais sociais, como aquecimento global, crises, deserto, religião, refugiados, monções, generalismo, entre outros. Na maioria dos casos, os autores escrevem sobre assuntos independentes que, mesmo sendo sobre a mesma cidade, não estão conectados.

Um exemplo contrário é o diplomata Eduardo Mello, que trabalha com séries. São duas, relativas aos dois países onde trabalhou. A série Brisas de Bissau não tinha periodicidade

definida e durou o tempo que Eduardo morou no país. Por serem vários autores, de formações diferentes e textos subjetivos, o estilo de escrita é único. No caso do diplomata, sua proposta foi mostrar a realidade do país, a cultura, as pessoas e a forma como o Brasil atuou na Guiné-Bissau naquele período.

o blog ajudou para registrar e organizar as ideias; antes de finalizar a série, as lembranças iam e vinham, misturavam-se, a cada dia surpreendiam de determinada forma, sob diversos pontos de vista, verdadeiro tormento pessoal e profissional, por isso o blog foi fundamental para delimitar a visão sobre a passagem pela África¹¹

Como já mostrado anteriormente, alguns textos do diplomata Thomaz Napoleão e do Eduardo Mello foram escolhidos para análise. Os relatos de Khrishna Monteiro também. A escolha foi baseada primeiramente nos autores que tinham o maior número de posts, pois permitiria uma maior probabilidade de assuntos para discussão. Outro ponto para a escolha foi a combinação entre fotos e textos. Os três autores trabalham com as duas opções.

De Eduardo Mello, estudamos a série “Brisas de Bissau”, em que o autor apresenta poemas, fotografias e textos em prosa. No texto *Brisas de Bissau (23) – Batuta (balanços, missões, doce de caju com brie)*, publicado no dia 21 de abril de 2013, o diplomata fala sobre a profissão e a beleza das surpresas:

Pairo sobre a experiência. Leitor dos pequenos feitos alheios, do espanto próprio do cotidiano, visto sob a métrica de partituras ao vento. Muito corri atrás da bola nas intermináveis tardes da infância; busco, agora, unidade interpretativa. Respirar a beleza aleatória dos encontros fortuitos, é questão de vida ou vórtice: vá idoso!, vá idade! Já vislumbramos, a essa altura, que o diplomata não tem capacidade técnica para construir pontes; deve, porém, projetá-las. Nunca houve tantos polos, nunca houve tantos dados.

Escreve também sobre detalhes do dia, em um texto que combina descrição, informação e opinião. O texto poderia muito bem ter sido escrito em um diário de papel, em que o autor quisesse guardar as impressões tidas só para si, mas também é escrito com informações suficientes para que um leitor externo compreenda e queira participar.

Do novo hotel, no bairro Santa Luzia, parto para a Praça dos Heróis Nacionais, em companhia do Luis, policial federal, amigo de todas estas longas horas. Aguardamos a

11 Dados concedidos por Eduardo Mello em entrevista feita com a autora por e-mail.

chegada dos grupos que disputam o Carnaval, na Confeitaria Império, de onde se avista o mar. O desfile começa próximo ao Porto, sobe a rua da Catedral, até a Praça, onde estão autoridades e jurados. As escolas representam as tradições de cada etnia, ou bairro, ou comunidade, entre um crocodilo e outro¹²

O post teve três comentários entre os dias 23/04, 10/05 e 22/05. Duas das leitoras têm interesse pela carreira diplomática e leem o blog para se encantar mais com a profissão e uma já é diplomata e acompanha as experiências do colega de profissão. Essa participação dos internautas reforça a ideia de que o blog é um exemplo de esfera pública como espaço de deliberação, e o *Jovens Diplomatas* segue a mesma característica. É um espaço de interação em que indivíduos debatem sobre assuntos de interesse geral sem intermediação de instituições ou governos.

4 respostas para *Brisas de Bissau (23)* – *Batuta (balanços, missões, doce de caju com brie)*

Edileida disse:
23/04/2013 às 23:02

Nooooossa! A cada post de vcs, tenho ainda mais certeza de que é essa a carreira que quero. A certeza advém principalmente dos problemas que vcs apresentam, porque é aí que penso " eu quero passar por esses problemas...E superá-los tbm." Excelente texto.

[Responder](#)

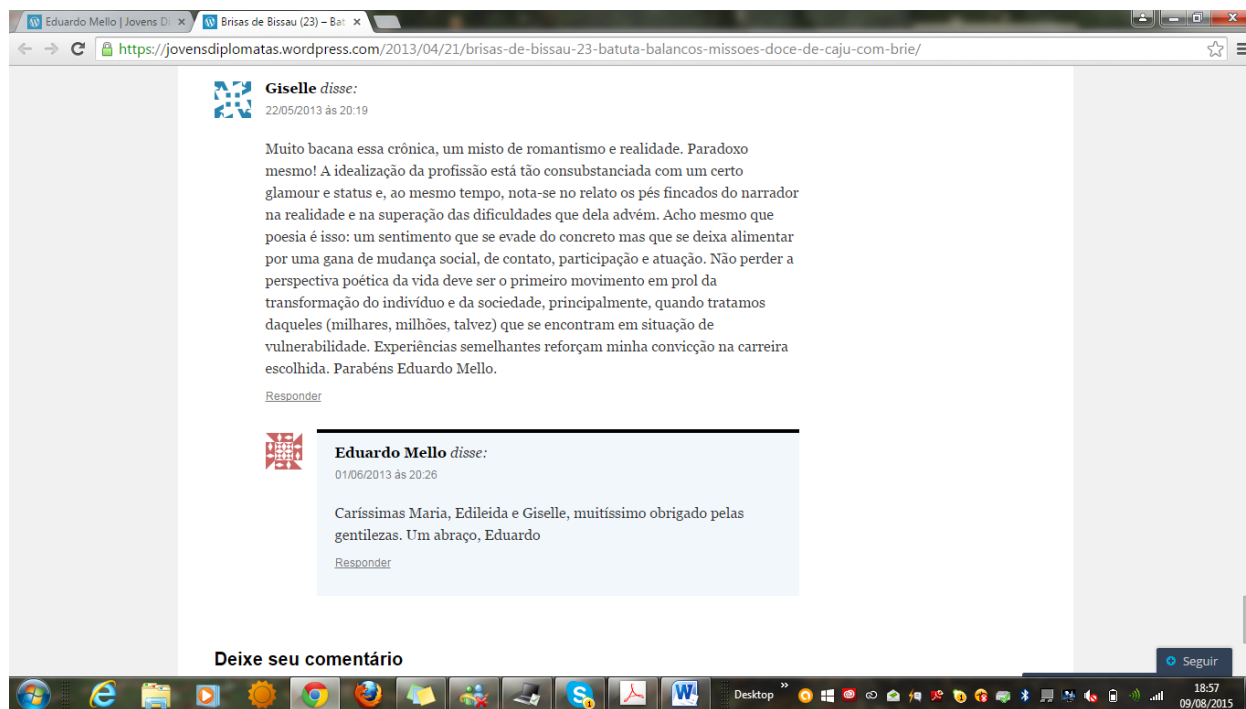
Maria disse:
10/05/2013 às 01:19

Adoro o blog de vocês. Estou me preparando para a carreira e o pessoal que escreve/escreveu aqui é uma inspiração de um sonho que, talvez, é cada vez mais palpável (quem sabe?). Espero que nunca percam os sonhos e essa vontade de mudar (para melhor) o mundo que faz com que -acredito eu - nos esforcemos tanto para seguir a carreira. Em meio a tantas notícias assombrosas, tantas disparidades no setor, e aquele velho receio de uma pretensa superioridade, que a diplomacia faz nascer nos outros, como se distanciasse os funcionários públicos do povo para o qual escolheram se dedicar, é um sopro de vento norte que renova a vida e faz vibrar cada milímetro de nosso ser!

Masquebah, me inspire! 😊

18:57
09/08/2015

12 Trechos disponíveis em <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/2013/04/21/brisas-de-bissau-23-batuta-balancos-missoes-doce-de-caju-com-brie/>. Acesso em: 30. jul de 2015.



Figuras 2 e 3 – Comentários no post Brisas de Bissau (23) – Batuta (balanços, missões, doce de caju com brie)
Fonte: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/>

Apesar de não falar sobre política externa, algumas postagens trazem assuntos diplomáticos, abordados neste trabalho sob o termo narrativas diplomáticas. Eduardo é um dos diplomatas que procura sempre falar sobre a atuação do Brasil no país africano, tanto da embaixada como de outras instituições brasileiras. São pontos de contato do nosso país com os africanos. Esse trabalho, além de manter as relações diplomáticas, tem o objetivo de mostrar um pouco da cultura brasileira e trazer atividades mais cooperativas para construir uma relação mais complexa e completa com os países que o Brasil tem interesse econômico, político ou cultural.

Em intensos cinquenta dias, nossa cooperação técnica e nossa cultura movimentam a cidade. O Grupo de Teatro Maria Cutia, de Minas Gerais, em turnê pelos países africanos lusófonos, cria afinidades instantâneas, em oficina para atores do “Língua de Bode”, grupo apoiado pelo Centro Cultural; alegra as crianças da Comunidade São Paulo e do orfanato Casa Emanuel; afaga fronteiras religiosas no bairro Quelelé. E coroa sua passagem com uma apresentação de rua, na Praça, lotada de crianças de todas as partes, dessas que andam soltas e sem medo pela cidade. E se divertem, às gargalhadas, com as brincadeiras do grupo.

Como também reforça neste trecho:

A diplomacia cultural contribui para dar maior visibilidade à cultura brasileira. Não busca resultados de curto prazo, econômicos ou políticos, nem o retorno indexado do coquetel realizado. Aproxima diálogos e povos, articula pontes para visões do Brasil.

E continua, mostrando questões estruturais e parceiros da missão, que são instituições privadas e públicas:

A missão da Secretaria de Direitos Humanos prossegue no projeto sobre registro civil, e implementa acordo que inclui o ensino de direitos humanos no currículo escolar. Como se não bastasse, está presente na delegação, em plena Guiné-Bissau, Rafael, colega no Instituto Rio Branco (mais conhecido, na imprensa brasileira, como “Um Potiguar de Sucesso”). A Polícia Federal dá sequência aos cursos-piloto do Centro de Formação das Forças de Segurança. [...] Pelo projeto da escola comunitária, temos missão composta por ABC, Unesco, Fundação Gol de Letra, Instituto Ethos. Acompanhados pela equipe do Canal Futura, que vem fazer série de reportagens, e solicita intermediação para entrevistar autoridades locais. Nova missão do Ministério da Saúde, no projeto de luta contra o HIV, que apoiou, com participação da Fiocruz, a criação de laboratório de análises, e agora trabalha com o Ministério local em campanha de prevenção. Nova missão do FMI, chefiada por um brasileiro, para avaliar o acordo de apoio a países pobres altamente endividados.

É clara a colocação dos autores como diplomatas e não como indivíduos comuns. Servidores públicos, eles abrem mão da identidade privada para assumir a figura pública. Esse comportamento é percebido tanto nos textos como nas entrevistas. Em um dos emails, Thomaz, mesmo jornalista graduado pela ECA, passa a se colocar como ex-jornalista. Ele, e todos os outros 24 profissionais, deixam de lado sua formação inicial e assumem o posto de diplomata.

Esse posicionamento pode até ser antigo, mas quando lembramos do diplomata, compositor e boêmio Vinícius de Moraes, percebemos que o engajamento exclusivo não era tão presente. Antes, o diplomata era uma figura emblemática. Ninguém sabia muito bem o que faziam e quase todos queriam ser como eles. Hoje, temos mais conhecimento do que é a carreira diplomática e, graças ao blog Jovens Diplomatas, também sabemos o que eles fazem de modo geral. É o que está presente nos textos de Eduardo Mello:

Reunião no Ministério da Economia, o Secretário de Estado pede informações sobre nosso programa de financiamento de máquinas agrícolas – doutor por universidade alemã, fala da “novidade que vem sendo tudo isso de cooperação sul-sul”.

Visita de missão da Cruz Vermelha, uma francesa e um senegalês, interessados em saber nossa opinião sobre o atual momento do país, especialmente o início da Missang – é estável cette relatif stabilité?

Reunião na fundação de desenvolvimento industrial, que recebe nosso apoio no projeto de processamento de caju – serve-se refresco de cajuína, idéia desenvolvida em parceria com a Embrapa, para futura industrialização.

Inauguração do escritório da Interpol em Bissau, e a opinião do Conselheiro da Embaixada da China – o Governo cede servidores de vários órgãos policiais e de fiscalização da Guiné-Bissau.

E até situações bem humoradas estão presentes:

Um dos motoristas da Embaixada liga, desesperado, que salvem a galinha que esqueceu no porta-malas do carro! Comprou-a com desconto, para data comemorativa que tardará a chegar – a galinha não resiste ao calor.

Já no texto *Brisas de Bissau (6) – Travessia*, publicado no dia 6 de julho de 2011, Eduardo fala da importância da escrita, dos detalhes e dos sentidos para conquistar o leitor:

Para compor um bom romance, ou uma série de crônicas saudades, é necessário convencer o leitor da realidade das conversas, do cheiro das palavras, das circunstâncias da história. O diplomata precisa ser um pouco escritor para traduzir em telegramas todas as dimensões de um país, e por isso deve pensar além dos gabinetes, desvendar recantos do país, conhecer etnias, religiões e, até, caminhões psicodélicos, como fazem jovens diplomatas no Paquistão¹³

Algumas vezes, as imagens por si só contam histórias. Não precisam de palavras. O blog não tem uma política de imagens definida, então cada autor tem liberdade para escolher se quer ilustrar com desenhos e fotografias seus textos no blog ou não.

Apesar de ter seu maior expoente no texto escrito, a crônica também tem representação fotográfica. Cândido et al (1992) colocam a capacidade de tornar o banal em algo excepcional da crônica também para a fotografia. Os pontos em comum são vários – destaque para o momento exato, o toque pessoal e a criação de significados–, o que possibilitou a criação do termo “crônica fotográfica”. A classificação é pertinente para as postagens do blog *Jovens Diplomatas*, que muitas vezes usam a imagem como ferramenta para contar histórias e mostrar de forma poética assuntos do cotidiano. Como discorrem os autores:

Fixando imagens no espaço/tempo, a fotografia cria uma narrativa. O narrador/fotógrafo atua como cronista que, captando a especialidade do cotidiano ou a monumentalidade de um certo evento, faz mais do que reproduzir simples aparências, por compor mensagens que transmitem sistemas de significados captados e recriados em comportamentos socialmente aceitos como válidos (CÂNDIDO et al, 1992, p. 493).

Thomaz Napoleão escreveu sobre sua atuação no Paquistão. Suas postagens discorrem sobre aspectos culturais da região e muitas são ilustradas com imagens. Em algumas, o texto é só

13 Trecho disponível em: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/2011/07/02/brisas-de-bissau-6-travessia/> Acesso em: 30 de jul. 2015.

acessório. Para este trabalho, foram escolhidas as postagens *Índia e Paquistão: a fronteira da meia-noite* (sua última postagem, em janeiro de 2013) e *O outro Paquistão*.

A maior parte de seus posts, de fato, são essencialmente ensaios fotográficos intercalados com parágrafos curtos, como a postagem sobre a fronteira Índia-Paquistão. As fotos publicadas no blog por Thomaz não são tiradas exclusivamente para o veículo. No caso, o diplomata fotografa o que chama sua atenção e o que desperta seu interesse e, quando é o caso, divulga no *Jovens Diplomatas*. Como fotógrafo amador, acredita que em alguns casos, as imagens são capazes de expressar sua mensagem de maneira mais potente que as palavras.

As imagens escolhidas para estudo fazem parte do texto sobre a fronteira entre Índia e Paquistão. Elas ilustram e complementam o que é dito, trazendo mais informações para o leitor. Elas poderiam funcionar, com a presença de legendas, como a única fonte de informação. Mas a junção do texto com o visual enriquece o material. Por se tratar de um tema mais distante – o evento se passa na Ásia em uma cidade pouco conhecida pelo resto do mundo –, acaba sendo necessária uma maior contextualização. Se o post fosse veiculado localmente, só as imagens seriam suficientes.

Para nós, leitores brasileiros, que provavelmente não conseguiríamos distinguir entre indianos e paquistaneses, a informação junto à foto é essencial:

Nas arquibancadas indianas, a multidão de espectadores é amorfa: nada separa locais de estrangeiros, mulheres de homens, crianças de idosos, sábios de tolos. Já no lado paquistanês, impera uma rígida divisão por gêneros, e os raros forasteiros são instantaneamente abrigados na fileira VIP.¹⁴

14 Trecho disponível em: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/2013/10/04/india-e-paquistao-a-fronteira-da-meia-noite/> Acesso em: 30 de jul. 2015.



Figura 4 – arquibancada indiana
Fonte: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/>

No texto, *O outro Paquistão*, as fotos tiradas por Thomaz são o elemento mais rico. Apesar das informações escritas contextualizarem o leitor, as imagens trazem o diferencial do lugar. São 11 no total.

A estrada costura uma colcha deliciosamente incoerente de retalhos culturais. Até a consolidação definitiva do Raj britânico, em fins do século 19, esta região era um emaranhado de minipotências beligerantes e microrreinos rivais, cada um com língua e identidade próprias. Imagine-se uma corrida armamentista entre o potentado de Skardu e o principado de Shigar! Ou, talvez, um tratado de defesa mútua entre as cidades-estado de Gilgit e Chitral, ambas ameaçadas pelos mortíferos ladinos do vale de Hunza.

Em *O ato fotográfico*, Dubois mostra que a foto não é apenas o produto de uma técnica ou de uma ação. É uma imagem-ato, que inclui a produção da imagem, além de sua recepção e contemplação. É também um modo de representar o real ao relacionar o referente externo e a mensagem produzida por esse meio. A fotografia fornece uma imagem a partir do ângulo de visão escolhido, além de reduzir um objeto tridimensional a uma imagem bidimensional e isolar um ponto preciso do espaço-tempo e reduzir os sentidos apenas para a visão.

A subjetividade do autor da foto e do espectador influenciam. Mas como explica Dubois (2001), a foto é apenas testemunha. Atesta a existência de uma realidade, mas não de um sentido. Ela mostra que “isso aconteceu” e não “o que isso quer dizer”. Depois da relação da imagem com o real, Dubois destaca a sua relação com o espaço e o tempo.

No aspecto temporal, ela destaca, imobiliza, captando um único instante. No espacial, isola, recorta uma porção de extensão. A foto é uma fatia cortada ao vivo de espaço-tempo. Como tal, indissociável do ato que a faz ser, a imagem fotográfica não é apenas uma impressão luminosa, é igualmente uma impressão trabalhada por um gesto

radical que a faz por inteiro de uma só vez, o gesto do corte, do cut, que faz seus golpes recaírem ao mesmo tempo sobre o fio da duração e sobre o contínuo da extensão (DUBOIS, 2001, p. 161).

O ato de fotografar é uma arte e se completa por meio de um conjunto de aspectos: o tempo de pose, o quanto dura a tomada, a profundidade de campo, a abertura da lente, o ângulo escolhido, a sensibilidade do fotógrafo. Como explica Buitoni (2010), a fotografia trouxe novas possibilidades de “medir” o real. Além disso, ao permitir a repetição de ângulos ou vistas de um mesmo objeto e a reprodução de um mesmo negativo, a fotografia introduziu o conceito de série no domínio das imagens. (...) Mesmo antes de formar uma imagem, a fotografia depende de ações em sequência (BUITONI, 2010, p. 9).

Uma característica interessante da fotografia, muito utilizada no fotojornalismo é sua possibilidade de ir além da imagem captada. Chamada de “embrião narrativo”, é utilizada quando a imagem nos leva a entender que a ação flagrada pode ser continuada, ou que leve a entender uma ação, ou várias ações, antes da cena registrada. O conceito de embrião narrativo envolve uma ideia de sequência, de sucessividade: a modificação temporal está implícita em sua percepção. Assim, embrião narrativo é “toda forma ou gesto congelados no tempo que permitam imaginar o passado ou o futuro imediato daquela ação. (...) A narratividade que pode estar presente numa foto isolada é a mesma potencialidade narrativa de um fragmento de ação” (BUITONI, 2010, p. 12).

Vivemos em uma sociedade iconofágica, explica Baitello (2005). Uma era em que os meios visuais predominam sobre os sonoros, táteis, olfativos e gustativos. Aqui, mudam as relações pessoais e a percepção do mundo pelas pessoas. Elas são intermediadas pela visualidade. Mas lembremos de que o corpo ainda é a ponta geradora e a ponta-alvo do processo de comunicação. No caso da fotografia, é o corpo que tira a foto e outro o mesmo que a vê enquanto produto. Baitello (2005) mostra que os fenômenos da comunicação são processos culturais e históricos, procedendo e alcançando os seres humanos e seus corpos. Em um processo comunicativo, temos o fato e o cenário (ou o contexto). Comunicação e cultura são esferas indissociáveis.

Apesar de vivermos na era da iconofagia, em que as imagens devoram e são devoradas, há uma multiplicação exacerbada de imagens e novas imagens repetidas são geradas para suprir o vazio, o blog *Jovens Diplomatas* trabalha as imagens em parceria com o texto. Não existem posts apenas com fotografias, mas existem os que contêm apenas textos. O apelo imaginativo é

mais forte que o visual, apesar de Dubois (2001) já dizer que nossa memória é feita apenas de fotografias.

As imagens escolhidas para estudo fazem parte do texto sobre a fronteira entre China e Paquistão, escrito pelo diplomata Thomaz Napoleão. As imagens apresentadas ilustram e complementam o que é dito, trazendo mais informações para o leitor. Elas poderiam funcionar com a presença de legendas como a única fonte de informação. Mas a junção do texto com a imagem enriquece o material. Sobre a localidade da fotografia, comenta Napoleão:

Há, inclusive, lagos recém-nascidos, como o Attabad, que veio ao mundo em 2010, quando uma avalanche de proporções bíblicas bloqueou o rio Hunza e submergiu 20 quilômetros da rodovia do Karakoram. O neolago afogou diversos vilarejos e deixou 30 mil pessoas totalmente isoladas, quase sem eletricidade, alimentos e combustível. O extremo norte do Paquistão foi amputado. Apenas barcos pesqueiros (apesar da ausência de peixes) podem chegar ao outro lado. A partir daqui, já não circulam os caminhões psicodélicos que unificam o país. Embora o Attabad esteja a quatro horas de jipe da fronteira chinesa, o lago efetivamente marca o fim do território paquistanês (NAPOLEÃO, 2012).

Nessa cultura visual, as imagens propõem diversos significados possíveis através de novas conexões. É uma era da complexidade, também visual, em que o movimento se libertou do tempo em uma arquitetura que combina o interno e o externo, o espaço e o tempo, o subjetivo e o objetivo. A forma interface abre e multiplica os espaços de comunicação e conhecimento. Permite a potencialidade de sujeitos, o que pode ser percebido no blog escolhido para estudo, que permite a postagem por vários autores e a participação de leitores.

Apesar de estarmos vivendo em uma sociedade do espetáculo, com foco na visibilidade e no "eu" como produto, o blog *Jovens Diplomatas* foge à regra ao trabalhar a subjetividade aliada à informação. O veículo, apesar de estar num meio de acesso fácil e contar com visualizações e comentários de leitores, não sofre a espetacularização apresentada por Debord. Os diplomatas não se colocam como produto, não vendem sua imagem, nem procuram lucros com o blog, já que os autores escrevem com o mesmo afincamento independentemente do número de visualizações ou propagação nas redes sociais.

É um trabalho que preserva as características individuais da escrita já mencionada por Sibilia, por mais que o público leitor tenha sido alterado para um número maior e, na maioria dos casos, desconhecidos pelos autores. Mas o fato de alcançar novos leitores não está relacionado com o interesse de se tornar conhecido ou vedete, mas com o papel informativo do diplomata que chega à sociedade por meio da mídia digital.



Figura 5 – Lago Attabad
Fonte: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/>



Figura 6 – Crianças de Shigar
Fonte: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/>

Já Krishna viveu sua primeira missão no Sudão e é sobre o país que ele escreve seus textos. No post *O Sudão visto pela janela*, o diplomata relembra sua infância observando a cidade de Cartum pela janela e percebe a semelhança do país africano com o Brasil na sua subjetividade:

A “casa” de onde olho é um apartamento no oitavo andar de um prédio no centro de Cartum. Mas, em muitos momentos, a paisagem que por sua janela se descortina não é mais a de uma metrópole erguida no deserto. Torna-se, quase sem que eu perceba, a de uma vila no interior do Sergipe, a de uma cidade litorânea no Espírito Santo, ou a de uma imensa caatinga perdida nos sertões de Pernambuco: todos lugares em que, graças à profissão de meu pai, tive a oportunidade de viver ainda na infância. Com suas vestes típicas, o homem de Cartum evoca imagens do fundo de minha memória: jeitos de falar, de sentar, modos, sorrisos e cumprimentos que presenciei entre os cinco e doze anos. Cenas que há muito julgava esquecidas¹⁵

15 Trecho disponível em: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/2011/07/24/o-sudao-visto-da-janela-de-casa/>. Acesso em: 30 de jul. 2015.

O fato de ter um pai que viajava muito, por causa da profissão, parece ter feito com que o diplomata tivesse uma maior facilidade de adaptação a novas cidades e também de familiaridade com elas. É o que Moura falava no segundo capítulo sobre a ideia de ser diplomata surgir ainda na juventude, mesmo que de modo inconsciente. Outro ponto também interessante é a semelhança que a capital africana tem com o Brasil. Muitas vezes Krishna comenta como as experiências e percepções vividas em Cartum evocam lembranças, cidades, momentos e pessoas no seu país de origem.

O diplomata partilha suas experiências com uma linguagem leve e descontraída. Coloca o outro, tanto exemplificado no nativo do país estrangeiro como nos colegas do cotidiano (sua esposa e os funcionários da embaixada) como personagens. São situações diárias, vistas com uma dose de humor, que preenchem seus relatos. No post *Caminhada*, publicado no dia 15 de julho de 2011, Krishna conta sobre seu passeio pela orla da cidade e como se comportam os habitantes e visitantes:

No fim de tarde, caminhar às margens do Nilo é viajar no tempo. Por volta das cinco, quando o calor abrasante oferece uma trégua, centenas de homens, mulheres e crianças sudanesas estendem suas toalhas sobre a grama, acendem seus narguilés, preparam o incenso e descansam. O ritmo é lento, como o fluir das águas do rio. As margens são ocupadas por pequenas fazendas e cultivos. Enquanto homens caminham ceifando e colhendo, cercados por cabras e cães, garotos jogam futebol, meninas riem arrumando o véu sobre os cabelos. Tapetes árabes vermelhos, brancos e azuis tingem a grama de um painel multicolorido.¹⁶

Uma mistura de diário de viagem com crônica, já que são situações contadas em ordem cronológica, sobre assuntos corriqueiros e pessoas aparentemente anônimas. O autor coloca o leitor dentro da história, vivenciando o momento, ouvindo as risadas, imaginando o jogo de futebol. A postagem não precisa de fotos para que o leitor possa visualizar.

O mesmo acontece com o segundo post do autor na missão do Sudão. O texto *Cartum: a primeira manhã*, publicado no dia 15 de junho do mesmo ano, trabalha a linguagem literária, informativa e poética. A riqueza dos detalhes está nas palavras, já que o post só tem duas

16 Trecho disponível em: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/2011/07/15/caminhada/> Acesso em: 30 de jul. 2015.

imagens pequenas e inexpressivas. O convite para a participação do leitor começa já na primeira palavra: “imagine”.

Imagine uma cidade suspensa na areia, estendida no deserto, onde o sol, difuso e implacável em seu calor, esconde-se num céu cor de cobre. Imagine edifícios baixos, construções inacabadas, mesquitas, minaretes, ruas e avenidas onde carros, motos e riquixás disputam espaço palmo a palmo, entoando buzinas. Imagine homens: altos, negros, de túnicas brancas, muitos com cicatrizes sulcando o rosto em veios e indicando sua origem e clã. Sérios e imponentes à primeira vista, sorriso aberto ao menor contato, pedalando bicicletas, vendendo frutas e verduras, pilotando carroças ou carros do último tipo, gritando, gesticulando e rezando ao sinal do muezin. E veja as mulheres: olhares tímidos, cobertas com roupas justas a modelar o corpo, véus à cabeça escondendo cabelos que imagino longos, muito longos. Sudanesas, mas também etíopes, quenianas, sauditas, eritréias.

E continua, contemplando todos os sentidos:

Sinta cheiros: de poeira, de gasolina, de suor e temperos cujo nome e origem desconheço. Ouça sons: da vendedora de chá na esquina, de adolescentes rindo à porta de um café, tagarelando num linguajar que, segundo me disseram, teve suas origens há quatorze séculos, na península arábica, quando poetas que circulavam de vila em vila pelo deserto criaram um código para histórias em odes e versos. Olhe para um céu sem estrelas, mas com dezenas de meias-luas, símbolo do Islã, apontadas para cima, do topo das mesquitas. Imagine Cartum, capital do Sudão, cidade onde acordei nesta manhã de quarta-feira, cenário de minha vida pelos próximos dois anos.¹⁷

São relatos, narrativas, mas que também podem ser classificadas tranquilamente como crônicas ou pedaços de um diário de viagem. Mas, nesses casos, apesar dos temas serem escolhidos de acordo com o interesse do autor, o cuidado é para que agrade principalmente ao leitor. Ainda sobre o assunto, o diplomata apresenta o que Medina chama de dialogia social, técnicas que têm como foco "a ação complexa, solidária e inovadora no ato de relação com o outro e com o mundo. Em lugar de produzirem significados óbvios e conservadores, descobrem novos sentidos. Assumem, assim, o papel de agente cultural" (MEDINA, 2003, p. 51).

Como explica a autora, o despertar da sensibilidade complexa num cenário de diferenças culturais possibilita a construção de histórias de vida. A necessidade de conviver com o outro que traz a profissão escolhida por esses diplomatas faz com que esse outro não seja apenas um estranho, objeto distante, mas um sujeito. Procura-se a identificação universal e o conflito dos diferentes, fazendo com que esse sujeito não seja apenas um personagem abstrato, mas um ser

17 Trechos disponíveis em: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/2011/06/15/cartum-a-primeira-manha/> Acesso em 30 de jul. 2015.

humano com uma biografia como qualquer outro. Essa "construção social dos sentidos" ganha forma na rua, nos acontecimentos cotidianos a partir do momento que o autor liga e partilha essas vozes, esses sujeitos.

Esse olhar para o outro como sujeito também pode ter influência dos livros lidos para o concurso e durante a formação no Rio Branco, já que a presença de obras como *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, vai além da leitura. Ela trabalha a questão da diferença cultural como uma riqueza, como uma realidade e não como um obstáculo ou ponto negativo. As crônicas diplomáticas analisadas no blog trazem o outro como um semelhante e não como um estranho. São cidades que têm suas especificidades, mas também suas identificações com cidades brasileiras. Pessoas que têm costumes, desejos e sensações como qualquer um de nós e que merecem ser vistos como iguais, sem estereótipos.

Os textos estudados mostram a presença da crônica como forma de narrar os acontecimentos nos países em questão. A estrutura, com uma linguagem leve, em ordem cronológica, com personagens quase sempre anônimos, temas cotidianos e de caráter universal, reforçam a crônica como gênero que independe de profissão. Ponto reforçado por muitos de nossos maiores cronistas, como os mestres Machado de Assis, José de Alencar e Clarice Lispector não serem formados em Jornalismo. O dom de encantar pessoas com as palavras independe de formação e percebemos isso no blog *Jovens Diplomatas*, onde profissionais que trabalham com uma linguagem formal diariamente, conseguem traduzir sentidos em leitores não-diplomatas.

Apesar da estrutura ser característica da crônica, os assuntos costumam ter uma particularidade. São assuntos cuja origem é a atividade como diplomata, mesmo variando entre leves divagações sobre cultura, cotidiano de pessoas anônimas, relatos-diários de como foi o dia. São assuntos vividos por diplomatas, por causa da função de diplomata e compreendido de certa maneira pela construção de sentidos sobre o outro aprendidos nas aulas do Instituto Rio Branco. Por isso, propomos uma nova classificação para essas crônicas, que poderão ser chamadas de crônicas diplomáticas.

Considerações Finais

As considerações apresentadas a seguir não têm pretensão de serem conclusivas, mas sim de fornecerem apontamentos para próximos debates. Elas foram alcançadas por meio de resultados finais colhidos durante o processo de pesquisa desta dissertação. É importante lembrar, como mencionado na introdução que, apesar de um número relevante de trabalhos sobre diplomacia, blogs, espaço público e privado e crônicas, são poucos os estudos que abrangem o diálogo entre eles, carecendo de mais discussões, estudos e análises.

Apesar de existirem trabalhos sobre internet e política e sobre a relevância das mídias digitais na propagação de assuntos diplomáticos, desconhecemos autores que escreveram sobre as influências das mídias digitais nos trabalhos diplomáticos de jovens profissionais brasileiros em missões no exterior. Tema que procuramos desenvolver nesta dissertação. O crescimento da blogosfera em relação aos usuários e aos leitores como fonte de informação também é um fator relevante. Em um mundo cada vez mais globalizado, é importante entender a relação das pessoas e os meios digitais, suas interações e seus usos. E este trabalho procurou apresentar as possibilidades de comunicação dessa ferramenta de forma eficiente e participativa.

A internet abre para o blogueiro a possibilidade de ser lido sem que, no entanto, ele precise desenvolver relações face a face com seus leitores, um público formado por desconhecidos. O blog Jovens Diplomatas tem leitores ao redor de todo o mundo e precisa de um meio de comunicação abrangente a todos eles. Nada melhor do que a internet, em que os internautas podem acessar a página de qualquer lugar.

Desde os primórdios, o homem conta histórias para repassar feitos e valores para as gerações seguintes. Também utiliza-se das histórias em forma de narrativas para trazer informações sobre terras desconhecidas, lendas e povos. Dois exemplos importantes são os relatos de Marco Polo sobre suas viagens para o imperador da China, o mongol Kublain Khan. Para muitos, seus relatos são considerados crônicas de viagem. Nesse mesmo estilo, temos os relatos de Pero Vaz de Caminha e dos jesuítas sobre o Brasil Colônia, e até o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, uma mistura de literatura e jornalismo sobre pessoas comuns e sobre o Nordeste para pessoas que pouco os conheciam.

Essa proposta de desbravar outras culturas com um olhar mais profissional e não tão impressionado faz parte também do trabalho dos diplomatas, e esse cuidado foi percebido nos

relatos analisados no blog *Jovens Diplomatas*. O olhar estrangeiro ou até mesmo diferenciado sobre um lugar exótico ou nosso próprio cotidiano é uma característica da crônica. Assim como uma linguagem leve, com toques de humor, voz autoral, presença de personagens quase sempre anônimos e a participação concreta do autor/narrador.

A passagem dos diários de papel – representados neste trabalho pelos relatos de viagem e cartas – para o meio virtual é um exemplo das mudanças que vem passando o mundo em que vivemos, mas o objetivo é quase o mesmo. A maior diferença é a alteração da privacidade. O que antes era privado e íntimo, passa a ser público e compartilhado. Mas o público é apenas a divulgação e a possibilidade de interação com os leitores, já que o texto continua sendo escrito apenas pelo autor e sobre as situações que só ele vivenciou.

É aí que entra a crônica, que tira um pouco das confissões e impressões pessoais e trabalha com uma linguagem mais informativa, mais precisa e tendo em consideração que seu leitor aumentou para um público que nem sempre é conhecido por ele. Os temas abordados acabam sendo mais universais e compreensíveis ao leitor. No caso, internauta. É perceptível que muitos acompanham o blog pelo interesse na carreira e, pela localização geográfica dos acessos, também pode-se dizer que outros leitores são diplomatas que procuram saber sobre o cotidiano de seus pares. Outra possibilidade, percebida pela autora deste trabalho quando comentava sobre o objeto de estudo com seus colegas, é a leitura por parte de pessoas que não têm ligação com a diplomacia ou com os diplomatas em questão, mas se interessam por assuntos diplomáticos e por relatos de viagem.

Nos dois primeiros casos, a interação com os diplomatas que escrevem no blog é maior. E isso fica claro nos comentários, já que eles deixam explícito o interesse no blog e na carreira. No último caso, a participação limita-se à visualização e à estatística de acesso do veículo. A escrita leve e a familiaridade do brasileiro com a crônica, estilo tão nosso, também ajuda na reincidência da leitura. Quando o texto propicia a identificação e a compreensão do leitor, é grande a garantia de sucesso. Isso explica porque o formato crônica é tão bem-vindo na cultura brasileira e é utilizado por profissionais de várias áreas.

É possível que o fato de alguns dos diplomatas terem graduação na área de Humanas, alguns no Jornalismo, ajude na elaboração de textos nesse estilo. Mas a questão da narrativa ser intrínseca ao ser humano, independente de classe social, gênero, idade ou profissão, também deve ser considerada.

A relação entre o público e o privado e a linha tênue que separa essas duas esferas esteve presente em todo o trabalho. Ainda no primeiro capítulo, ela serviu de base para entender a transição do diário de papel, escrito íntimo, para o diário virtual, o blog. Em seguida, para tentar compreender a figura pública do diplomata escrevendo sobre assuntos privados em um veículo privado – pelo fato de não ser institucional do MRE –, mas sobre um cargo que só foi alcançado e um país que só foi visitado graças a um concurso e um emprego público.

A formação do diplomata pelo Rio Branco conta com leituras sobre diversidade cultural, além de aulas sobre cultura e valores locais quando são definidos os países que vão em missão. Esses aprendizados, juntamente com a vivência com outros colegas ajudam na construção do outro de modo igualitário, o que pode ser percebido do tom não depreciativo a respeito de outros povos, que são valorizados nos textos do blog.

O número de leitores que comentam as postagens do blog *Jovens Diplomatas* poderia ser maior, mas o potencial para a interatividade e a abertura tanto da ferramenta quando dos diplomatas é o fundamental para uma esfera pública interconectada. O fato de termos figuras públicas, funcionários do governo abrindo esse canal de comunicação, dá uma sensação de direito e de dever nosso, de sermos mais cidadãos e mais interessados, mais observadores e mais participantes do que acontece no mundo e que tem consequência direta ou indireta no nosso país.

Alguns questionamentos importantes continuam em aberto, como a natureza desse diário virtual. Seria ele uma releitura dos diários de papel, que acompanhou as mudanças tecnológicas? Ou seria algo novo, ainda sem classificação? Ao acreditarmos no ditado que na natureza nada se cria, tudo se copia, vamos ao encontro da primeira suposição, na tese da continuidade em que as novidades são apenas adaptações de ações já existentes. A outra seria uma exemplificação concreta da descontinuidade, na quebra de costumes e na formulação de novos.

Outro é a questão da exposição e espetacularização, trabalhada por Debord. Em uma sociedade onde tudo é espetáculo, um blog que não tem interesses financeiros, nem busca por visibilidade estaria dentro desse perfil? Como não concorrem a cargos públicos que precisam de votos da sociedade, não é preciso que esses diplomatas se tornem conhecidos pelos cidadãos. Será que os jovens diplomatas são uma exceção à regra onde até as pessoas viraram mercadorias, ou são consequência desse meio, já que o blog onde escrevem é um produto dessa nova sociedade que procura tornar tudo visível? Já que entre o ser e o ter, o importante é parecer?

O presente trabalho não procurou trazer conclusões, mas possibilidades para futuros estudos. Um deles é um maior aprofundamento na classificação crônica diplomática. A combinação de um gênero tão brasileiro, com uma estrutura simples, com textos de linguagem leve e de ordem cronológica, mas com assuntos específicos de uma classe, os diplomatas.

Encerramos este debate e abrimos outros com o posicionamento de Arendt (2007), defendido por nós, sobre a valorização da exposição e a necessidade do equilíbrio. Desde o surgimento das esferas pública e privada na Grécia Antiga, coisas precisavam manter-se reservadas e outras tornadas públicas. Essa necessidade de separação permanece até hoje. As coisas pertencentes a uma esfera ou a outra podem ter se deslocado, mas o equilíbrio entre elas deve ser constante, independentemente de momento. Mesmo tendo novas ferramentas para se expressar e interagir com as pessoas, é necessário ter em mente que nem tudo precisa ser compartilhado.

E mesmo nessa sociedade espetacularizada, o blog *Jovens Diplomatas*, como produto dessa cultura, mostra que nem tudo segue o fluxo sem questionamentos. Um veículo que não tem a pretensão de ganhar fama ou de supervalorizar o eu, mas de cumprir a função diplomática de informação para seus conterrâneos brasileiros e da necessidade humana de contar histórias. Papel esse que vai além de suas obrigações com o Governo.

REFERÊNCIAS

- APRÍGIO, André. **Diplomacia Digital e o papel do “novo diplomata”**. 2010. Disponível em: <http://mundorama.net/2010/06/18/diplomacia-digital-e-o-papel-do-%E2%80%9Cnovo-diplomata%E2%80%9D-andre-e-ribeiro-de-souza-aprigio/>. Acesso em 05/01/2014.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Ed Forense Universitária, 2007.
- BAITELLO Júnior, Norval. **A era da iconofagia: Ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BARROS, Loan Mendes de. A diluição das fronteiras no campo da Comunicação em tempos de interculturalidade. In: BUITONI, Dulcília; COELHO, Cláudio; COSTA Carlos et al. **Esfera pública, Redes e Jornalismo**. Rio de Janeiro: Ed E-papers, 2009.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1980.
- BIGNOTTO, Cilza; JAFFE, Noemi. **Crônica na sala de aula**. São Paulo: Itaú Cultural, 2004.
- BLOOD, Rebeca. **The weblog handbook: practical advice on creating and mantaining your blog**. Cambridge: Perseus Publishing, 2002.
- BUITONI, Dulcília H Schroeder. **Imagens contemporâneas: complexidades e interfaces**. *Líbero – São Paulo – v. 15, n. 29, p. 71-80, jun. de 2012*
- _____. **Registro imagético do mundo: jornalismo, embrião narrativo e imagem complexa**. Compós, 2010.
- _____. Uma espécie de jornalismo literário. In: BUITONI, Dulcília; COELHO, Cláudio; COSTA, Carlos et al. **Esfera pública, Redes e Jornalismo**. Rio de Janeiro: Ed E-papers, 2009.
- CÂNDIDO, Antonio, et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.
- COELHO, N. P. Cláudio et al. Eixos investigativos da linha de pesquisa “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento”. São Paulo: **Líbero**, v. 15, n.30, p. 9-18, dez. de 2012.
- CORRÊA, Elizabeth Saad. As mídias sociais e o ciberjornalismo: reconfiguração de vozes. In: BUITONI, Dulcília; COELHO, Cláudio; COSTA Carlos et al. **Esfera pública, Redes e Jornalismo**. Rio de Janeiro: Ed E-papers, 2009.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- DIPLOMATAS, Jovens. Disponível em: <jovensdiplomatas.wordpress.com>. Acesso em: 10. jul

2014.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. São Paulo: Papirus, 2001.

GIRARDI JUNIOR, Liráucio. Trocas simbólicas no ciberespaço e o processo de construção de esferas públicas interconectadas. In: BUITONI, Dulcília; COELHO, Cláudio; COSTA Carlos et al. **Esfera pública, Redes e Jornalismo**. Rio de Janeiro: Ed E-papers, 2009.

GOBO, Karla. **Noblesse d'état**: Gênese e estrutura do campo diplomático brasileiro. 2013.

Disponível em:

<http://www.forumcienciapolitica.com.br/anais/2013/especific_files/papers/6N2P.pdf?v=0310>

Acesso em: 15. Jul 2014.

GOES FILHO, Paulo. **O clube das nações**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2003.

HABERMAS. Political communication in media society: does democracy still enjoy an epistemic dimension? The impact of normative theory on empirical research. In: *Communication Theory*, v.16, 2006, p. 411-426. (Versão traduzida para o português: HABERMAS, J. **Comunicação política na sociedade mediática**: o impacto da teoria normativa na pesquisa empírica. Trad. Ângela Marques, Líbero, n.21, junho 2008, p.9-22).

LAFER, Celso. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LEMOS, André. Nova esfera conversacional. In: BUITONI, Dulcília; COELHO, Cláudio; COSTA Carlos et al. **Esfera pública, Redes e Jornalismo**. Rio de Janeiro: Ed E-papers, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Ed. Manole, 2009.

LIMA JUNIOR, Walter. Mídias sociais conectadas e jornalismo participativo. In: BUITONI, Dulcília; COELHO, Cláudio; COSTA Carlos et al. **Esfera pública, Redes e Jornalismo**. Rio de Janeiro: Ed E-papers, 2009.

LUBENOW, Jorge Adriano. Esfera pública e democracia deliberativa em Habermas. Modelo teórico e discursos críticos. **Kriterion** vol.51 no.121 Belo Horizonte, junho 2010.

MAGALHÃES, J. C., **Diplomacia Pura**. Lisboa: Bertrand Editora, 1996.

MAIA, Rousiley M.C. Esfera pública e os media na trajetória do pensamento de Jurgen Habermas. In: BUITONI, Dulcília; COELHO, Cláudio; COSTA Carlos et al. **Esfera pública, Redes e Jornalismo**. Rio de Janeiro: Ed E-papers, 2009.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos.** Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2013.

_____. Da esfera pública à blogosfera a partir da estética da comunicação. In: BUITONI, Dulcília; COELHO, Cláudio; COSTA Carlos et al. **Esfera pública, Redes e Jornalismo.** Rio de Janeiro: Ed E-papers, 2009.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano.** São Paulo: Summus, 2003.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3. ed. rev.ampl. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.

MOURA, Cristina Patriota de. **O Instituto Rio Branco e a Diplomacia Brasileira: um estudo de carreira e socialização.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

MRE. http://www.institutorio Branco.mre.gov.br/pt-br/a_carreira_de_diplomata.xml

NAPOLEÃO, Thomaz. **O outro Paquistão.** Disponível em: <https://jovensdiplomatas.wordpress.com/2012/10/04/o-outro-paquistao/> Acesso em: 15 jan. 2015

SCHITTINE, Denise. **Blog: Comunicação e escrita íntima na internet.**Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2004.

SENHORAS, Elói Martins. **A autonomia relativa do Itamaraty diante de deslizos e desgastes diplomáticos,** 2013. Disponível em: <http://mundorama.net/2013/08/31/a-autonomia-relativa-do-itamaraty-diante-de-deslizos-e-desgastes-diplomaticos-por-eloi-martins-senhoras/> Acesso em: 4 out. 2014.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Esfera pública interconectada, blogosfera e redes sociais. In: BUITONI, Dulcília; COELHO, Cláudio; COSTA Carlos et al. **Esfera pública, Redes e Jornalismo.** Rio de Janeiro: Ed E-papers, 2009

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Relações internacionais do Brasil: de Vargas a Lula.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008.

ANEXOS

Brisas de Bissau (23) – Batuta (balanços, missões, doce de caju com brie) ¹⁸

Publicado em 21/04/2013 por Eduardo Mello

batuta

*na etérea busca
do presente sempre passado,
no mecânico ofício
de dar corda aos sentidos
ao compasso do minuto,
do relógio roubei
o ponteiro das horas:*

* * *

Pairo sobre a experiência. Leitor dos pequenos feitos alheios, do espanto próprio do cotidiano, visto sob a métrica de partituras ao vento. Muito corri atrás da bola nas intermináveis tardes da infância; busco, agora, unidade interpretativa. Respirar a beleza aleatória dos encontros fortuitos, é questão de vida ou vórtice: vá idoso!, vá idade! Já vislumbramos, a essa altura, que o diplomata não tem capacidade técnica para construir pontes; deve, porém, projetá-las. Nunca houve tantos polos, nunca houve tantos dados.

Neste mundo propositalmente dividido, a dinâmica dos conflitos só pode ser compreendida por visão panorâmica. Iluminista, não-cartesiana. A percepção sonora, a compreensão de contrapontos e harmonias, os gestos protocolares. Diplomata e regente: o movimento, silencioso; a melodia, alhures. A organização das referências, para que o grupo execute a música. *Boca fitchadu ka ta entra mosca*, diz Manecas. Mas de boca fechada não *sai* mosca, diria Nicanor. E já começo, já começamos, meus amigos, a fazer balanços. Nas ideias, na varanda.

* * *

A Passarela dos Combatentes, que alguns chamam Avenida, está mesmo em fase final de reforma. Prometeram asfalto, mas o que se lê, neste sábado de Carnaval, é metáfora: fazendo jus

¹⁸ As imagens foram retiradas por serem meramente ilustrativas e não influenciarem na análise.

ao nome, pavimentou-se de gente. Bissau, grande família, desfila em direção à Praça dos Heróis Nacionais. Na rua ideal, sem automóveis, retorno lentamente do futebol, em meio à multidão de irmãos e crianças, ladeado por publicidade gasta de guerra (*“Com Maggi, toda mulher é uma estrela na cozinha”*).

Do novo hotel, no bairro Santa Luzia, parto para a Praça dos Heróis Nacionais, em companhia do Luis, policial federal, amigo de todas estas longas horas. Aguardamos a chegada dos grupos que disputam o Carnaval, na Confeitaria Império, de onde se avista o mar. O desfile começa próximo ao Porto, sobe a rua da Catedral, até a Praça, onde estão autoridades e jurados. As escolas representam as tradições de cada etnia, ou bairro, ou comunidade, entre um crocodilo e outro.

* * *

Em intensos cinquenta dias, nossa cooperação técnica e nossa cultura movimentam a cidade. O Grupo de Teatro Maria Cutia, de Minas Gerais, em turnê pelos países africanos lusófonos, cria afinidades instantâneas, em oficina para atores do “Língua de Bode”, grupo apoiado pelo Centro Cultural; alegra as crianças da Comunidade São Paulo e do orfanato Casa Emanuel; afaga fronteiras religiosas no bairro Quelelé. E coroa sua passagem com uma apresentação de rua, na Praça, lotada de crianças de todas as partes, dessas que andam soltas e sem medo pela cidade. E se divertem, às gargalhadas, com as brincadeiras do grupo.

A missão da Secretaria de Direitos Humanos prossegue no projeto sobre registro civil, e implementa acordo que inclui o ensino de direitos humanos no currículo escolar. Como se não bastasse, está presente na delegação, em plena Guiné-Bissau, Rafael, colega no Instituto Rio Branco (mais conhecido, na imprensa brasileira, como “Um Potiguar de Sucesso”). A Polícia Federal dá sequência aos cursos-piloto do Centro de Formação das Forças de Segurança. Pensa-se na proximidade de litorais, na lógica do trajeto organizado, que já não se pode enfrentar sem ampla cooperação internacional. No cruzamento da Chapa de Bissau, um dos guardas de trânsito usa a camiseta do curso.

Pelo projeto da escola comunitária, temos missão composta por ABC, Unesco, Fundação Gol de Letra, Instituto Ethos. Acompanhados pela equipe do Canal Futura, que vem fazer série de reportagens, e solicita intermediação para entrevistar autoridades locais. Nova missão do Ministério da Saúde, no projeto de luta contra o HIV, que apoiou, com participação da Fiocruz, a criação de laboratório de análises, e agora trabalha com o Ministério local em campanha de prevenção. Nova missão do FMI, chefiada por um brasileiro, para avaliar o acordo de apoio a

países pobres altamente endividados. Juntam-se a todos nós alguns brasileiros da Iracema, a importar caju.

* * *

Formatura do “Sim, Eu Posso”, projeto de alfabetização de adultos, da Guiné e de Cuba, tendo o Governo local pedido sala para uma das turmas – uma formanda lê, pela primeira vez, uma carta de agradecimento /

Reunião no Ministério da Economia, o Secretário de Estado pede informações sobre nosso programa de financiamento de máquinas agrícolas – doutor por universidade alemã, fala da “novidade que vem sendo tudo isso de cooperação sul-sul” /

Visita de missão da Cruz Vermelha, uma francesa e um senegalês, interessados em saber nossa opinião sobre o atual momento do país, especialmente o início da Missang – é estável cette relatif stabilité? /

Reunião na fundação de desenvolvimento industrial, que recebe nosso apoio no projeto de processamento de caju – serve-se refresco de cajuína, idéia desenvolvida em parceria com a Embrapa, para futura industrialização /

Inauguração do escritório da Interpol em Bissau, e a opinião do Conselheiro da Embaixada da China – o Governo cede servidores de vários órgãos policiais e de fiscalização da Guiné-Bissau /

A recente missão do Ministério da Saúde, no projeto contra a violência de gênero, respira aliviada – recebe alta, já no Brasil, a colega que esteve hospitalizada por contrair malária /

Um dos motoristas da Embaixada liga, desesperado, que salvem a galinha que esqueceu no porta-malas do carro! Comprou-a com desconto, para data comemorativa que tardará a chegar – a galinha não resiste ao calor.

* * *

Custa muito encontrar brasileiro que não se encante com as gentes, com a música, com a atmosfera da cidade. Custa ainda mais encontrar quem não esqueça, um pouco, o burocrático dever, e trabalhe sob o alucinógeno efeito da *guinendadi*. Terminado o trabalho, as missões

acabam por se misturar nos almoços, nas discotecas, nas ilhas, mesclando-se também na memória. A identificação imediata entre nós e alguns de nossos antepassados torna cada missão uma festa: de dia, a satisfação do trabalho justo, laico de valores e de cifras, disseminador de cidadania e cioso da diferença; à noite, a celebração da vida, pela inebriante, inconsciente constatação de que a alegria surge fácil neste recanto de escassez e simplicidade.

Amistoso no estádio Lino Vieira: combinado guineense contra o Resto do Mundo, a maioria brasileiros. Os grupos Netos de Bandim e Mindjeris di Tina, no Centro Cultural. No bar Mobs, noite especial para a gravação do programa do Futura, com um pintor ao vivo, com a música de Karina, Atanazio, Binham, Rui Sangara. A obrigatória sequência ao som de *kizomba* e de *semba*, no X-Klub ou na Plack. As noites na Adega, restaurante português, da espetada de tamboril – “ó, ligaram da Adega pra avisar que chegou picanha do Uruguai”. Onde toda sexta, um dos donos, Miguel, larga a bandeja e dá vida ao violão, enquanto sua mãe entoa fados.

Os jantares no Bistrô, restaurante do belga, em velha casa cercada pelo escuro, mas sem medo quanto à segurança. A pizza pode até demorar, mas todos temos tempo. O Embaixador, de imperturbável cordialidade, fala com otimismo. No outro lado da mesa, esses brasileiros tentam convencer o belga de que sim, é verdade, fazemos pizza doce no Brasil, assim, ó, tenta com chocolate e abacaxi, ahhh, tá começando a ver que pode ficar bom, viu só? E, sobre aquele inusitado busto do Lênin, ele explica que encontrou em escombros do conflito de 98-99.

As missões terminam no restaurante Dona Francisca, aberto, onde servem-se, em mesa infinita, os enormes camarões-tigre. Terminam no almoço para as delegações, na Residência Oficial, onde Embaixador e Embaixatriz fazem todos sentir-se em casa, como mandam o figurino e a Constituição. Desta vez, entretanto, levo um puxão de orelhas da Embaixatriz, ao recusar a sobremesa, doce de caju com queijo *brie*. “Ó, garoto, fui eu que preparei, você não vai nem provar, só gosta de pudim, é?”. O Embaixador pergunta como escaparei desta, a mesa se diverte. Melhor mudar de ideia: não só provo, como até repito, caju com *brie*... E, felizmente, convenci a Embaixatriz de que gostei. Tempos depois, a sobremesa foi pudim.

* * *

Depois de tanto trabalho – deste trabalho que é dever e conviver, sentir e pressentir – é hora de férias. Foram dois meses de missões e notícias positivas. Tempo de despedir-se dos amigos do Palace Hotel – cujo incerto futuro transparece nos resignados olhos. E não é que a funcionária da TAP, no aeroporto de Lisboa, faz cara de problema, pede *imensas desculpas por erro na sua reserva, dou-lhe já uma solução, o senhor se importaria de trocar da classe econômica para business?*

Brisas de Bissau (6) – Travessia¹⁹

Publicado em 02/07/2011 por Eduardo Mello

Travessia

*do Porto triste em que adeuses nos abraçam
iço vela, e nela levo o traço
dos cabelos que me enlaçam
e em um poema me desfaço*

*firos de versos revoltos
sobre meu olhar afogado
mergulho dedos envoltos
em seu suspiro ondulado*

*ouço mar na concha das nostalgias
ela sonha brisas da vida que tanto priva
traz o afresco úmido de novas maresias
nossa cama, mais uma vez, à deriva.*

*é outra margem, ou a mesma terra?
reabro os olhos, menos uma vez
esqueço as ampulhetas
a areia que mina certezas
e o vento vai secando memórias.
ela desperta em meus braços
sorri, enfim, com um beijo de sal,
Guiné-Bissau*

*fazemos amor
em mais um continente.*

¹⁹ As imagens foram retiradas por serem meramente ilustrativas e não influenciarem na análise.

Kuduru é o pão de Bissau, uma grande baguete vendida em baldes e arrabaldes. É preciso muito cuidado com a alimentação, mas não há como resistir a um *kuduru*. Chego em casa comendo já na rua, pra ver se animo a Diplomatriz. Com que expressão ela abrirá as portas hoje? Ué, gurria, andou chorando? Mas há ostras em Quinhamel, à beira do Rio Geba, e hoje é dia de cinema. Não há cinema regular por aqui, apenas no Centro Cultural do Brasil, no de Portugal e no da França. Antes de começar, o Álvaro, do audiovisual, passa clipes musicais de Angola, de Cabo Verde, de *rappers* americanos. As crianças dançam nas cadeiras, todos cantam e assobiam. A platéia é negra pura, e a pequena Juana alisa o cabelo da Diplomatriz, que destoa: nunca havia notado como essa gurria é branquela!

A Embaixada recebe missão da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e da Polícia Federal, no projeto da futura academia de polícia da Guiné-Bissau, a ser criada com o apoio do Brasil. Deram sorte: assistirão à inauguração da Arena do Centro Cultural. *Daqui a pouco o cantor chega, Eduardo, vens aqui para recebê-lo?*, pergunta a Sônia, Oficial de Chancelaria e coordenadora do Centro.

A primeira atribuição dada pelo Embaixador foi essa, cuidar do Setor Cultural. Noite quente, Arena cheia, imprensa, autoridades, comunidade brasileira, diplomática, vai começar. Ihhh, o Embaixador chamou, me dei mal... *Eduardo, então faça a apresentação do artista, certo?* Hm, claro, Embaixador, pode ser... a-agora? *Sim*. Álvaro, microfone pronto? *Sim, Secretário, pode começar*.

“Boa noite, senhoras e senhores, a Embaixada do Brasil e o Centro Cultural agradecem a presença de todos... [o Embaixador assentiu com a cabeça, a Embaixatriz sorriu, acho que é por aí, mas presta atenção, p-]... hã... em especial aos alunos do nosso Centro Cultural e... bem... hmm... Nada melhor para celebrar as relações Brasil-África do que um artista que se diz afrolatinoamericano, não? [ih, ninguém achou muita graça, nessa, que m-]... hã, então... palmas para Ramiro Naka e Afro-GUMBÉ! Show”...

Em “Na diplomacia, o traço todo da vida”, o ex-Chanceler Mario Gibson Barboza narra que, em visita ao continente africano em 1972, a delegação pôs-se a dançar na Costa do Marfim. 38 anos depois, por causa de visitas como aquela, já não nos surpreendemos com a sonoridade comum. O “Projeto Bissau Canta Brasil” celebra essas semelhanças, com músicas brasileiras no repertório dos músicos convidados. Martinho da Vila é presença certa. Os guineenses dançam em frente à banda, vem um, vem outro, entra pulando e trançando as pernas, convidam os brasileiros, aquele dança frevo misturado com porta-bandeira, e até um policial federal aceita o convite para improvisar um samba. A diplomacia cultural contribui para dar maior visibilidade à cultura brasileira. Não busca resultados de curto prazo, econômicos ou políticos, nem o retorno indexado do coquetel realizado. Aproxima diálogos e povos, articula pontes para visões do Brasil. Entendeu agora, Dona Nadja?

Para compor um bom romance, ou uma série de crônicas saudades, é necessário convencer o leitor da realidade das conversas, do cheiro das palavras, das circunstâncias da história. O diplomata precisa ser um pouco escritor para traduzir em telegramas todas as dimensões de um país, e por isso deve pensar além dos gabinetes, desvendar recantos do país, conhecer etnias, religiões e, até, caminhões psicodélicos, como fazem jovens diplomatas no Paquistão.

A primeira expedição para o interior é até a praia de Varela, junto à fronteira com o Senegal. As estradas e pontes são estreitas, mas muito razoáveis para as condições locais, e muitas delas foram recuperadas com o apoio da União Européia. Atravessamos o mercado de Bula, em meio ao chão batido das casas de adobe, e a uma multidão de comerciantes bichos frutas poeira calor cenadefilme. Após São Domingos, uma hora e meia em estrada de chão. É tempo de colheita: o interior, seco e quente, tem vento de caju. Em uma caçamba lotada são entoadas canções nativas, enquanto dezenas de crianças correm atrás de uma só bola em campos de futebol escondidos na mata.

A pousada é rústica, o bangalô tem cama – tamanho normal, tamanho normal – com mosquiteiro, luz por algumas horas à noite. Na praia semideserta há vestígios de casas antigas, por onde circulam homens com catanas. É um misto de isolamento e passado: como é possível um balneário desses sem qualquer exploração econômica? À frente passam mulheres com baldes na cabeça, e uma menina que poderia ter muitas perguntas. Olhar para trás apenas leva mais longe na viagem pelo tempo: um tipo de maloca indígena em plena praia, de onde sai uma esguia nativa, que, saia de palha, leva os jovens seios para passear entre as palmeiras.

Já Mamassil tem uma enorme ferida nas costas e quer biscoito: *bu tene bulatcha?* Brinca com Fafé, de poucas palavras. Um ferido, outro farrapo, a acreditarem em castelos de areia. Jamais poderia imaginar, quando construía meus castelos ainda sem princesas, lá na outra margem, que um dia estaria quase no Senegal, tentando falar Crioulo, em um mar parecido com o do nosso Nordeste. Aliás, a Diplomatriz parece estar calculando a direção para nadar até a Lagoa dos Patos, o Rio Guaíba, e sair direto no centro de Porto Alegre, melhor ficar de olho...!

Estamos de volta à nova casa. Vou correr, vou sentir as ruas, respirar automóveis a diesel, desarmar olhares curiosos na Avenida-Passarela. Com a camiseta do Brasil, pra não ser confundido com brancos de olhos azuis. Mas o piá que me observa do alto do latão enferrujado, uns quatro anos de idade e cara de assustado, confunde-me, nem adianta eu fazer sinal de positivo. Ele ameaça uma careta, arregala os olhos, e sentencia pra toda rua ouvir: *BRAAAAAAANKU!*

Índia e Paquistão: a fronteira da meia-noite

Publicado em 04/10/2013 por Thomaz Napoleão

Na obra-prima do realismo fantástico indo-britânico, *Os filhos da meia-noite*, Salman Rushdie narra as desventuras telepáticas de um homem nascido no instante exato da independência indiana, no primeiro minuto de 15 de agosto de 1947. É um rebento de hindus pobres, mas será erroneamente criado por uma rica família muçulmana, pois foi trocado na maternidade. Esse engano original determinará os destinos de Salim Sinai, o protagonista que contém a Índia inteira em si. Há um equivalente geográfico para a metáfora de Rushdie sobre as identidades tragicamente paradoxais do subcontinente. Trata-se da fronteira de Wagah.



Não fosse por um acidente histórico, Wagah seria apenas mais um entre os centenas de povoados multicoloridos do Punjab, a fértil província indiana dos cinco rios. Mas o acidente ocorreu. E continuou ocorrendo, com violenta teimosia. Graças à partição caótica de 1947 e às guerras fratricidas das décadas posteriores, Wagah é hoje a única passagem aberta nos três mil quilômetros da linha imaginária que une e separa Paquistão e Índia.



A cada amanhecer, centenas de ônibus e [caminhões psicodelicamente decorados](#) percorrem a *Grand Trunk Road* e atravessam a divisa em Wagah. Transportam gado e gente, badulaques e

preciosidades, histórias e lembranças. A cada anoitecer, porém, Wagah se transforma em palco. Começa um dos espetáculos mais inusitados da política internacional: a extravagante cerimônia militar de fechamento da fronteira indopaquistanesa.



Os atores dessa ópera bufa são soldados em trajes de gala, medalhas no peito e penugens no cocoruto. Os paquistaneses vestem preto, os indianos marrom. Todos portam barbas ou bigodes imponentes e são pelo menos vinte centímetros mais altos que a média do subcontinente. Sob as ordens de seus comandantes, os estóicos guardas gesticulam, rosnam, esbravejam, desfilam e chutam o céu. Seus extraordinários passos de ganso são bastante sugestivos para os admiradores de [Monty Python](#).



O desfile militar é acompanhado com idêntico fervor nas duas metades do anfiteatro geopolítico de Wagah. Mas há diferenças entre as torcidas organizadas dessa final de um campeonato que nunca termina. Nas arquibancadas indianas, a multidão de espectadores é amorfa: nada separa locais de estrangeiros, mulheres de homens, crianças de idosos, sábios de tolos. Já no lado paquistanês, impera uma rígida divisão por gêneros, e os raros forasteiros são instantaneamente abrigados na fileira VIP.



Em ambos os lados da linha invisível, eufóricos incentivadores de torcida galvanizam a plateia com gritos-de-guerra patrióticos. O tradicional e laico *Hindustan Zindabad* é o favorito dos megafones indianos. Já o público paquistanês prefere uma profissão de fé: quando o animador lhes pergunta *Pakistan ki matlab kiya?* (“Qual o significado do Paquistão?”), a resposta é uníssona: *La ilaha Illallah!* (“Alá é o único deus!”).



A cerimônia é animada e intensa, mas curta; dura menos de meia hora. Minutos antes do anoitecer, e em perfeita sincronia, a alviverde paquistanesa e a tricolor indiana descem de seus mastros. Os espectadores lentamente retornam a suas casas. Até a manhã seguinte, não haverá nenhuma fresta aberta para o tráfego entre os dois rivais-irmãos nucleares da Ásia Meridional.



A cerimônia de Wagah se repete diariamente, quase sem alterações, há pelo menos meio século. Ocasionalmente, a Índia convoca soldadas femininas para fechar a fronteira, o que jamais acontece no outro lado. O trunfo dos paquistaneses era diferente: um velhíssimo animador de torcidas chamado Mehar Din, pequenino e carismático como um gnomo ufanista. Seu apelido era *Chacha Pakistan* (“tio Paquistão”). Todo dia, sob sol ou chuva, o *cheerleader* mais idoso do mundo comparecia a Wagah para agitar fervorosamente a flâmula de um país muito mais jovem que ele próprio. Tornou-se ícone nacional.



Chacha Pakistan faleceu no ano passado, aos 90 anos. Sua família não tinha dinheiro para interná-lo no hospital de Lahore. A bandeira que dava sentido a sua vida também lhe serviu de mortalha.

O outro Paquistão

Publicado em 04/10/2012 por Thomaz Napoleão

Nestes tempos de instabilidade, intolerância e incompreensão entre crenças e culturas, retomo este espaço para contar a história de um Paquistão muito diferente daquele lamuriado pela imprensa ocidental.

Refiro-me ao Norte. O Karakoram. As montanhas.

Outras gentes, outros idiomas, outras paisagens, outras vidas.



Vale do Kaghan

Estamos no território do Gilgit-Baltistão, reivindicado pela Índia mas governado pelo Paquistão. Aliás, governado por si mesmo: até trinta anos atrás, a autoridade dos paquistaneses das planícies praticamente não roçava esta terra de cordilheiras.

Então, em 1979, em mais uma demonstração da indômita e visionária teimosia do ser humano, foi inaugurada a estrada asfaltada mais elevada e tortuosa do mundo: a rodovia do Karakoram, que percorre 1300 quilômetros entre a periferia de Islamabad e a cidadela uigur-chinesa de Kashgar.



Crianças do Kohistão

A estrada costura uma colcha deliciosamente incoerente de retalhos culturais. Até a consolidação definitiva do Raj britânico, em fins do século 19, esta região era um emaranhado de minipotências beligerantes e microrreinos rivais, cada um com língua e identidade próprias. Imagine-se uma corrida armamentista entre o potentado de Skardu e o principado de Shigar! Ou, talvez, um tratado de defesa mútua entre as cidades-estado de Gilgit e Chitral, ambas ameaçadas pelos mortíferos ladinos do vale de Hunza.

Para a felicidade do (raro) estrangeiro que visita a região, há numerosos vestígios dessa época, digamos, pré-moderna: fortalezas de pedra, casebres de madeira e bigodes extraordinários.



Guarda do Forte de Baltit, Karimabad

Indiferentes às querelas antigas e modernas entre homens mesquinhos, as montanhas são as verdadeiras soberanas do Gilgit-Baltistão.

Afinal, o Karakoram (“pedregulho negro” em turco) é a continuação geológica do Himalaia, a leste; do Hindu Kush, a oeste; e dos Pamires, a noroeste. Essas quatro cordilheiras irmãs, filhas da titânica colisão entre a Índia e o restante da Ásia, compõem o maior anfiteatro topográfico da Terra.



Passagem de Babusar

Aqui mora, por exemplo, o Nanga Parbat, forte de oito quilômetros de rocha, neve e cadáveres – nele jazem mais de 60 alpinistas fracassados.

A humanidade vingará essas mortes de maneira desleal: com o aquecimento global, o Nanga Parbat e seus vizinhos gradualmente perderão suas camadas de neve eterna. Ficarão nus, ríspidos e tristes.



Os [inconfundíveis caminhões psicodélicos paquistaneses](#) são o principal elo entre esta região e o resto do país. Elo econômico – o transporte de alimentos, combustíveis e outros bens vitais – mas, sobretudo, elo cultural.

Ao singrar a rodovia do Karakoram, vindos das terras quentes do Punjab e do Sindh, os motoristas se tornam embaixadores da identidade paquistanesa. Disseminam o idioma urdu numa terra falante de idiomas obscuros, como o balti, o shina e o burushaski. Ensinam a paixão pelo críquete a um povo habituado ao polo. Criam famílias. Deixam amores. Alguns são vítimas de deslizamentos, nevascas e outros desastres da estrada. Poucos envelhecem. Nenhum enriquece.



Caminhão na rodovia do Karakoram

Para além de Gilgit, entramos no domínio da facção ismaelita da fé muçulmana. Ao contrário da grande maioria da *ummah*, aqui há uma autoridade religiosa suprema: o Aga Khan (“senhor rei”), que recompensa seus fiéis com [universidades](#), [pontes](#), [centrais elétricas](#) e [hotéis de luxo](#). O Islã, nestas paragens isoladas, tende a ser mais liberal que nas demais regiões paquistanesas. O forasteiro é recebido com festa: damascos maduros, chás quentes, caretas infantis.



Leitores mais atentos deste blogue terão percebido que [já descrevi uma road-trip semelhante](#), poucas centenas de milhas a noroeste, no Tadjiquistão.

Mas há muitas diferenças entre a estrada stalinista dos Pamires – desolada, hostil e ensimesmada, construída para defender territórios – e a rodovia moderna do Karakoram, fértil e cosmopolita, concebida para integrar civilizações.



Flora do Karakoram

Como aprendi no primeiro ano das aulas de geografia, onde houver aquíferos corpulentos e desníveis topográficos, haverá rios permanentes; onde esses rios forem cercados por montanhas, haverá lagos.

A aritmética lacustre do Karakoram é especialmente generosa. Há lagos em todos os cantos, lagos de todas as formas, lagos de todas as cores, lagos que viram geleiras.



Geleira de Hopar

Há, inclusive, lagos recém-nascidos, como o Attabad, que veio ao mundo em 2010, quando uma avalanche de proporções bíblicas bloqueou o rio Hunza e submergiu 20 quilômetros da rodovia do Karakoram. O neolago afogou diversos vilarejos e deixou 30 mil pessoas totalmente isoladas, quase sem eletricidade, alimentos e combustível. O extremo norte do Paquistão foi amputado. Apenas barcos pesqueiros (apesar da ausência de peixes) podem chegar ao outro lado. A partir daqui, já não circulam os caminhões psicodélicos que unificam o país. Embora o Attabad esteja a quatro horas de jipe da fronteira chinesa, o lago efetivamente marca o fim do território paquistanês.



Lago Attabad

A viagem literalmente culmina na passagem do Khunjerab, a 4.700 metros de altitude, onde termina a Ásia meridional. É também a fronteira entre dois países incomensuravelmente distintos, mas solidamente aliados. Deste lado, o desordenado *smorgasbord* de cores, línguas e sons do Paquistão montanhoso. Do outro lado, a disciplina e o desenvolvimentismo centralizados do Xinjiang, a província muçulmana e túrquica da [China](#). E a China, bem, a China é tema para outros textos e outras conversas.



Passagem do Khunjerab, fronteira sinopaquistanesa

O Sudão visto da janela de casa

Publicado em [24/07/2011](#) por [krishnamonteiro](#)

Por um paradoxo singular, minha vida aventureira mais me devolveia o antigo universo do que me abria um novo, ao passo que este que eu pretendia dissolvia-me entre meus dedos.

Tristes Trópicos, Lévy-Strauss

Ao contemplar Cartum pela janela de casa, muitas vezes me surpreendo diante cenas de outros tempos.

Tenho, então, de concordar com meu amigo João Fellet, jornalista da BBC, de cujo blog de viagens pela África(<http://candongueiro.wordpress.com/page/5/>) tomei a liberdade de emprestar a citação de Lévy-Strauss acima.

A “casa” de onde olho é um apartamento no oitavo andar de um prédio no centro de Cartum. Mas, em muitos momentos, a paisagem que por sua janela se descortina não é mais a de uma metrópole erguida no deserto. Torna-se, quase sem que eu perceba, a de uma vila no interior do Sergipe, a de uma cidade litorânea no Espírito Santo, ou a de uma imensa caatinga perdida nos sertões de Pernambuco: todos lugares em que, graças à profissão de meu pai, tive a oportunidade de viver ainda na infância.

Com suas vestes típicas, o homem de Cartum evoca imagens do fundo de minha memória: jeitos de falar, de sentar, modos, sorrisos e cumprimentos que presenciei entre os cinco e doze anos. Cenas que há muito julgava esquecidas.

As mangueiras, as ruas de terra, as árvores altas e ondulantes como palmeiras tornam-se, de repente, as do interior do Brasil. E a janela de casa transmuta-se nas janelas de muitas outras casas brasileiras em que vivi. A forma contemplativa de “olhar o tempo” é certamente a dos mineiros. E também de Minas são estes animais que puxam carroças, alinhados em longas fileiras a perder de vista.

Seres que lembram o Burrinho Pedrês, das histórias de Guimarães Rosa. Homens idênticos aos fortes a que se referiu Euclides da Cunha. Viajantes nômades que poderiam, muito bem, ter o nome de personagens conhecidas: Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais novo e o mais velho. E, é claro, a cadela Baleia. Ainda hoje, da janela de casa, a vi.

O muezzin escala o minarete. Do alto da mesquita, chamando toda Cartum para a prece, entoando uma música que lembra o aboiar dos vaqueiros do sertão. E quem garante que estes não aprenderam os ritmos de seu canto com algum dos “malês”, escravos muçulmanos aqui aprisionados, depois transportados ao Brasil?

O Sudão gera questionamentos como os de Lévy Strauss: “Sobretudo, indagamo-nos: o que viemos fazer aqui? Com que esperança? Com que dificuldade?”

Arrisco-me uma resposta: talvez para, ao captar sinais de semelhanças, de laços indissociáveis entre dois universos, constatar que brasileiros e africanos são, na verdade, habitantes de uma mesma, imensa e multifacetada casa com muitas janelas.

Caminhada

Publicado em [15/07/2011](#) por [krishnamonteiro](#)

No fim de tarde, caminhar às margens do Nilo é viajar no tempo. Por volta das cinco, quando o calor abrasante oferece uma trégua, centenas de homens, mulheres e crianças sudanesas estendem suas toalhas sobre a grama, acendem seus narguilés, preparam o incenso e descansam.

O ritmo é lento, como o fluir das águas do rio. As margens são ocupadas por pequenas fazendas e cultivos. Enquanto homens caminham ceifando e colhendo, cercados por cabras e cães, garotos jogam futebol, meninas riem arrumando o véu sobre os cabelos. Tapetes árabes vermelhos, brancos e azuis tingem a grama de um painel multicolorido.

Cem anos atrás, tenho certeza, esta cena pouco seria diferente. Como Cartum não dispõe daquilo que o olhar ocidental convencionou chamar de “diversão”, o sudanês possui um modo de vida telúrico, cujo ritmo é ditado pela natureza, pelas preces diárias. Não que a cidade não seja uma metrópole, ao contrário: os táxis e riquixás que circulam velozes pelas ruas e avenidas são prova disso. Mas, ao fim de todo dia de trabalho, os jardins e parques públicos são povoados por uma multidão festiva.

Ao vê-los, lembro-me de meus avós, relembro a juventude, rememorando o tempo em que o rio da vida corria sereno. Lembro-me de um Brasil – do interior, das pequenas cidades de meu país – ao olhar para estes homens, crianças e mulheres felizes à beira do Nilo.



Thomaz Napoleão <thomaz.napoleao@gmail.com>

31/01/14 ☆



para mim ▾

Cara Ingrid,

Envio as respostas às suas perguntas e peço desculpas pela lentidão no envio deste email; estou em viagem no norte da África, com acesso infrequente à internet.

- o que levou vocês a criarem essa ideia (quando, como, onde, quem e porquê)?

A proposta surgiu em abril de 2011. Poucas semanas depois de me mudar para Islamabad, contatei cerca de quinze colegas - todos diplomatas em início de carreira, servindo em países em desenvolvimento - para lhes consultar sobre o interesse em criar um veículo para compartilhar suas histórias e relatos da vida nos locais em que trabalhavam. O objetivo era duplo: desmistificar noções preconcebidas sobre a rotina dos diplomatas; e derrubar estereótipos sobre a vida em países considerados difíceis ou perigosos. Por coincidência, dois colegas (Krishna Monteiro, à época no Sudão, e Eduardo Mello, então em Bissau) já haviam discutido proposta semelhante em 2010, mas a ideia não saiu do papel naquele momento.

É importante explicar que a iniciativa, embora seja não-oficial (nunca tivemos pretensão ou autorização de falar em nome do MRE), foi avalizada pelo Itamaraty, por meio da Assessoria de Imprensa do Gabinete do Ministro, logo antes de seu lançamento. O blog jamais teria sido criado sem esse endosso. Mas os textos individuais não precisam passar por qualquer crivo do MRE. A lei exige que diplomatas obtenham autorização oficial apenas para se manifestar sobre temas de política externa - o que não é o caso.

- como funciona o cronograma de postagens (quantas por semana? quantas por pessoa ao mês?)?

Como nossas rotinas são às vezes imprevisíveis e o blog é totalmente voluntário, não há cronograma fixo. Buscamos publicar ao menos duas postagens mensais, mas como você pode verificar no próprio blog, nem sempre isso é possível. Tem havido uma rotação parcial dos autores do blog, o que se explica porque vários dos autores iniciais (2011) já não trabalham mais em países em desenvolvimento e foram substituídos por outros, recém-chegados em suas missões diplomáticas.

Sim, você acertou: também sou formado em jornalismo pela ECA-USP (2002-2006), mas exerci pouco a profissão.

Se precisar de mais informações, é só escrever!

Abraços,
Thomaz



Thomaz Napoleão <thomaz.napoleao@gmail.com>
para mim, Eduardo ▾

06/11/14 ☆



Tudo bom, Ingrid?

Não temos uma política de imagens claramente definida; cada autor é livre para ilustrar, se quiser e como quiser, seus textos no blog.

Posso falar somente por meus posts, e sobre eles digo o seguinte: como também sou fotógrafo amador, acredito que, em alguns casos, as imagens são capazes de expressar minha mensagem de maneira mais potente que as palavras que as acompanham. Acho que o melhor exemplo é o texto-ensaio sobre o Mar de Aral, de 2011 ("O deserto dos navios").

Vários de meus posts, na verdade, são essencialmente ensaios fotográficos intercalados com parágrafos curtos, como você deve ter visto, como o que presta homenagem ao Islã e aquele sobre a fronteira Índia-Paquistão.

Dito isso, as fotos que coloquei no blog não foram tiradas especificamente para esse propósito; simplesmente fotografo o que me parece interessante e importante, e quando é o caso incorporo ao blog também.

Abraços,
Thomaz

...



Eduardo Mello <eduardo.brigidi@hotmail.com>
para thomaz.napoleao, mim ▾

13/11/14 ☆



Olá, Ingrid,
mais uma vez obrigado pelo interesse.

As minhas fotos são mais do que amadoras, por isso não tinha qualquer pretensão além de fazer um pequeno registro para funcionar como auxiliar ao texto.

Acho que as brisas do Paquistão e de Bissau têm aí um inverso paralelo: ora as imagens dizem mais, e textos curtos ensinam a interpretá-las; ora os textos são mais longos, e as fotos ajudam a situar o leitor.